ANO 33.º QUINTA-FEIRA, 14 DE JANEIRO DE 1954 N.º 11.176

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO
DIRECTOR-ADJUNTO — NORBERTO LOPES

TELEFONES: 2 0271, 2 0272 e 2 0273
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: *DIBOA*
REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SÁ
NUMERO AVULSO: 80 CENTAVOS

AMIGOS

Todos nós os temos ou julgamos ter: quando, num aperto de mão ou num afectuoso abraço, manifestamos a nossa Amizade a alguém, queremos dizer que, por laços estreitos, por selecção cordial, nos sentimos ligados a pessoas que nos pagam na mesma moeda. O verdadeiro amigo possui três qualidades essenciais—dedicação, compreensão e vontade de se liberalizar. O egoismo isola o coração, como a neve faz ás casas e aos campos, aos currais e aos ninhos.

Pode o homem fechar-se em si mesmo, privando-se de afectos e de simpatias humanas?

Dificilmente o tenta fazer, visto que todo o seu ser tende a relacionar-se com o seu semelhante, talqualmente, nas vastas florestas, cada árvore é chamada á comunhão de todas as árvores.

Que é pròpriamente a Amizade?

Um sentimento, com fundas raizes biológicas, que nos leva, irresistivelmente, a completar-nos, pedindo e oferecendo aos outros o que eles e nós temos de melhor. Já houve quem afirmasse ser ela uma forma mitigada do Amor, mas não é assim, visto ser cousa diferente. O Amor une dois seres para a vida e para a morte, incluindo-se no problema do nosso Destino.

Schiller e Goethe, que mantiveram, entre si, relações da mais alta e nobre Amizade, nunca se enganaram a tal respeito: o amigo dá tudo, ou não dá nada, desde que o coração o guia e aconselha—o auxilio material e também o espiritual. Se alguém pressente

(Continua na página central)

Moda indiana

Do que não há duvida é de que a moda, á míngua de outros recursos, vai procurar inspiração nos chamados gostos primitivos. Desde a Malásia até ao Polo Norte, os costumes e trajos dos habitantes destas paragens, têm inspirado a civilização ocidental. Falta de imaginação? Recurso ao «exótico»? Não sabemos. A verdade é que nos chega agora dos E. U. A. um modelo de «toilette» inspirado nos vestimentos dos indios Seminola que, outrora, eram os habitantes da Flórida. Trata-se de um vestido verde e amarelo com desenhos também policromos. O conjunto completa-se com pulseiras, braceletes e sandálias á «squaw». Aqui fica registada esta linda sugestão... para a próxima Primavera. E talvez com ela chegue a palavra que a designa...

Não chegaram a acordo

quanto ao local da conferência

os quatro representantes dos altos-comissários em Berlim

BERLIM, 14.—A' meia-noite (T. M. G.), Serge Denguine, delegado do alto-comissário soviético, foi o primeiro a sair da reunião, efectuada no quartel-general francês, entre os quatro representantes dos altos-comissários. O general Pierre Manceaux-Demiau, comandante francês, acompanhou-o até á porta. O representante soviético tinha um ar preocupado. Logo a seguir á sua partida, os três representantes ocidentais voltaram a reunir-se, durante alguns instantes, para deliberar.

A partir deste momento, nos circulos da conferência, falava-se em «rotura de negociações». Passado um quarto de hora, os comandos aliados entregaram á Imprensa a seguinte comunicação:

«Os representantes francês, britanico e americano, dos altos-comissários na Alemanha, tiveram uma quarta reunião, no quartel-general francês, com o representante do alto-comissário soviético, a fim de se escolher o local onde deve realizar-se a próxima Conferência dos Quatro, marcada para o próximo dia 25. Após prolongadas discussões, durante as quais foram examinadas diversas soluções, os representantes dos altos-comissários não puderam pôr-se de acordo quan-

(Continua na ultima página)

Foi proclamado

o estado de emergência em todo o Egipto

CAIRO, 14—O presidente Mohamed Neguib proclamou hoje o estado de emergência em todo o Egipto, depois da dissolução da Fraternidade Muçulmana e da prisão de mais de 300 dos seus chefes.

O general Neguib deu a ordem como governador-geral militar do Egipto, 24 horas depois de a Polícia começar a prender membros da Fraternidade, que continuaram esta manhã a ser detidos.

Forças de Policia, de capacetes de aço, guardavam hoje todas as mesquitas, no Cairo e na Província, e patrulhavam as ruas principais. Tropas, de pistola metralhadora, guardavam edificios governamentais e outros pontos vitais, incluindo a emissora do Estado, na capital.

Um membro do Conselho do Comando da Revolução disse que a politica da Fraternidade Muçulmana fora, recentemente, de «revolta contra o regime».

O tenente-coronel Zakaria Mohieddin, ministro do interior e director-geral dos Serviços de Informação do Exército, declarou esta manhã que rei-

(Continua na página central)

A libertação dos Alemães

prisioneiros dos Russos

considera-se um gesto apaziguador por parte dos Sovietes

Quando terminou a segunda guerra mundial calculava-se que era de 1.270.000 o numero de soldados alemães desaparecidos na frente oriental. Admitia-se, então, que a maior parte era constituída por prisioneiros. Decorridos quatro anos, em 1949, depois de a U. R. S. S. ter ordenado o repatriamentos de alguns deles, admitia-se que conservava ainda em seu poder 100.000, em campos de concentração. Desses, 16.000 vão ser repatriados e parece que será tudo o que é possível conseguir neste momento.

Quanto a saber qual foi a sorte de algumas centenas de milhares de desaparecidos na imensidade soviética ou dos 80.000 prisioneiros de que ainda há algum tempo havia notícia, melhor será não contar com isso. Seria preciso que se produzisse um cataclismo, que se operasse uma transformação no regime interno da Russia ou que se desse um fenómeno semelhante para proceder a um inquérito fundamentado e imparcial. Hipoteses perfeitamente improváveis neste momento. Assim o mistério subsistirá e não é fácil prever quando será possível penetrá-lo.

Ainda no começo deste século qualquer injustiça praticada contra um homem revoltava o que então se convencionava chamar a consciência universal. Hoje o desaparecimento injus-

(Continua na 3.ª página)

Os poemas inéditos de Isabel da Austria não serão publicados

BERNA, 14—Dois volumes de poemas inéditos da imperatriz Isabel da Austria, assassinada em Genebra no ano de 1898, foram retirados de uma caixa selada, onde se encontravam desde a sua morte, e guardados nos arquivos de Estado da Suíça.

A imperatriz deixara instruções para que a caixa fosse aberta em 1950. Quando foi aberta, verificou-se que continha dois envelopes selados dirigidos ao presidente da Confederação Helvética. Os poemas encontravam-se dentro desses envelopes.

Soube-se que Philippe Etter, este ano presidente da Confederação, dera ordem para que os poemas não fossem tornados publicos. Durante muito tempo pensou-se que a misteriosa caixa selada lançaria alguma luz sobre o famoso mistério de Mayerling, residência de campo da corte austríaca, onde o príncipe herdeiro Rudolf, filho da imperatriz, foi encontrado morto com a sua aristocrática amante, em 1889. Mas o Governo suíço fez uma declaração desmentindo formalmente que os volumes de poesia lançassem qualquer luz sobre a tragédia de Mayerling.

A caixa encontrava-se nos arquicos checos quando a guerra terminou e foi aberta pelas autoridades checas antes de ser entregue ao Governo austríaco a pedido deste ultimo.—(R.).

Jornais espanhois continuam a reclamar a restituição de Gibraltar

MADRID, 14 — Dois jornais da tarde voltaram ontem á carga a propósito da questão de Gibraltar.

Um deles, o «Madrid», publica na primeira página, com o titulo «E' já tempo de se pôr fim a uma iniquidade», um editorial no qual diz nomeadamente: «A Inglaterra poderia conseguir um amigo e um aliado, pondo termo, em condições amistosas, tal como oportunamente foi sugerido por Franco, a uma situação de ultraje. Mas Londres engana-se se crê que uma atitude de desprezo chega para que abandonemos as nossas reclamações. Não nos cansaremos nunca de reclamar que Gibratarl seja entregue á Espanha».

Pelo seu lado, o «Informaciones» publica, com o titulo «Um pedaço da nossa terra», um comentário no qual diz: «Pouco importa que devido á eficácia das armas modernas Gibraltar não tenha valor estratégico. E', porém, um pedaço da nossa terra e nós queremo-lo, não pelo seu valor, mas porque nos pertence». —(F. P.).

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

A raínha Isabel e o duque de Edimburgo aclamados em Wellington

WELLINGTON, 14—Cerca de 20.000 pessoas aclamaram hoje a raínha Isabel e o duque de Edimburgo, ao assistirem ás corridas de cavalos no campo de Trentham, nas montanhas arborizadas do vale do rio Hutt, próximo desta cidade. Com Sol brilhante, a raínha entregou a taça real de ouro de Wellington ao vencedor da corrida, G. Hartstone, proprietário de «Golden Tan».

Espectadores entusiasmados enchiam o campo quando chegaram os visitantes reais, depois de terem sido aclamados pela multidão que estava ao longo do percurso desde o palácio do governo até ao campo de corridas. Em Taita, milhares de crianças das escolas correram ao lado do automóvel real, que caminhava lentamente.—(Reuter).

DE LUTO

Prof. dr. Edmundo Curvelo

Prof. dr. Edmundo Curvelo

Com a morte inesperada e brutal do prof. dr. Edmundo Curvelo desapareceu uma das mais fortes personalidades intelectuais da nova geração. A sua actividade, quer como estudante, quer, depois como mestre em diversos estabelecimentos de ensino, tanto secundário como superior, ficou assinalada brilhantemente. Aluno distintíssimo, sempre no quadro de honra e com dispensa de exames finais, obteve o ultimo grau académico, numa prova que causou sensação na Faculdade de Letras, em Dezembro de 1948.

Concluída a sua licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas, Edmundo Curvelo foi, sucessivamente, professor agregado, auxiliar e efectivo dos liceus, funções em cujo exercício revelou desde logo as mais notáveis qualidades pedagógicas, que havia de firmar mais tarde, no magistério superior. Assim, ensinou nos liceus de Bocage, em Setubal, e de Passos Manuel, em Lisboa, no Colégio Militar. Talhado, realmente, para o ensino universitário, estava agora a ensinar na Faculdade de Letras, onde se encarregava de parte do programa de Filosofia, especialmente da Lógica. Este ramo das ciências filosóficas mereceu-lhe, aliás, especial atenção, pelo que, entre a sua abundante bibliografia, figuram alguns trabalhos sobre esse tema. O valor dos seus estudos, que formavam um notável «curriculum vitae», era reconhecido não só em Portugal, como nos círculos científicos estrangeiros, onde também compareceu, como delegado português em diversos congressos.

Estudioso apaixonado dos assuntos psicotécnicos, estava, naturalmente, indicada a sua colaboração no Instituto de Orientação Profissional, onde soube igualmente conquistar uma posição de relevo.

Com a sua experiência e a sua notável cultura especializada, tornou-se, em breve, uma autoridade nos problemas de ensino e educação da juventude. Foi ele o autor de um completíssimo relatório sobre a literatura infantil, de que resultou a criação de uma Comissão Especial para tratar desse grave problema e a promulgação das disposições que actualmente vigoram sobre tal matéria.

Ultimamente, também trabalhara com muito interesse na selecção do pessoal para actividades técnicas na industria.

O prof. dr. Edmundo Curvelo, que morreu com 39 anos, nasceu em Arronches e era filho do sr. Francisco Inácio Curvelo e D. Margarida Carvalho, e irmão do sr. dr. Joaquim António Curvelo, procurador do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa.

Em virtude do falecimento do ilustre professor, não houve hoje aulas na Faculdade de Letras.

Nada está ainda determinado acerca do funeral.

D. Mariana Quitéria Neto Calado

S. BARTOLOMEU DE MESSINES, 14 — Faleceu a sr.ª D. Maria Quitéria Neto Calado, de 78 anos, esposa do sr. António de Sousa Calado. A extinta que esteve doente apenas três dias, era mãe do sr. Joaquim de Sousa Calado, proprietário em Gasparões (Ferreira do Alentejo), e da sr.ª D Belmira Neto Calado, residente em Porto Amélia (Moçambique), e sogra do sr. João Lourenço Calado, sargento telegrafista, actualmente em Porto Amélia (Moçambique). O funeral foi muito concorrido, sendo a morte muito sentida, pois que a falecida era extremamente bondosa.

SUFRÁGIOS

D. Maria Augusta de Sanches Soeiro Martins Ruas

Amanhã, ás 11 horas, na igreja do Sagrado Coração de Jesus é rezada missa do 30.º dia do falecimento da sr.ª D. Maria Augusta de Sanches Soeiro Ruas, mandada celebrar por seus filhos.

AGÊNCIA MAGNO
FUNDADA EM 1874
Telef. 43189-43180-55301-62772-CC 2.ª
R. DE SANTA MARTA, 52-A, 56-A
Não confundir esta quase secular casa com outra há pouco criada com nome semelhante

Restaurante
La Gondola
Pratos Italianos
Aquecimento
Avenida de Berne, 60 Telef. 73426

Os produtores de leite
do concelho de Mafra
pedem providências

A propósito da noticia que há dias publicámos referente aos 13 produtores de leite do concelho de Mafra, que não são sócios da Cooperativa e a quem o Grémio da Lavoura se recusa a receber-lho para o negociar directamente, como é da lei, recebemos um oficio do referido Grémio em que somos informados de que não lhe cabem quaisquer responsabilidades no caso a que nos referimos. A Junta dos Produtos Pecuários, segundo averiguámos, informou o primeiro signatário da referida exposição, sr. António das Neves, e ainda alguns dos demais interessados que se têm ali dirigido a pedir providências sobre o caso, que submeteu o assunto á Direcção Geral dos Serviços Agricolas, por ser esta a entidade que pode tratar do caso, acrescentando que, assim que recebesse qualquer resposta, seria feita comunicação aos interessados.

Entretanto, o tempo vai passando e os pobres produtores andam em bolandas, de um lado para o outro, sem terem quem lhes solucione o caso e o mais curioso de tudo isto é a declaração do Grémio da Lavoura, que tomou uma deliberação contrária á lei e vem agora dizer que não tem a menor responsabilidade em tal deliberação que tomou.

Não há alguma lei que obrigue qualquer pessoa a ser sócio das cooperativas. O que há é uma lei que obriga os produtores a serem sócios dos respectivos Grémios e estes a defenderem os seus interesses dentro da lei. Há um mês que, com prejuizo da economia e dos interesses dos treze produtores, se estão a deitar aos porcos centenas de litros de leite. Para o caso voltamos a chamar a atenção de quem de direito.

Incêndio num hotel
e morte de 4 pessoas

MONTREAL, 14.—Morreram 4 pessoas, pelo menos, num incêndio que destruiu o Chateau Hotel, de 60 quartos. A Policia disse julgar que se encontravam mais de 100 hóspedes no edificio de 5 andares, quando deflagrou o incêndio. Os bombeiros combateram as chamas durante mais de quatro horas, até as dominarem.—(Reuter).

O problema da admissão da China comunista na O. N. U.

BALTIMORE, 14 — Num discurso pronunciado na Universidade John Hopkins, o delegado da Grã-Bretanha na O. N. U., sir Gladwin Jebb, declarou que a China comunista será um dia admitida ás Nações Unidas, mediante as seguintes condições: 1)—Que não recomecem as hostilidades na Coreia; 2)—Que se prove que os comupnistas chineses não se preparam para novas agressões; 3)—Que estejam dispostos a solucionar pacificamente todos os seus litigios internacionais.

Declarou, por fim, que este seria o ultimo discurso antes de abandonar a O. N. U., em Março próximo, data em que irá ocupar o seu lugar de embaixador da Grã-Bretanha em Paris. —(France Presse).

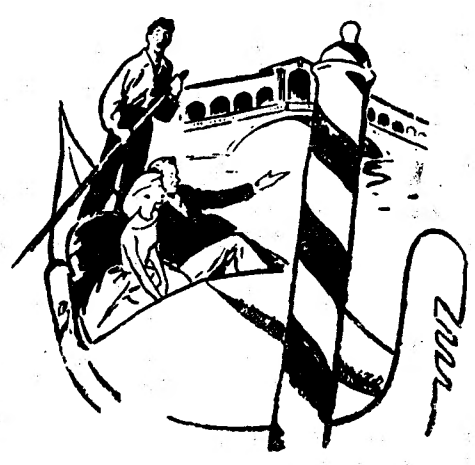
Reuniões científicas
VI Curso Médico-Sanitário

O VI Curso de Aperfeiçoamento Médico-Sanitário prosseguiu hoje, com uma lição, de manhã, no Hospital Curry Cabral, em que o professor Frederico Madeira falou sobre «Diagnostico e tratamento das meningites». O conferente forneceu várias indicações de ordem prática sobre a forma de verificar a existência da meningite e apontou os modernos métodos terapêuticos.

A's 15 horas, no Serviço de Agentes Fisicos do Hospital de São José, o dr. Alfredo Luzes Meyer falou sobre «Radiações», e a seguir, na Ordem dos Médicos, o prof. dr. Juvenal Esteves fez uma lição acerca das «Reacções urticariformes».

Amanhã, ás 10 horas, o dr. Abel da Cunha dissertará, no Hospital de D. Estefania, sobre «Situações de urgência em cirurgia infantil», e ás 15 horas, na Direcção Geral do Serviço de Saude Militar, o dr. Nicolau de Bettencourt profere uma lição intitulada «Alguns aspectos da guerra A. B. C. e da defesa civil do território».

Itália



Gozará voando pela TWA. Sobre a atmosfera, com toda a segurança, num aparelho TWA Constellation, irá suavemente com rapidez e chegará com absoluta pontualidade. Vôe luxuosamente em primeira classe ou econòmicamente, na confortável classe turística. TWA é a linha aérea escolhida por mais de dois milhões e meio de passageiros através do Mundo.

Para informações e marcações, consulte o seu agente de viagens ou dirija-se a TWA

HOTEL AVENIDA PALACE — LISBOA
Telefones 2 1093 — 2 1389

VOE NA TWA
TRANS WORLD AIRLINES
USA • EUROPE • AFRICA • ASIA

PEQUENAS NOTICIAS

PELA POLICIA

PROEZA DE GATUNOS—Diáriamente continuam a registar-se furtos de carteiras, nos «eléctricos», nas paragens e nas artérias mais movimentadas da cidade, sem que, até á data, se tenha conseguido saber quem são os autores de tais furtos. As vitimas recorrem á Policia a apresentar queixa, mas nunca conseguem reaver o dinheiro ou valores roubados. Ontem, o maritimo José Corriento Maleira, residente na Rua das Janelas Verdes, 1, 1.º, queixou-se na Policia Judiciária de que os gatunos lhe furtaram, da algibeira das calças, na Rua Primeiro de Dezembro, dólares, pesos e dinheiro argentino, assim como meio bilhete da próxima lotaria.

Também a sr.ª D. Maria da Graça Gadanha Freire de Andrade, Avenida Elias Garcia, 14, 1.º, se queixou na mesma Policia de que lhe furtaram ou perdeu um alfinete de peito com 9 brilhantes e diamantes.

O CASO DA IMPRENSA NACIONAL—Continua detido nos calabouços da Policia Judiciária, sem admissão de caução, o tesoureiro da Imprensa Nacional, Manuel António da Silva, que se queixou de que os gatunos lhe roubaram 200 contos, quando ia no estribo de um «eléctrico», caso a que nos referimos recentemente.

ABUSO DE CONFIANÇA—Foi preso pela P. S. P. António Maria Casimiro Moreira, tecelão, sem morada certa, a pedido do industrial Alfredo da Silva Oliveira, residente na Costa do Castelo, 16, ultimo andar, que o acusa de que, tendo-lhe confiado para venda 60 gravuras no valor de 4.500$00, promoveu a venda delas e gastou o dinheiro em seu proveito, como confessou.

DESASTRES

INTOXICAÇÃO ALIMENTAR—Por terem ingerido «chispe» deteriorado, sofreram intoxicação Cassiano Filipe Mendes, de 30 anos; sua mãe, Graça Mendes, de 57 anos; sua esposa, Emilia Rosa Gonçalves, de 37 anos; e um filho, de 4 anos. Todos quatro, depois de tratados no Hospital de S. José, recolheram ao Hospital do Rego, onde ficaram internados.

COLHIDO POR UMA CAMIONETA—Colhido por uma camioneta, no Largo da Princesa, António Pereira Lima, pescador, de 30 anos, sofreu graves ferimentos na cabeça. Conduzido ao Hospital de S. José, ficou internado na sala de observações.

REGIONALISMO

Esta noite, ás 21 horas, reune-se a assembleia geral ordinária da Casa do Concelho de Tomar, para discussão do relatório e contas da direcção, eleição de novos corpos gerentes e apreciação do orçamento do novo ano económico. A segunda convocação está marcada para as 22 horas.

EXCURSIONISMO

A Casa dos Amigos do Futebol Clube do Porto em Lisboa organiza, no domingo, uma excursão a Coimbra, de autocarro, estando a inscrição e informações patentes, na sede daquele organismo, Rua da Glória, 10.

QUEM PERDEU?

Encontra-se depositado na secretaria do Regimento de Cavalaria da Guarda Nacional Republicana, no quartel de Cabeço de Bola, um porta-moedas contendo dinheiro e alguns objectos, encontrado no dia 12 do corrente nas proximidades do referido quartel e que será entregue a quem provar pertencer-lhe.

Dr. Antonio Victorino

Um grupo de amigos pessoais e políticos projecta levar a efeito, no dia 21, no salão do «Clube Bonjardim», de Cernache do Bonjardim, um almoço de homenagem ao Dr. Antonio Victorino da Silva Coelho, para solenizar o seu 80.º aniversário.

Dadas as simpatias e o elevado prestígio, de que justamente goza o homenageado, mercê do seu trato afável, do prazer e fidalguia com que recebe no seu Solar da Póvoa, dos serviços que presta e do seu viver, sempre correcto e honesto, quer como homem, quer como político, é de esperar que áquela homenagem se associem todos os seus amigos, que muitos são. Os pedidos para inscrição e bem assim os cartões e telegramas de felicitações podem ser dirigidos para aquele clube, respectivamente, á Comissão Promotora do Almoço e ao homenageado. A inscrição está aberta até ao dia 16.

Casino Estoril
TEL... 930
TODAS AS NOITES
no «WONDER-BAR»
JANTARES e CEIAS — BAILE
com os explendidos conjuntos musicais
WALTER e MARIO SIMÕES
com Helder Reis
e o pianista-animador
TOBIAS VALIDO
Consumo minimo, 40$00 - (Para adultos)
Brevemente a vedeta francêsa
«ROBERTA»

A libertação dos Alemães prisioneiros dos Russos

(Continuação da 1.ª página)

tificado e incompreensivel de algumas centenas de milhares é aceito com uma passividade sintomática. Os outros homens limitam-se a verificá-la e a desviar os olhos dela, para a esquecer.

Aconteceu o mesmo há pouco quando se revelou a natureza das atrocidades cometidas contra os prisioneiros de guerra na Coreia, caídos nas mãos dos Sino-coreanos. Dir-se-ia que se trata, igualmente, de um mal necessário que apenas serve de pretexto para alguns comunicados oficiais e para um debate em forma no foro da O. N. U. Nada mais.

Ninguém quer dar aos sovietes um pretexto para estancar a corrente dos repatriamentos

Basta, porém, ter esses documentos e esses discursos para logo se verificar que se trata de meras diligências votadas de antemão a um insucesso completo e que representam, na melhor das hipóteses, uma satisfação dada á opinião publica. Os seus autores não contam que delas resulte nada de apreciável ou efectivo.

A Alemanha e os dirigentes alemães não fazem excepção a esta regra universal. Apesar da atitude clara que estes aparentemente assumiram, todos se esforçam por evitar complicações e por ladear obstáculos que poderiam suscitar um debate formal ou complicações diplomáticas de qualquer natureza. Nesse capitulo a Imprensa alemã, no seu conjunto, tem dado provas de uma disciplina notável.

E' compreensivel que ninguém queira assumir a responsabilidade de dar aos Sovietes um pretexto para estancar a corrente de repatriamentos em curso. Muito natural e muito humanamente, explica-se o silêncio registado á volta deste episódio como uma necessidade para salvar os raros sobreviventes da hecatombe de 1945, não clamando uma indignação que poderia dar lugar a criticas justificadas, tendo em conta os horrores e as vicissitudes do conflito. Mas não devemos esquecer que o presente e o futuro, em casos como este de que nos ocupamos, importam infinitamente mais do que o passado, por muito doloroso que seja.

O repatriamento de prisioneiros de guerra é um acto corrente do direito internacional

Para justificar esta atitude passiva, há, porém, outro elemento que não podemos esquecer: a esperança que não se desenraiza do coração dos homens. A restituição de 16.000 prisioneiros alemães constitui um gesto que o Governo de Moscovo não era obrigado a fazer. Poderia, pelo menos retardá-lo ou nunca mais mesmo o praticar. O que se passou suscita, em certos meios, um espanto compreensivel. Por isso é geral a convicção de que se trata de um acontecimento digno de consideração.

Trata-se, como alguns supõem, do primeiro gesto real de boa vontade que o Ocidente pede há muito tempo ao mundo comunista? E esse gesto só é possivel porque depois da morte de Estaline alguma coisa mudou na U. R. S. S.? Há, efectivamente, na politica exterior do Kremlin uma mudança que autoriza as esperanças que muitos continuam a depositar nela? E haverá o direito de comprometer, antecipadamente, essa mudança que, a confirmar-se, podia levar a uma transformação revolucionária da situação internacional? Tais são as perguntas feitas com uma frequência compreensivel e para as quais ainda não foi possivel encontrar resposta satisfatória.

Resta saber se a restituição de uma pequena percentagem dos prisioneiros de guerra retidos na Russia, acto corrente nos termos do direito internacional, pode fazer esquecer os delitos anteriormente praticados e se devemos fundar uma estabilidade real nas relações dos povos sobre o silêncio que, nem por ser oportuno, deixa de ser culpado. Sem contar que outros são, em qualquer hipótese, os beneficiários dos gestos de boa vontade como aquele a que nos referimos: os satélites da U. R. S. S. Há milhares de individuos a quem ninguém pode restituir a vida, há milhares de individuos aos quais pode ser restituida a liberdade.

PIERRE DEGUIN

O Grupo "Os Bem Intencionados"

explica as razões por que foi retirada *a autorização para os seus estatutos*

Publicámos, há dias, na secção «Em três linhas» uma pequena noticia, extraída do «Diário do Governo» e referente ao Grupo de Beneficência «Os Bem Intencionados», com sede na Rua do Paraíso, 88, 1.º. Ali se dizia que lhe fôra retirada a aprovação dos estatutos —isto é, segundo dizia o próprio «Diário do Governo», a sua função assistencial. A propósito, escreve-nos o presidente da direcção do grupo extinto, sr. Albano Cardoso, para prestar alguns esclarecimentos e, com estes, desfazer os comentários tecidos no bairro, á volta de uma instituição que vinha já de 1919 e dera tão boas provas de solidariedade. Eis o esclarecimento devido:

«O Grupo «Os Bem Intencionados», colectividade popular, como tantas outras existentes no País, que tem por fim a prática do recreio dos seus associados e a assistência ás crianças pobres do bairro (vestindo-as e calçando-as, quando os seus fundos sociais o permitem), já de há anos que vinha sendo solicitado pela Direcção Geral de Assistência com uma avalanche de circulares, mapas, dados estatisticos, orçamentos, etc., cujo cumprimento e respostas a dar, se tornavam muito dificeis e impossiveis de satisfazer, por virtude dos respectivos assuntos não respeitarem ao limitado campo beneficente que praticava, mas sim, e pròpriamente, aos Asilos, Casas de Caridade e outras Instituições Oficiais de Beneficência, de mais larga projecção e de estrutura puramente benemerente.

Os seus corpos gerentes, em vários anos decorridos, através de correspondência trocada, foram pedindo dispensa do cumprimento de tais solicitações, como, aliás, outras colectividades congéneres o tinham feito já. Porém, a nenhuma conclusão se ia chegando de positivo, pois as circulares continuavam, á mesma, a ser remetidas.

A gerência de 1953, vendo que a melhor solução de resolver o assunto, era o contacto pessoal e directo com a Direcção Geral de Assistência, delegou num director seu para ir a esta entidade oficial expor verbalmente o que se passava. E o funcionário superior que o atendeu, ouvido sobre o caso, aconselhou que o grupo referido fizesse uma exposição a Sua Ex.ª o sr. subsecretário de Estado de Assistência Social, pedindo tal dispensa.

Foi isto o que se fez, na verdade, conforme cópia da mesma exposição, que junta enviamos a V.

E a resposta surgiu, em 28 de Dezembro, ultimo conforme cópia que, também, aqui enviamos. Daqui se depreende que o Grupo de Beneficência «Os Bem Intencionados» não deixou de continuar com o fim beneficente, que se orgulha de praticar, mas, apenas, numa orientação de ideias e disciplina dos seus serviços administrativos, rogou que não lhe fossem exigidas formalidades que julgava, e julga ainda, não lhe dizerem directamente respeito».

Efectivamente, juntamente com esta carta, vem outras duas, uma da exposição dirigida ao sr. subsecretário da Assistência, em que se expunham dificuldades e pontos de vista, destinados a permitir a garantia dos seus pontos de vista. Um dos argumentos invocados esclarece que as receitas do grupo provêm das quotas, dos donativos e dos rendimentos do bufete e jogos licitos, sucedendo que os saldos, quase sempre, por exiguos, não permitem praticar a beneficência—esta apenas limitada a vestir e calçar crianças pobres—o que leva a acumular, durante vários anos, essas receitas, até que permitam uma distribuição de roupas e calçado.

A outra cópia refere-se á resposta dada pela Direcção Geral de Assistência a esse documento, e em que se avisa a direcção do grupo, da decisão do sr. subsecretário da Assistência, retirando a aprovação dos estatutos.

Errol Flyn não paga

há doze meses os alimentos devidos aos seus dois filhos

LOS ANGELES, 14.—Miss Nora Eddington, ex-mulher do actor cinematográfico Errol Flynn, queixou-se hoje no tribunal desta cidade de que há doze meses que ele não faz o pagamento de 550 dólares mensais de alimentos para seus filhos. A queixa será apreciada em 22 de Janeiro, data em que será solicitado a Flynn, que actualmente se encontra em Roma, que exponha a razão por que não tem feito os pagamentos.

O advogado de miss Eddington pediu, também, ao tribunal que multe Flynn em 500 dólares e o condene a 5 dias de prisão por cada mês de atraso no pagamento.—(R.).

Um grave acidente no Savoy de Londres

põe termo á fulgurante carreira de dois bailarinos internacionais

LONDRES, 12—Devido a um erro de iluminação, que provocou uma estranha tontura á grande bailarina acrobática Katherine, deu-se ontem no Savoy um lamentável acidente que põe a artista em perigo de vida e interrompe a fulgurante carreira de dois dos mais extraordinários bailarinos internacionais que têm visitado Londres nesta temporada.—(F.).

Pelo telegrama acima, temos conhecimento do desagradável acidente que em Londres acaba de sofrer a bailarina Katherine que constituia com Orly a mais extraordinária parelha internacional de baile acrobático. «A Dança do Perigo», que em Paris provocara o mais justificado «frisson» e neste momento arrastava Londres ao elegante Savoy, era uma criação notável e unica, verdadeiramente incomparável, que arrebatava o publico mais exigente. Katherine et Orly haviam actuado há pouco também em Lisboa, onde tinham alcançado um notabilissimo êxito.

O ENCANTO DOS SEUS LÁBIOS...

Baton Pond's

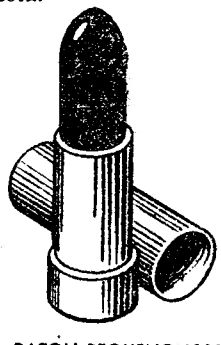
mantém-se... horas... e horas!

Até que, enfim, existe um baton que realmente se mantém. Sem necessidade de retoques constantes conserva a cor todo o tempo que se desejar. Escolha a cor que prefere, entre as lindas cores de Pond's. Sentirá o prazer de usar um baton incomparável que amaciará os seus lábios; ao mesmo tempo ficará maravilhada com o encanto que lhes presta.

Pode experimentar o Baton Pond's nas boas casas.

BATON POND'S

PINK ROSE • RUBY • CYCLAMEN • MEDIUM SCARLET • VIVID • LIGHT • NATURAL



P 765

BATON GRANDE 17$50 • BATON PEQUENO 10$00

Saldos Autênticos

Abatimentos de 20 a 50 %

Camisas, Gravatas, Malhas e Rouparia. Grande stock em liquidação na

Meia d'Ouro

Rua Aurea 17

TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

TEMPORADA DE ÓPERA DE 1954

AVISO

BILHETEIRA — Amanhã, dia 15, último dia da venda de bilhetes para os antigos assinantes — DIA 16 - começa a venda para os novos assinantes — DIA 21 - venda avulso para todos os espectáculos — Telefone: 21552

Pastelaria S. João, L.da

Salão de Chá Café e Bilhares. Restaurante Serviço á Carta

Avenida Paris 3-A — Telef. 78400

MUTUALIDADE

Companhia de Seguros

Seguros em todos os Ramos

Vida desportiva

FUTEBOL

Os castigos da Federação

A comissão executiva da direcção da F. P. F., na sua reunião de ontem, aplicou ao jogador Jacinto Neves Guerreiro, de «O Elvas», um jogo oficial de suspensão.

Com referência ao jogo S. Covilhã-Belenenses, foram tornadas definitivas as seguintes penas, aos jogadores considerados então em regime de suspensão preventiva: José de Carvalho Sério, do Belenenses, um jogo oficial; Lorenzo Navarro Sanchez, do S. Covilhã, três jogos. Estes dois castigos contam-se a partir de 4 do corrente.

AUTOMOBILISMO

O 24.º Rallye de Monte-Carlo começa na 2.ª feira

Com partidas de Monte-Carlo, Glasgow, Estocolmo, Oslo, Palermo, Munique, Lisboa e Atenas, começa a disputar-se na segunda-feira o 24.º Rallye Internacional de Monte-Carlo, competição de extrema dificuldade á qual concorrem todos os anos os mais famosos volantes da especialidade.

Na prova deste ano estão inscritos cerca de 400 concorrentes, dos quais 56 escolheram Lisboa para ponto de partida, facto que se deve pôr em relevo, pois traduz o esforço realizado pelo Automóvel Clube de Portugal, para que os automobilistas estrangeiros que vêm á capital portuguesa levem sempre de cá as melhores recordações. Por outro lado, tem acontecido que o vencedor do Rallye de Monte-Carlo tem saído quase sempre, nos ultimos anos, do lote que parte de Lisboa.

Entre os que largarão do nosso País, conta-se o vencedor do ano passado, Maurice Gatsonides, que faz equipa com o conhecido Becquart, que venceu a importante prova em 1950. Estão inscritas na competição quatro equipas portuguesas, das quais as mais experimentadas são formadas pelos srs. dr. João de Lacerda e Harry Rugeroni e Fernando Stock e Luís Filipe Aguiar: ás quais se juntam, este ano, pela primeira vez, o sr. Manuel Geraldes e os srs. Luís de Melo do Rego e M. L. Kunkle.

Os concorrentes começam a partir da Praça Marquês de Pombal, ás 20 e 26 de segunda-feira. As partidas estão a cargo do Automóvel Clube de Portugal, que procederá, no mesmo dia, de manhã e á tarde, á verificação e selagem dos carros, operação que se realizará na garagem da Sociedade Portuguesa de Automóveis.

PUGILISMO

Nova vitória de Ezzard Charles

CHICAGO, 14.—Ezzard Charles, ex-campeão mundial de pesados, ganhou aqui na noite passada com facilidade o seu combate contra Bob Satterfield, que foi posto «K. O.» no segundo assalto. O combate era em 10 assaltos. A facilidade com que Charles obteve o seu êxito fá-lo adversário lógico de Rocky Marciano para o titulo que este ultimo detém.—(R.).

PELOS CLUBES

O Atlético vai promover o 2.º Ciclo de Conferências Educativas

Em continuação da sua missão educativa, cultural e social, o Atlético Clube de Portugal volta a organizar uma série de conferências instrutivas de modo a dar a conhecer á sua massa asociativa certos elementos que lhe serão uteis na sua vida prática e real

O 2.º Ciclo compõe-se de conferências de propaganda *materno-infantil* para orientação e preparação dos pais, no sentido de uma actuação mais eficaz nos cuidados a ter com a criança; no 3.º Ciclo serão fornecidos também elementos aos pais para que estes adquiram uma preparação para melhor educar e instruir os seus filhos; o 4.º Ciclo será dedicado ao trabalho sendo ventilados problemas de orientação profissional, método de trabalho, acidentes, previdência, etc.

Assim, amanhã, ás 21 e 30, realiza-se a primeira conferência no Ginásio da Escola Industrial de Marquês de Pombal, em Alcantara, sendo conferente a sr.ª D. Maria Leonor Botelho, deputada e chefe dos Serviços Sociais do Instituto de Assistência á Familia, que versará o tema «Em tua casa a lareira sempre acesa».

Foi convidado para presidir á inauguração o sr. subsecretario da Assistência Social.

Para o Estádio de «Os Belenenses»

A posse da Comissão do Grande Sorteio de 1954 para o Estádio de «Os Belenenses» anunciada para hoje foi adiada por terem de ausentar-se de Lisboa, em serviço oficial, dois dos seus componentes.

SOCIEDADE «ESTORIL»

BENFICA-SPORTING
NO ESTADIO NACIONAL
ás 15 horas

No próximo dia 17 do corrente haverá serviço especial directo de Cais do Sodré á estação do Estádio, desde as 12,55 até ás 15,10 e desde o fim do desafio, enquanto for necessário.

Os bilhetes de ida e volta, ao preço de 4$00, encontram-se á venda na Estação do Cais do Sodré na véspera e dia do encontro. Faz-se notar que neste comboios especiais não são válidos quaisquer outros bilhetes ou documentos, nem os bilhetes vendidos por ocasião de serviços especiais anteriores.

Por motivo deste serviço especial verificar-se-ão as alterações ao horário em vigor que constam do Aviso ao Publico que nesta data também se publica.

Teatros e Cinemas

Atrás do reposteiro

Com vista á exploração do Teatro Avenida, com uma companhia de teatro declamado, de que fazem parte os artistas João Villaret e Maria Lalande, o empresário Vasco Morgado está a escolher o repertório que será ali representado.

—Está assente que a companhia de operetas e revistas do empresário Giuseppe Bastos embarca para a sua digressão a Africa no vapor «Império», no dia 23 de Fevereiro.

—Os artistas de circo Moisés e Irmãs Ofélias, contratados por uma empresa inglesa para actuar num circo de Londres, dado o êxito ali alcançado, prorrogaram os seus contratos para trabalhar em Manchester, Bolton, Hull e Blakpool.

—A companhia de comédias Vasco Santana estreia na terça-feira, no Teatro Sá da Bandeira, do Porto, a comédia «O Pato».

—Os ginastas aéreos Trio Bahamond fazem parte da companhia de circo que amanhã se estreia no Coliseu.

—Está indicado para ensaiador coregráfico da companhia de revistas do empresário Giuseppe Bastos o artista coregrafo Humberto Cruz.

—Os ensaios da comédia «O Pinto Calçudo», em ensaios no Teatro Monumental, estão a ser dirigidos pelo actor M. Santos Carvalho.

—O autor teatral Carlos Lopes foi convidado para escrever uma nova revista a fim de ser apresentada no Teatro Monumental.

—«Passeio publico» e «Branca de Neve» são os numeros em que a artista Gina Esteves intervem na revista «Mãos no ar», em ensaios no Teatro Apolo.

—Deixaram de fazer parte da companhia de declamação que, no Porto, actuou no Teatro Sá da Bandeira os artistas Adelina Campos e Samwel Dinis.

—Deve ter chegado a Luanda a companhia de operetas e revistas da Sociedade Teatral em digressão por Angola.

—O «Faz-Tudo» Emiliano, que, com o seu novo trabalho e sob o nome artistico de Fakir Yong, anda em digressão por Angola, há perto de um ano, agregou-se ao artista «Professor Ferusa» voltando novamente ao seu trabalho de «clown». Estão agora em Malange, de onde seguirão para Luanda.

—A companhia de revistas do Teatro Maria Vitória só depois do Entrudo fará num teatro do Porto, a passagem do seu repertório, constituido pelas revistas «Cantigas, ó Rosa», «Saias curtas» e «Cala o bico».

Primeiras exibições

«Violetas Imperiais», no Odéon e no Palácio

Esta versão do princípio da vida de Eugenia de Montijo tem menos «espagnolade» que aquela em que a violeteira foi Raquel Meller, apesar de ambas serem produto franco-espanhol. Esta é a mais francamente espanhola, mais verdadeira e, tanto quanto recordamos a anterior, mais brilhante e com mais condições para o êxito, filme sem complicações e com belas canções. O panorama de Granada e o ambiente do Sacro Monte, o baile da corte de Napoleão III, a caçada, e outros momentos do filme, são realmente belos, grandiosos até. E o desempenho perfeito por parte da actriz francesa Simone Valere, agradável a maneira de cantar de Luis Mariano, e admirável a presença de Carmen Sevilha, ontem presença real nos dois cinemas com manifesta satisfação dos muitos admiradores da intérprete cinematográfica da «Hermana San Sulpicio».

De vez em quando nascem em Sevilha prodígios de arte e graça que irradiam por toda Espanha, e por todo o Mundo, o sortilégio dos seus «duendes», o perfume das suas laranjeiras em flor, a simpatia clara da Andaluzia. Este prodígio, esta Carmen Sevilla, nasceu na «calle de la Féria», como Juan Belmonte, a caminho da Macarena de Pepin Martin Vazquez, que dos touros passou também ao cinema, e em Heliopolis já esta sevilhana tem casa própria, como Pepe Luis. E perto da rua onde nasceu Carmen Sevilla, na Alameda de Hercules, nasceu «Joselito» que, na Feira de Abril de 1919, foi apresentado á Imperatriz Eugénia, hóspede de seu sobrinho, o duque de Alba, no seu palácio de «Las Dueñas». A velhice inteligente da imperatriz foi tocada pela mocidade simpática do maior dos toureiros, e desde então interessou-se tanto pelas corridas que ele toureava que o seu mordomo tinha que lhe ler o que em cada uma acontecia. Em Maio de 1920 morria «Joselito» em Talavera, e desde então teve o mordomo que inventar a leitura das corridas que ele devia tourear se ainda vivesse, ocultando assim o que para a imperatriz seria um desgosto. E a imperatriz de França, que em Africa perdera o filho, morreu convencida de que ainda vivia o toureiro a quem se afeiçoara maternalmente e que tão estimado era pela Casa de Alba, por todos que o conheceram, enfim. Este episódio, que conhecemos e nunca vimos escrito, justifica-se na notícia de mais este filme da vida de Eugenia de Montijo, até porque perto da casa onde nasceu «Joselito» havia de nascer esta simpática Carmen Sevilla, encanto da versão que ontem vimos no Odeon e no Palácio, onde a vimos também a ela, em corpo e alma, alma de andaluza prodigiosa—*Visor 63*.

LUSO

Tel. 32889
Animador FILIPE PINTO
HOJE, NOITE ELEGANTE
com o cantor da moda
MONIZ TRINDADE

Moniz Trindade cedido pelo *NEGRESCO*

Fados por Isabel Silva, José Borges, Natalina Procença, Sebastião Pires; e *Canções* por *NOEMIA CRISTINA*. *Solos* por Camarinha e Pedro Leal. (Para adultos). ENTRADA: 5$00.

«Caprichos de Carolina», no Império

«C'est tout». Um diálogo espirituoso, de uma leveza de espuma, assinado por J. Anouilh; uma história com a malícia que, tradicionalmente, imputamos aos Franceses; meia duzia de mulheres bonitas (bem bonitas por sinal); outra meia duzia de belas panoramicas e enquadramentos luxuosos: e, para além de tudo o que ficou dito, ela mesma refulgindo espírito, malícia, beleza e luxo, Martine Carol.

A discutida actriz do moderno cinema francês revela-se em toda a pujança dos seus dotes físicos e artísticos. Os títulos de «mais sedutora, escultural e maliciosa actriz da actualidade», que os seus admiradores lhe outorgaram, ficam suficientemente comprovados em «Caprichos de Carolina».

A seu lado, Jean-Claude Pascal, no papel do bailarino Livio, confirma as possibilidades que já revelara em produções anteriores. Jacques Dacqmine, no «general de Sallanches», o marido que corre o risco de ser enganado por um simples capricho de Carolina, compõe uma figura que, sem ser ridícula, toca as raias do humorismo.

Les Ballets de l'Opera encarregam-se de preencher um dos mais deslumbrantes momentos da película, num gracil bailado, marcado nos sumptuosos salões de um palácio italiano, em plena época napoleónica.

«Et c'est tout...» Ou melhor, de tudo isso fez Jean Devaivre um entretenimento valoroso, magnífico regalo para os olhos e para o espírito. Para ambos, sem os excitar mórbidamente, mesmo que se não tivesse feito, em Portugal uma nova montagem da película. Já agora um reparo, por nos parecer que esses montadores percebem pouco do ofício, dado que em alguns dos pedaços onde a sua actividade é notória, chega a haver mutilações de diálogo.

Através de todo o filme os técnicos franceses mostram-se já seguros dos segredos do «tecnicolor», que eles empregam, em filmes de fundo, pela primeira vez.

Dos complementos, salientamos o n.º 23 do jornal «Imagens de Portugal», onde aparecem já momentos de reportagem do ultimo desafio de futebol, entre o Porto e o Benfica.—V. D.

«O Veleiro da Aventura»

esta noite, no São Jorge

Finalmente, o publico de Lisboa vai apreciar a ultima realização do grande Clarence Brown, «O Veleiro da Aventura», espectacular super-produção de subjugante interesse. «O Veleiro da Aventura» conta-nos o drama dos imigrantes que, em 1620, tentavam, nas terras desconhecidas da América, fazer vida e fortuna.

Helen Deutch, a autora de «Kim», «As Minas de Salomão», e outros grandes êxitos cinematográficos, tem em «O Veleiro da Aventura» a sua mais feliz e arrebatadora obra, em que colaboram os grandes artistas Spencer Tracy, Gene Tierney, Van Johnson, Leo Genn e Barry Jones. Filmado por William Daniels, em perfeitissimo tecnicolor, «O Veleiro da Aventura» vai, certamente, constituir o grande acontecimento artistico da capital.

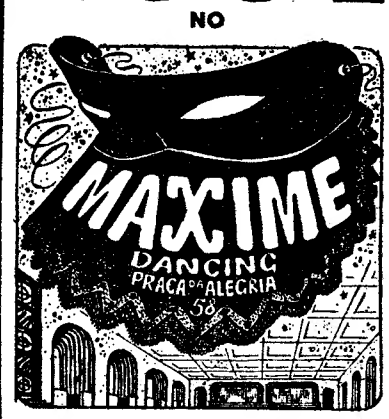
Verdadeiramente assombroso!

Amanhã, sexta-feira, estreia, no Coliseu, da Ultima Companhia de Circo, com as maiores atracções

Leões! Um mago alemão! Malabaristas! Acrobacia aérea! O avião supersónico! Contorcionismo! Pombos e cães amestrados. Duas parelhas de palhaços e outras grandes novidades, eis o que todo o publico poderá ver amanhã, na estreia da Ultima Companhia de Circo da temporada, no Coliseu.

Recintos de diversões

No Café Salvaterra, estreia-se no próximo sabado a rapsódia sobre motivos portugueses, intitulada «Terra de cantigas», cuja interpretação está a cargo de quatro cantadeiras daquela empresa.

HOJE
NO


O PRIMEIRO GRANDE
BAILE DE MASCARAS DO ANO
com o famoso BAILARINO
ALFREDO ALARIA
A maior atracção actual em Lisboa!
Brindes às SENHORAS
MAIORES D: 18 ANOS
DOMINGO, às 17,30:
CHA'-DANÇANTE
ENTRADA LIVRE SELECCIONADA

ATENÇÃO! AMANHÃ no
CONDES
REPUDIADA
(CATENE)

com
YVONNE SANSON
e
AMEDEO NAZZARI
Um dos filmes mais discutidos do após guerra! — Um verdadeiro campeão de bilheteira!
Por favor não divulgue o argumento
Um excl. SONORO FILME

CRISTAL dancings
Apresenta um friso de atracções internacionais com
BALLET SACHA GOUDINE
RAPAZES DO RITMO
KIVA Y NEIVA
MARY ET JOSETTE
ROSY Y SOLE
ORQ. SANTA CRUZ
e CRISTAL com BILIÚ
(Para adultos)

MARLON BRANDO·JAMES MASON·JOHN GIELGUD·LOUIS CALHERN·EDMOND O'BRIEN·GREER GARSON·DEBORAH KERR

JULIO CESAR

A MELHOR ADAPTAÇÃO DE SHAKESPEARE ATÉ HOJE REALIZADA NO CINEMA !

UMA SUPER-PRODUÇÃO **M. G. M.**

— EM RIGOROSO EXCLUSIVO —

Amanhã

NO «ÉCRAN» PANORAMICO DO

MONUMENTAL

(Para maiores de 13 anos)

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

Hoje, ás 21,45, ultimas representações da peça em 3 actos, de **Bernstein,** tradução de **Norberto Lopes**

ISRAEL

Palmira Bastos, Raul de Carvalho e Luís Filipe

4.ª feira, 20, estreia, em 4.ª récita de assinatura «O FILHO PRODIGO» Domingo, ás 15,30, teatro para crianças «A HISTORIA DA CAROCHINHA»

---

4 ULTIMOS DIAS

UM EXITO QUE SAI DE CENA POR MOTIVO IMPREVISTO

UMA OPERETA QUE CONQUISTOU TODO O PUBLICO

UM SUCESSO DE GARGALHADA

MARIA DA FONTE

com ***LAURA ALVES***

á frente de um elenco colossal

no **MONUMENTAL**

Para 13 anos | às 20,45 e 22,45

espectáculos de Vasco Morgado

TRÊS PERSONAGENS E UM ACTOR

João Villaret

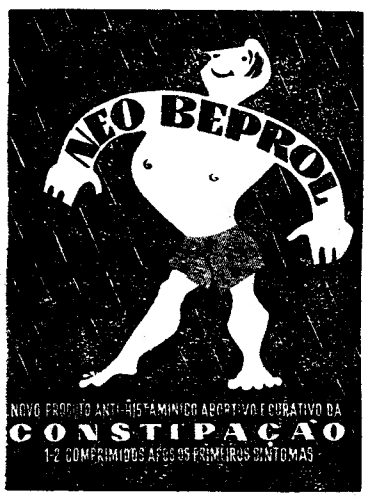
na extraordinária peça de ***PEDRO BLOCH***

Esta noite choveu prata

NO

TEATRO **AVENIDA**

BREVEMENTE



ALMOCE e JANTE no «FAIA»

na bela sala aquecida pela LAREIRA

AMANHÃ, ao almoço:

BACALHAU Á MINHOTA

R. da Barroca, 48-56-Tel. 29387

SALÃO DE CHÁ DO PALLADIUM

AV. DA LIBERDADE, 1 e C. DA GLORIA, 2

Todos os dias às 22 horas

A maior atracção internacional

BALLET CONTY GIRLS

HOJE, às 17 horas

CHÁ DANÇANTE

(Para adultos)

HOJE e SEMPRE ÀS 20,30 E 22,45 HORAS

Humberto Madeira

NO **MARIA VITÓRIA**

SALVADOR apresenta em pleno **EXITO!**

A alegre e popularissima

REVISTA

SAIAS CURTAS

o triunfo dum grande elenco com a grande atracção internacional **BALLET CONTY GIRLS**

— Para adultos —

Cartaz dos Cinemas

ESTREIAS — «O Ladrão de Veneza» — POLITEAMA

DE HOJE: — «O Veleiro da Aventura» — SÃO JORGE

SÃO LUIZ Telef. 27172 (PARA ADULTOS)

A's 15,15-18,15-21,30: A obra-prima do cinema francês

AQUELA LOIRA!...

com Simone Signoret, numa grande criação

EDEN Telef. 20768

A's 15,30 - 18,30 - 21,30

A deliciosa comédia

Maldita Primavera

com Linda Christian e Charles Boyer

ESPECTACULO PARA ADULTOS

SÃO JORGE Telef. 54153-Bal. 54154

Hoje, às 21.30 ESTREIA

O VELEIRO DA AVENTURA

Um espectaculár tecnicolor com Spencer Tracy e Gene Tierney

(PARA ADULTOS)

ALVALADE TEL. 73865

A's 15,30 e as 21,30

A famosa obra de W. Shakespeare

O MERCADOR DE VENEZA

com MICHAEL SIMON

(PARA ADULTOS)

ODEON Telef. 26283 A's 21 e 15

PALACIO A's 21,30 Telef. 50163

UM EXITO SENSACIONAL!

Violetas Imperiais

Deslumbrante Gevacolor, com o par romantico CARMEN SEVILLA e LUIS MARIANO

(Para maiores de 13 anos)

CAPITOLIO TEL. 75251

A's 15,30 e 21,30: O extraordinário e empolgante filme

WANDA, A PECADORA

com Yvonne Sanson e Frank Villard

(Para maiores de 13 anos)

TERRASSE TEL. 20917 — A's 21,15 h.

Loucura Branca

A RAINHA DO MAR

(Para maiores de 13 anos)

TIVOLI Telefone 50595

Clifton Webb e Bárbara Stanwyck em

TITANIC

A's 3 e 6,15 da tarde (a preços reduzidos) e 9,30 da noite

(Para maiores de 18 anos)

POLITEAMA TEL. 26305

As 21,30 — Estreia sensacional! Um espectáculo de excepcional envergadura em Riqueza!... Aventuras!... Mistério!

O Ladrão de Veneza

com Maria Montez, Paul Christiani, Massimo Serato e milhares de figurantes

PARA MAIORES DE 13 ANOS

CONDES Telef. 22523

ULTIMAS EXIBIÇÕES e despedida do filme

Obsessão

A's 15,15 - 18,15 - 21,30 (Para adultos)

com James Manson e June Havoc

MONUMENTAL TEL. 55131

As 18,15 e 21,30

Despedida do espectáculár filme em magnífico tecnicolor

«SHANE»

com Allan Ladd, Jean Arthur e Van Heflin

Exibido em Écran Panorâmico

Para maiores de 13 anos

IMPÉRIO Telefs: Plateia 55134 Balcões 55135

(PARA ADULTOS)

A's 15,15 e 21,30

A deliciosa comédia

Caprichos de Carolina

com Martine Carol, Jacques Dacqmine e Denise Provence

LIS Tel. 48560

Prémio de Beleza

PRIMAVERA

A's 21,15

(PARA ADULTOS)

CASINO ESTORIL A's 21,30

PRESTIGIO REAL

com Dilip Kumar

(Maiores de 13 anos)

VIDA e exercício

O PRETO NO BRANCO

Nota à margem

de Ramada Curto

Frio de rachar pedras! O Sol de Inverno tem o ar grave dum velho avô que, a uma infinita distancia e com um sorriso pálido, recomenda aos homens que se abafem porque não pode fazer nada por eles.

Eu conheço um sujeito que me confidenciou, há dias, que não tem frio—porque parece uma cebola, tal a porção de «cascas» que traz em cima. Se nós tivessemos boas relações com os Sovietes era caso de importarmos peles de urso ou de foca para nos cobrirmos e ninguém me tira da cabeça que estas ondas de frio que, de há uns anos a esta parte, vêm assolando as zonas temperadas do globo, vêm de lá, daqueles sítios... *Não me custa nada a acreditar que nisto há* maroscа...

Os gatos e os velhos são friorentos. Eu, que não sou gato, escuso de explicar, porque não gosto de falar em coisas tristes, qual a razão por que sou friorento. E apesar disso acab de fazer um ror de léguas *de automovel para ir exercer o meu* sacerdócio, *como dizia um colega meu que já está, de há muito, no* jardim das tabuletas. *Era um excelente homem que tinha a mania de falar dificil e contagiou a familia. A esposa, que eu conheci e era uma* dona dos tempos idos, *usava* pince-nez, *que é como quem diz, lunetas com cabo ou* lorgnon *e falava no mesmo estilo empolado e farfalhudo do marido. Sucedia que, ás vezes, ia alguém procurar a casa o tal meu colega, quando ele já estava no escritório ou no Tribunal a deliciar os ouvintes. Se alguém batia á porta, vinha a sopeira, que dizia que «o sr. dr. não estava» e logo aparecia no corredor a D. Aurora, de* lorgnon *em riste, fixando o visitante e informando:*

—Meu marido não está, foi para o seu sacerdócio!

Pelos vistos o templo era a Boa-Hora, os oragos os meretíssimos juizes, os escrivães, os acolitos e os evangelhos, os códigos!

Pois ia eu dizendo que percorri algumas léguas para ir debitar discurso, diante dum douto magistrado. Lá fiz o que pude, mas o Tribunal tinha friage *central canalizada e com dois graus abaixo de zero não há eloquência que resista. Eu dificilmente compreendo que possa haver um advogado no circulo polar árctico! Só se os trajos forem de* pele de urso! *E logo ao pensar nisto, penso também que não poderá haver nu artístico entre os esquimós! Como será o amor, por exemplo, em tais latitudes e longitudes? E qual seria a reacção dum esquimó, se*

(Continua na 11.ª página)

Três Canções

a *João de Barros*

I

Não peças á minha vida
Outro sentido mais fundo;
Sou como a folha caida
Que não viveu um segundo.
Se a minha boca pudesse
Dar forma á tua beleza
E o teu corpo me quisesse!
Mas triste por natureza
Não sei moldar outra vida
E vou morrendo no mundo...
—Sou como a folha caida
Que não viveu um segundo.

II

Triste de quem sem razão,
Ao mundo dá que falar!
—E' como a erva do chão:
Todos o querem pisar.
Olhando a vida que passa
Efemera, como ela é,
Meus olhos vêem desgraça
Onde antes sonhavam fé.
Mas se alguém, a vida, então,
Tenta em esperança renovar...
—E' como a erva do chão:
Todos o querem pisar.

III

Amor—palavra que ás vezes
Só vive um instante breve;
E' triste, é longa, e apenas
Com quatro letras se escreve.
Quem não conhece a grandeza
Desta palavra imortal
Feita de sonho e beleza,
E sendo um bem é um mal?
Por ela sofrem-se penas...
E o homem que a tal se atreve,
Sabe que é trágica, e apenas
Com quatro letras se escreve.

VIEIRA LOURENÇO

OS NOSSOS CONTOS

PRENDA DE NATAL

por *DINIS DA LUZ*

Francisco das Neves vivia sozinho. A água furtada dava-lhe a magnífica sensação de viver nas nuvens, quase no meio das estrelas. Assim convinha ao seu feitio isolado, desolado. Por companhia, além dos livros, tinha um gramofone em segunda mão, estridente, mas fiel, para as horas espaçosas de Inverno, nos serões sem sono e com os olhos magoados já de leitura a fio.

Era o género de vida que preferia. Contemplava com gosto a vida, a vida alheia, o bulício da rua, o fervor dos «cafés» vistos de fora, num relance. Para si, queria a solidão. Coisa curiosa: morava mesmo na Rua da Soledade. Dava-se bem assim. Todas as vezes que saía do quarto, lia pausadamente, como senha para o dia ou para a noite, um letreiro pessimista que escrevera e colara na porta: «Estar sempre sózinho. Não ir a casa de ninguém. Não ter amigos Não acretitar em ninguém.

(Desenho de *Jardim Portela*)

Ele próprio não sabia ao certo a razão de semelhante precaução. Não era talvez um aviso a si próprio? Era talvez um desabafo apenas, um reflexo do seu estado de alma?

Amigos não tinha. Os parentes, l o n g e. Na América e no Brasil. E os pais, nas Ilhas.

Os meses iam passando, tão velozes que lhe sucedia ficarem pendurados no calendário; um belo calendário, mas estranho ao mesmo tempo, com cenas de praia, na folha de Julho, e desportos na neve, na folha de Janeiro. Portanto, sem evasão nem refrigério...

O pior era quando se aproximava o seu dia de anos—e ele sòzinho. Pior ainda quando se aproximava o Natal—e ele observava, com mais atenção, a animação geral nas ruas, nas vitrinas, nas musicas da rádio. Ao regressar do emprego, de mãos nos bolsos com o friozito da época, via as prendas á venda, as prendas compradas, embrulhadas em papel vistoso, reluzente, mentalmente rotuladas já para este e para aquele.

Baixava então os olhos. Ninguém melhor do que ele compreendia a mágoa dos que não podem oferecer as prendas do Menino e a dos que não as recebem nunca. Vagamente, resolveu sair da regra, fazer uma surpresa, alegrar uma alma. Com os dedos nos bolsos, sentia algumas moedas. A tentação invadiu-o pelos dedos. As moedas estavam tépidas do contacto e um calor doirado foi-lhe subindo até ao coração.

Com os dedos no bolso, fez as contas ás moedas e verificou que podia comprar um disco, para fazer também a sua oferta de Natal e alegrar uma alma. Uma alma que se alegra, alegra o Mundo...

Desceu o Chiado essa tarde. Na rua, enfronhavam-se no rumor das pessoas e dos carros as melodias dos reclames. A melhor casa do género estava á sua frente. Entrou, avançou com cautela, não desabassem á sua volta as pirâmides de rádios e colunas de discos. Chegou ao balcão.

—Que desejava?—perguntou uma empregada.

—«Vaya con Diós».

—Temos uma interpretação inglesa.

—Eu preferia americana, a de Mary Ford. Mas pode ser...

—Esta musica está a ter muita venda.

—Não se canta outra coisa em Brooklin, ouvi dizer.

—Mais nada?

—Mais nada, por agora.

Francisco das Neves estava deslumbrado com a riqueza sonora, deliciosamente calada, daquelas prateleiras a perder de vista.

—Podia embrulhar com aquele papel bonito? Isto é uma oferta. E podiam mandá-la ao destinatário?—pediu.

—Com certeza. Daqui a duas horas está entregue. Diga-me o nome, por favor...

—Francisco das Neves, Rua da Soledade, n.º 13, 5.º

A empregada esfranhou. Mas aceitou o pagamento com um «muito obrigado» a preceito, com uma semivénia e um sorriso de camélia de Sintra.

...Francisco das Neves saíu. Andou sem sentido pelas ruas, a fazer duas horas e meia, para ter a certeza de a prenda já estar em casa, quando ele chegasse. E' tão bom fazer uma alma menos triste. Tinha razão Verlaine...

UM HOMEM DA RENASCENÇA PERDIDO NO NOSSO TEMPO:

MALAPARTE

A crueldade de Malaparte é a crueldade de um idealista: a mais ferina, a mais ritual das crueldades.

O amor de Malaparte é também o amor de um idealista: amor que eleva, sublima, exagera, entroniza. Toda a obra de Malaparte, mas especialmente «Kaputt» e «A pele», respira, palpita, vive dêste duplo idealismo—ódio, desprezo, revolta, crueldade, sempre crueldade, porque o homem real mais não é do que uma grotesca e sombria caricatura do homem sonhado, do homem utópico; ao mesmo tempo, um grande desejo, um grande anseio de amor. Mas o escritor italiano não sabe amar os homens reais e vivos, só sabe amar os homens de um passado mítico e de um futuro utópico. E no seu caminho através de uma humanidade degenerada e aviltada, no seu espinhoso caminho em que Deus lhe surge, não como presença, mas como tradição, como etnografia, como cultura, o angustiado Malaparte, o idealista Malaparte, volta-se para a Natureza com um movimento enternecido de apaixonado e concentra nela todo o seu ardor de amoroso frustrado. A natureza é bela e rica, na sua variedade e na sua exuberancia. A' aparência sedutora, a natureza não acrescenta, como no mundo dos homens, a intenção malévola. A natureza não faz mal, a natureza não faz o mal. Os seus cataclismos, as suas iras, as suas tempestades podem ferir e destruir os corpos, que os espiritos permanecem intocados. A natureza não é má porque não possui intenções malévolas e porque não tortura a alma: quase se sente este suspiro de alívio de Malaparte. Em época de guerra, de sofrimento, de fome, de desesperança, de ódio, a natureza surge-lhe de subito como as ilhas afortunadas do mito. Há instantes fora do tempo, intervalos de batalha, quando por segundos o canhão deixa de ribombar e a paisagem se não obscurece com visões guerreiras, há instantes em que se reencontra o paraíso perdido. O Sol aquece as folhagens agitadas por uma ligeira brisa, uma névoa cobre os cimos das montanhas, as cores e as formas cantam a sua sinfonia idilica.. Nêsses instantes, Malaparte experimenta o imenso, o infinito impulso do seu amor refreado: e aparece quando, logo a seguir, a natureza se lhe tolda de novo, porque aparece o bombardeiro no horizonte, o soldado ferido no atalho, o crepitar da metralhadora ao longe, assim cresce, assim cresce como um outro ser dentro dele, como um bicho feroz o seu ódio aos homens, a *estes* homens, aos homens dêste tempo, e o desejo de ser cruel, de lhes fazer mal, de os torturar também, assim como eles se torturam uns aos outros.

Não sei de descrições, na literatura do século, mais maravilhadas pelo espectáculo da paisagem e da natureza Tão maravilhadas, que deixam de ser naturalistas para entrar em caminhos de ilusão, de artificio, de abstracção A arte descritiva de Malaparte é uma incessante busca do sublime: lembra o Raul Brandão dos «Pescadores», mas um Raul Brandão mais febril e menos religioso; se êle fôsse pintor, eu diria que o Malaparte amante da natureza, o Malaparte paisagista, podia ser um discípulo hodierno de Corot, mas um Corot turbulento, procurando fixar, não panoramas extáticos, mas panoramas «em intervalo de movimento»,

ANTONIO QUADROS

(Continua na 11.ª página)

Madeira, epopeia rural

por J. Vieira Natividade

O actor não é, apenas, um cientista, para quem a flora não tem segredos; é também um dos nossos mais belos prosadores, de alto esplendor verbal. Deleita lêr os seus pequenos estudos, que outro tornaria áridos, secantes, dada a natureza dos temas, como, por exemplo, a «Floresta do Sobro Mediteranea». Quando se

J. VIEIRA NATIVIDADE

espera encontrar matéria didactica, de linguagem hermética para os profanos, que vêmos? Pinceladas admiráveis de uma natureza antropormorfica. Poesia paisagistica. Flores que falam. Arvores que sofrem. Numa palavra, os acordes, a sensibilidade misteriosa das plantas, a ternura pelos arbustos pobres, as charnecas ralas, as corelas humildes, ou, então, em des-

(Continua na página seguinte)

1 «A voz de Roma na questão social», em dois densos volumes, do padre José Quelhas Bigote. A matéria é vasta, tratada com superior critério, e flagrante de actualidade. O seu autor busca esclarecer o complexo problema, fundamentando-se nas encíclicas e discursos de vários pontífices.

2 De São Paulo, Brasil, recebemos «Equitação Prática», de Jorge Leal Furtado Coelho, director de uma escola do género naquela cidade. Vê-se que é um prático competente. Numerosas gravuras elucidam as lições.

LIVROS e AUTORES

COMENTÁRIOS DE ARTUR PORTELA

CRONICAS

NAMASTÊ

por Hugo Rocha

Nem sempre os nomes dos escritores ou jornalistas portuenses, atravessando pouco mais de 333 quilómetros de distancia, chegam até Lisboa, e o mesmo sucede, ao que parece, aos da cidade maioral do reino, na altiva e nobilissima capital nortenha.

Aqui há anos, um notável prosador que tem um nome nacional, queixava-se, com justa razão, da pouco audiência que a sua obra tinha nas tão agrestes, como idílicas margens do Douro.

Haverá um certo particularismo literário? É natural. Mas não se trata de qualquer fenómeno—dando a este um caracter de inédito, inusitado, ou controverso á natureza; simplesmente como sucede algures, e, em toda a parte do Mundo, de um caso normal, portanto banal condicionado pela geografia, o meio especifico, o estilo próprio da vida, o conhecimento directo dos autores, cuja presença ainda é a maior dominante de interesse do publico—este tanto leitor como admirador.

Mas há casos que fogem á regra. Hugo Rocha, por exemplo, homem de letras, que faz a sua vida no Porto, e que, em Lisboa, tem obtido merecidos êxitos. Entre outros, o «Prémio Ricardo Malheiros» pelo romance «Gentio Branco» Vêmo-lo, amiude, á janela do «Comércio do Porto» veneranda coluna de granito da Imprensa do Norte, assim dizemos, pelos seus anos, a sua solidez—até, a sua monumentalidade— e também, andarilho do Mundo Fernão Mendes Pinto, não em caterva de peregrinos pela Tartaria, ou descansando á sombra das muralhas do Grande Catai, mas de *sleeping*, avião, vapor, pelas remotas partes deste vasto orbe, com pena brilhante de cronista e olhos avisados de observador. Dos cinco continentes, que constituem o planeta, Hugo Rocha já devassou, pelo menos, quatro, senão em profundidade, naquelas angras cidades e florestas, rios e montanhas, que ornavam os velhos portulanos. No tempo dessas cartas primitivas (portulano) tem a raiz no substantivo porto), a curiosidade dos portugueses—o Mundo era tão grande! —quase sempre limitava-se ao contorno das terras. Só depois, com o rodar dos séculos, desbravadores missionarios, pombeiros, aventureiros, bandeirantes, penetraram no interior, identificando as linhas fisionómicas do globo.

Ficou a tradição. O português continua a ter duas paixões na vida: um amor camoneano, que tanto pode ser Barbara, a escrava, com a fronte de neve e o colo de garça de Natercia, e uma viagem a paragens remotas, civilizações estranhas ilhas perdidas ou países distantes.

Quando, então, se é jornalista o caso ainda é mais nitido Dir-se-ia mesmo que constitui uma doença de caracter epidémico. Se o acaso dá carta de prego ao reporter ,ei-lo escuteiro, de abalada com o farnel e o canhenho, a audácia e a embriaguês do desconhecido, a zarpar tal como um barco, para qualquer ilheu ou selva, das sete partidas do Mundo. Este instinto nomada, particular do lusiada, mais se exaspera com a vocação e a profissão do jornalismo.

Eis o caso de Hugo Rocha que traz agora á colação, com o titulo «Namastê», impressões imagens, paisagens descritivas e crónicas do roteiro de uma viagem á India, onde foi com o sr. Cardeal Patriarca, quando do IV centenário da morte de São Francisco Xavier.

Mas o que é *Namaste?* Damos a palavra ao autor, que ainda é o melhor:

«E' uma saudação cálida e meiga que, por assim dizer, retrata a alma deste povo do Oriente Tão impressionante, porém, como a palavra indiana, é o gesto que geralmente a acompanha: os braços em ogiva, as pontas dos dedos tocando-se ao nivel do queixo ou da testa, a cabeça a inclinar-se, delicada, graciosamente, numa reverência que contrasta com os acenos rápidos, sacudidos, desportivos do nosso tempo».

O livro de Hugo Rocha pode considerar-se uma reportagem literária. As escalas pelo Mediterraneo, as imagens feéricas do Cairo, o passeio ás Piramides, a travessia do Suez, e depois a chegada a Goa são páginas cheias de relevo, de colorido, de pitoresco, por vezes. trespassadas, com uma ou outra nota de cultura seria inteiramente justificada. Mas é a India portuguesa a velha Goa com os seus monumentos derruidos, trofeus de glória de um passado redivivo que despertou mais vivamente a sensibilidade de Hugo Rocha. O escritor e o jornalista como que trabalharam a par. O primeiro para evocar, em quadros de pintor impressionante, a luz, a paisagem, os tipos e costumes goenses, num estilo assaz brilhante; o segundo para fixar as solenes cerimónias do centenário de São Francisco Xavier, que se revestiram de tão profunda emoção religiosa.

«Namastê» fica a assinalar uma viagem—viagem de artista, e, até mesmo, de peregrino, que, voltou a Portugal, de olhos deslumbrados Entre os dois, e mais alto do que eles, com a bela chama de genuino talento, está o cronista eximio que é Hugo Rocha —*Agência Geral do Ultramar).*

HUGO ROCHA

Evocações

LEGENDAS DE OIRO PARA OS MEUS AFILHADOS

de Daniel Rops

Não sei se Daniel Rops, com «Jesus et son temps» transpôs já o limiar da Academia Francesa. Pelo menos, o seu nome foi, há pouco, indigitado para se sentar «sons la coupole», não longe, porventura, do vibrante e, por vezes, tempestuoso Mauriac. Há, entre dois, uma viva e ardente comunidade espiritual. Ambos são escritores católicos, com sinceridade total de confissão e da sua arte tão bela, embora diferenciada pelos seus respectivos talentos literários.

Mauriac, nervoso, abrasado, que nos deu alguns notáveis romances, que lhe valeram o Prémio Nobel, opõe-se, pelo temperamento, que não pela crença, como já sublinhámos, á doce serenidade de Daniel Rops. Aquele como que nos queima com as brasas ardentes e fulgurantes dos seus conflitos intensos, de uma sangrenta acuidade psicológica, recortando figuras do mundo secular de hoje; o outro, refugia-se, nas páginas dos Evangelhos, evoca, com prodigioso sentido real e sobrenatural, o maravilhoso Rabbi, da Galileia, como que o acompanha, seu Cireneu, na vida, paixão e morte, se é que, como nestas «Legendas de oiro» não ressuscita, em páginas, que parecem vitrais góticos, na sua policromia admirável, em que há azuis místicos, roxos etéreos, verdes imateriais, algumas das mais belas figuras do agiológio, com a sua auréola de estrelas e de martírios.

Daniel Rops faz-nos lembrar, pela pureza do estilo, a sua sentida emoção, o seu comovido religiosismo—nada á Saint Sulpice—o pintor Puvis de Chavannes, e dizemos pintor porque os seus «frescos» (ou affrescos) eram pintados. O mesmo lirismo extasiante, o mesmo idealismo de suave pureza, em linhas tranquilas, graves, que, dir-se-ia, desabrocharem vagarosamente, num supremo plano de beleza e de espiritualidade.

«Legendas de oiro para os meus afilhados» é, sem duvida, uma obra religiosa, mas também literária. Daniel Rops reuniu neste livro histórias de santos, heróis, e iluminados pela fé cristã.

Mas são verdadeiras histórias, em que as personagens são quase sempre jovens ou crianças, de alma enternecida, que a vida deste baixo mundo desiludiu, perseguiu, ou condenou, sem nunca, porém, abjurarem das suas crenças. Dir-se-ia que, através desta obra, a religião se torna mais doce. Daniel Rops procura o humano, e sabe, mesmo quando se pressente a lenda torná-la real, e sempre objectiva e edificante. Um coro de anjos, entre estrelas que caem do seu, e lírios que florescem na terra, como que envolve este lindo livro. O escritor francês, sabe, com maestria, em poucas linhas, pôr-nos em contacto directo com o assunto, desnindo-o de todas as banalidades circunstanciais, e, com singular subtileza, numa só frase expectante, criar a atmosfera do milagre, e torná-lo visual não só ao espírito, como aos sentidos. Assunções, ascensões e ressureições gloriosas, imagens de luz divina que nos extasiam, tornando-se reais,

São vinte capítulos, cada um com uma história diferente, em que a infancia ou a adolescência penetram os divinos mistérios, seguindo depois o seu transcendente destino. A teoria é brilhante. Basta só enunciar o título dalguns capítulos para se ver que estas «Legendas de oiro» o são de facto. «Blandina, a escrava heroica«, «Um dia de Verão na estrada de Damasco», «Santa Inês era tão linda». «Genoveva a pastorinha de Nauterre», «A violeta de Pibrac», «A menina a quem a senhora falou».

Pena é que Daniel Rops, que nos fala da aparição da Virgem, em Lourdes, nada diga sobre o milagre de Fátima.

Seria mais uma conta deste seu precioso rosário. «Legendas de oiro para os meus afilhados» é um delicado presente na quadra festiva que atravessamos. Tradução de Luís Vaz e ilustrações de Monique de la Grandiere. *(Bertrand).*

BIOGRAFIAS

AS AVENTURAS DO TRINCA-FORTES

por A. Simões Muller

Adolfo Simões Muller, um dos príncipes da nossa poesia, como que decobriu o mundo maravilhoso da chamada literatura infantil. Embrenhou-se nele, percorreu os sus labirintos devasseu as suas grutas misteriosas, perseguiu os seus gnomos, foi até á cabana do feiticeiro azul, encontrou lindas e graciosas fadas, com o seu cetro coruscante de oiro e pedrarias, falou-nos deste velho Portugal que, pelos séculos de existência, com as suas longas barbas crestadas pela neve parece o Pai Natal, e, por ultimo, acendeu, a famosa lampada de Aladino, nos jardins de Sheherazade. E foi mais longe, nos seus livros de literatura para crianças. De resto, supomos, o seu coração é como a sua pena: feita do mesmo oiro de ternura. Por vezes, chegamos a julgar que ele escreve com a luz das estrelas. O poeta fundiu-se com o escritor, e daí aquela magia fascinante da prosa, tão clara, tão apaixonada na ficção, que multiplica vizões, mitos, imagens, ritmos e sonhos evadindo-nos da realidade.

Sem duvida, a sua obra mais exemplar é as «Aventuras do Trinca-Fortes» que ele sub-legendou de pequena (Afonso Lopes Vieira gostava de escrever «piquena») de Luis de Camões do seu poema». Nele, têm os jovens uma biografia do nosso épico, sem alardes de cultura, nem aspectos criticistas. A verdadeira história romanesca, exultante, apaixonante do genial Luis Vaz, que se lê com deleite e emoção.

Que estupendo romance, viril, ardente, de amores de estudante em Coimbra, duelos nas congostas de Lisboa, canticos no Atlantico, os olhos doces de uma infanta o desterro amargo, a guerra que o mutila, plagas de Africa, deslumbramentos da India, o naufragio na foz do Mekong, a volta de Portugal, cansado e exausto, pedinte — numa palavra a sua coroa de espinhos, em que o poeta para ser grande, do tamanho do Sol, e iluminar com ele o Mundo, teve de sofrer, transfundindo pranto, saudades e sangue, no seu imortal e transcendente poema Percorrem-se as literaturas de todos os séculos e não se encontra um que seja a história real de um povo e de uma nação. Só o dêle! No assento etereo dos deuses e dos poetas, Camões deve estar sentado junto de Homero, ambos a conversar, num diálogo que durará a eternidade!

A. SIMÕES MULLER

Adolfo Simões Muller usou, subtilmente de um curioso engenho: o de entretecer a narrativa da vida de Camões, com frases dêle, arrancadas ás redondilhas, aos vilancetes, ás cartas, aos *Lusiadas*, Veja-se, por exemplo, em «Aventuras do Trinca-Fortes» o episódio de *Descalça vai para a fonte Leonor, pela verdura.* (Mais tarde Sá de Miranda devia retomar o tema, com a mesma crisalina beleza). Camões fala, Camões vive, Camões sofre através deste livro, onde, por vezes, se fundem tambem passos dos *Lusiadas*, como de Fernão Veloso, dos doze de Inglaterra, e da batalha de Aljubarrota, no próprio veio da acção, se não em rápidos descritivos do poeta, e mroda de amigos, já nas doiradas tardes goesas, á sombra dos templos cristãos já nos bancos de castanho da taverna do mal cozinhado, em Lisboa.

«Aventuras do Trinco-Fortes», assim como o «O Capitão da Morte», que é a história do célebre explorador polar Roberto Scott, estão, gráficamente, bem apresentados e entremeados de sugestivos dseenhos.

Do paço-ducal de Vila Viçosa

á restauração da independência pela Casa de Bragança

J. A. Côrte-Real

Trata-se do 13.º trabalho histórico que o autor apresenta, sendo o ultimo aqui referido o que escreveu sobre Frei Luís de Granada. Está agora a terminar um que visa a identificar uma linda peça do Museu Nacional de Arte Antiga.

Hoje trata, com acerto, do movimento restauracionista.

Dentre os monarcas da dinastia de Bragança e á distancia de 313 anos mais se robustece a figura histórica de D. João IV que, elevado ao trono por efeito da memorável Revolução de 1 de Dezembro, entrou em Lisboa a 6 daquele mesmo mês, depois de haver vivido largos anos distanciado da capital, no alentejano Paço de Vila Viçosa, agora tão recuperado devido á acção do doutor António Luis Gomes.

O nosso rei convocou logo em Janeiro seguinte as Côrtes onde se proclamaram os no'áveis e transcendentes principios para a epoca do Direito Publico nos seguintes termos: «o poder dos reis provém originàriamente da Nação, á qual por iso compete decidir as questões sobre a sucessão; velar pela execução das Leis; e até recusar-se-á obediência, quando o rei pelo seu modo de governar se torne indigno e tirano». Assente assim em bases modernas a administração interna, cuida de acautelar as relações diplomáticas.

Neste novo trabalho o historiador João Afonso Côrte-Real dá relevo, sem sombra de partidarismo, ao periodo histórico que tanto e sempre tem interessado os Portugueses. E' obra séria que convém ser lida.

NEOFILME

Artigos para Fotografia e Cinema

A organização a quem deverá entregar os seus trabalhos de fotografia e cinema.

■

Rua da Prata, 94-96
LISBOA

ESTUDOS

(Continuação da página anterior)

critivos admiráveis, a grandeza de uma floresta com naves de gótico, arabescos de ramarias e cupulas de densas copas verdes, onde o vento sussurra, em acordes de sinfonia beethoviana.

Assim é esta *Madeira*, a *epopeia rural*, que J. Vieira Natividade agora publicou. Que embriaguês e delirio de cores! Que apoteose floral! Como a ilha rescende, ultimo corpo de sereia, boiando no Atlantico! Ela surge-nos, capitosamente, exalando mil aromas. Os seus seios quentes de terra, como que se desnudam para que o mar de esmeraldas e safiras, os acarinhe. Um arco de estrelas desce sobre a ilha encantada. A selva de três continentes, aperta-se, desabrocha, multiplice de seivas e de essencias. O ar sabe a mel, a leite, a mosto e a rosas. As águas cantam numa divina Primavera. Os rochedos estão em fogo e as hortensias correm pelos caminhos como crianças de bibes multicores.

J. Vieira Natividade reconstitui geológicamente, a crise telurica, que fez nascer a Madeira, do fundo das aguas—alterosa lembrança de Atlantida. Depois descreve-nos as várias fases morfologicas, o trabalho do homem através dos séculos, os seus diversos tipos de cultura, e por fim, a floresta imensa, tentacular, onde as ninfas são as corolas lacteas, roseas, rubras, como corpos femeninos, e as fragas rudes, encrespadas, os faunos, silentes e ardentes, a cujo peito rugoso e hisurto de liquenas, elas prendem, enroscam, as vergonteas letais e sensuais.

Morrer de amor! A Madeira é isto! E' de facto, a ilha dos amores—ultimo refugio de sonho e poesia na terra, o paraiso perdido de Milton, outro mundo de eternidade, na transida efermidade deste.

Belo livro este de J. Vieira Natividade, em que o prosador requintado, lavrante da prosa nos deu alguma coisa que nos fez recordar, sentir, estremecer a ilha encantada, filha das águas e do fogo, plutónico, nas suas nupcias supremas, dilacerantes, de beleza e de paixão. Mais carne do que espirito, como se o amor, eternamente insatisfeito, voltasse sempre, não se cansando nunca, aos labios veementes, de chama e de volupia da Ninfa Florida—a Madeira!

AMIGOS

(Continuação da 1.ª página)

que corre qualquer perigo o seu dilecto companheiro, o eleito da sua devoção, não há forças que o contenham: põe-se em campo e mostra que não cede a obstáculos nem a tímidos receios.

—Nunca tenhas medo de invocar a lealdade para com o teu amigo, ajudando-o, nas horas em que ele necessita do teu braço ou da tua inteligência. O casamento fortalece-se por contratos que lhe garantem o futuro, mas a amizade dispensa tamanha prudência, pois se contenta com leis que ela própria, livremente, observa e respeita.

O italiano Dante não se ilude quando, no seu grande poema, nos ensina que a Amizade verdadeira resiste até ás chamas infernais.

Poderiamos nós viver em paz, se não nos prendessem laços que os interesses e as ambições não conseguem romper?

Sem necessidade de sanções, não falta quem se exponha á morte só para salvar o seu amigo. Não existe outro tribunal, senão o da nossa consciência, nesta causa onde a liberdade é juiz. Se nós nos furtamos, egoistamente, aos clamores do nosso amigo que nos pede socorro, quem nos pode obrigar?

A cada passo, nós vamos tomando conhecimento de casos desta espécie—avarentos que não se comovem com a miséria suplicante, companheiros de armas que cerram os ouvidos para não ouvir os gritos dos que lutam sòzinhos, sem o amparo de ninguém, caluniados que esperam debalde a voz amiga que poderia livrá-los das tenazes que os mortificam, etc.

Castor e Pollux, fizeram da Amizade a coluna que não quebrava, a fortaleza que jamais se rendia á adversidade e a ponte que se sobrepunha ás torrentes mais iradas e impetuosas.

Queremos ser iguais a eles?

Não é fácil, porque os dois pertencem a épocas remotas em que as virtudes se talhavam no bronze ou no mármore, como as façanhas dos deuses. A nossa évoca, como mais frágil e decadente, não recorre aos gestos heróicos. Contenta-se com menos.

Ainda assim, apesar do predominio do colectivo sobre o individual, ainda existe espaço bastante onde a Amizade vive e cresce, em exemplos dignos de admiração.

Por que os ocultamos, como se fossem espectáculos vãos e sem renome?

Julgamento importante

Por noticias recebidas de Luanda, inicia-se ali, hoje, dia 14, o julgamento de um importante processo de burla, em que são acusados Jorge Malheiro Radich, Luciano de Almeida, gerente da Fornecedora Maritima Luso-Internacional, Ltd.ª e outros.

Segundo a acusação, o Jorge Radich e Luciano de Almeida, depois de terem feito um seguro de mica classificada, no valor de 10.000 contos, teriam embarcado no veleiro «Bonfim» mica em bruto no valor de 165 contos apenas, procedendo depois em colaboração com os outros acusados ao afundamento daquele veleiro, com o fim de receberem da companhia seguradora a importancia do seguro.

O caso foi, porém, descoberto e apurado em todos os seus pormenores, pelo que os acusados se encontram presos, sem caução, há mais de um ano.

E' grande a expectativa em Luanda por este julgamento, visto o caso ter despertado a maior curiosidade até por o acusado Radich ser ali muito conhecido.

Entre declarantes e testemunhas devem ser ouvidas em audiência mais de 100 pessoas, o que só por si dá a ideia da importancia do julgamento.

EX.MOS NOIVOS:
não esqueçam que as alianças e as prendas da
Grande Ourivesaria da Moda
vos darão as maiores felicidades
RUA DA PRATA 257

Uma visita
de senhoras
à Maternidade do Estoril e ao «Forte Velho»

A prestimosa obra da Maternidade do Estoril recebeu hoje a visita da sr.ª D. Maria Amélia Pitta e Cunha, esposa do sr. ministro dos Negócios Estrangeiros, e de mrs. Gunghenheim, esposa do sr. embaixador dos Estados Unidos. As ilustres senhoras foram recebidas pelas dirigentes e outras senhoras que costumam prestar o seu concurso á actividade que aquela benemerente instituição exerce e da qual beneficiam as parturientes pobres dos concelhos da Parede e de Cascais, assim como os médicos que ali prestam a sua assistência, drs. Mário Quina, Vargas Moniz e Pedro Monjardino.

Os serviços da Maternidade foram demoradamente percorridos pelas visitantes, que ouviram das internadas e outras beneficiárias as suas impressões sobre o carinhoso tratamento que lhes é ali ministrado. Ao mesmo tempo, foram prestadas informações sobre rendimentos e despesas da maternidade, através do que foi possível apreciar a medida de devoção e até de sacrifício que todos os dias têm de ser despendidos para que a obra possa exercer efectivamente a sua actividade em termos de corresponder aos objectivos que constituem a sua finalidade.

Acompanharam a visita, entre outras, as sr.as D. Maria Amélia Azancot, a cuja entusiástica actividade a Maternidade do Estoril deve o seu actual desenvolvimento, e algumas senhoras portuguesas, inglesas e americanas, entre as quais as sr.as de Moses Amzalak, Gonçalves Pereira, Martin Sain, Abecassis, Ribeiro dos Santos e, Vargas Moniz; condessa de Avila, madame Allaume, mrs. Bucknall, madame Eraso, D. Olga Resende, D. Clara Petrarck, D. Ivone Novais Gonçalves, D. Catarina Vaz Pinto Simeão e D. Virgínia Silveira.

Após a visita, a Junta de Turismo de Cascais, a que preside actualmente o sr. eng.º Vaz Pinto, ofereceu no «Forte Velho», um «cocktail» em honra das sr.as de Paulo Cunha e de Gunghenheim, a que assistiram algumas dezenas de convidados. A velha fortificação, que fez parte do sistema defensivo da costa construído sob os planos do conde de Lippe, foi agora aproveitada, sob a inspiração da Junta de Turismo, para uma bem curiosa sala de chá, que funcionará sob a responsabilidade de um grupo de senhoras e cujos rendimentos reverterão a favor da maternidade.

Uma nova sessão
da C. C. T. A.
vai realizar-se
em Londres

PARIS, 14 — A 9.ª sessão da Comissão para a Cooperação Técnica em África ao Sul do Sará (C. C. T. A.), reunir-se-á em Londres, em 18 do corrente. Este organismo permanente, que compreende os governos da Bélgica, Federação da África Central (Rodésia e Niassa), França, Portugal, Reino Unido e União Sul-Africana, tem duas sessões por ano, num dos países membros, para coordenar as actividades, ás vezes divergentes, empreendidas em África pelas autoridades soberanas em tudo o que se relaciona com o bem-estar das populações autóctones luta contra as epidemias, os flagelos naturais, a deficiência da alimentação, melhoria das condições de trabalho, protecção da flora e da fauna, etc.

A nova sessão revestir-se-á de importancia muito especial, porque no dia da inauguração será assinada, ás 17 horas, no gabinete de Anthony Eden, em Carlton Garden, a convenção que cria a C. C. T. A. Assim, a comissão, que desde que se formou, em Janeiro de 1950, só tinha existência de facto, passará a ter existência legal. Antes da assinatura, o ministro de Estado das Colónias abrirá, pelas 10 horas, a 9.ª sessão da C. C. T. A., a que presidirá, provavelmente, sir John Martin, chefe da repartição internacional daquele ministério.

Entre as principais questões que figuram na agenda, conta-se a dos orçamentos dos serviços da C. C. T. A., cinco organismos permanentes encarregados de colher o máximo de documentação a respeito dos assuntos técnicos em estudo.

Por outro lado, devem ser estudados nesta sessão: um plano de investigações sociológicas, um estudo dos factores humanos da produtividade, um projecto de atlas climatológico africano, uma campanha de acção contra certas doenças endémicas, etc.

Finalmente, como a nova convenção prevê que a C. C. T. A. seja assistida pelo Conselho Científico africano, até aqui independente, é possível que a sessão projecte o estudo da integração progressiva dos dois secretariados: o da C. C. T. A., com sede em Londres, e o do C. C. A., com sede em Bukavu (Congo Belga). —(F. P.)

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até ás 15 horas: *máxima, 17°; mínima, 11°,9.* No mesmo dia do ano passado: *máxima, 9°,1; mínima, 4°,2.*

O PERIGO DAS AVALANCHES

Continuam sepultadas
muitas pessoas debaixo da neve
que fez desaparecer cinco aldeias austriacas

BREGENZ (Oeste da Austria), 14—Centenas de policias, esquiadores e alpinistas percorreram hoje os montões de neve do «Vale da Morte», no Ocidente da Austria, procurando os ultimos sobreviventes das avalanches.

Julga-se que estão ainda sepultadas 46 pessoas sob a neve que fez desaparecer 5 aldeias no Walsertal, na provincia de Vorarlberg. Cães especialmente treinados estão a auxiliar as brigadas de salvamento, que trabalharam durante toda a noite. Foram encontrados até aqui 29 cadáveres e muitas das pessoas desenterradas com vida estavam gravemente feridas. Estão a ser evacuadas em helicópteros do Exército americano.

Sabe-se que morreram 87 pessoas, quando os aludes se despenharam sobre o Oeste da Austria. Mais de 60 das pessoas libertadas até aqui estão feridas.

Para-quedistas do Exército americano estão preparados para se lançarem próximo de aldeolas isoladas, onde não se pode chegar a pé.

Noticias de Bartholomeaberg, no distrito das avalanches, descrevem como foi desenterrada uma mulher, que esteve sepultada durante dez horas com seus filhos nas ruinas da sua cozinha. Durante todo o tempo, conversou serenamente com sua pequenina filha, sepultada junto dela, dando-lhe coragem. A segunda filha estava já morta.

Uma testemunha ocular de Dalaas, onde a estação ferroviária foi destruida e morreram 6 pessoas, disse que se despenharam «nada menos de 40 aludes», nos ultimos dias, na linha de Arlberg. Os ferroviários que estavam de serviço na estação de Dalaas quando ela foi soterrada disseram: «Primeiro, ouviu-se um silvo agudo, e depois um estrondo abafado. Uma das pesadas carruagens, arrancadas do comboio, voou como um balão de borracha e despenhou-se sobre um rochedo, a cerca de 130 metros de distancia».

Um correspondente relatou como, no «tumulo branco» de Gresse Walsertal, brigadas de salvamento escavaram a neve toda a noite, á luz de archotes. Com o auxilio do cão treinado suiço «Edy», desenterraram, depois de 55 horas de trabalho, duas raparigas de 15 e 17 anos, ainda com vida.

Um camponês de Blons, que estava sepultado desde segunda-feira, de manhã, tendo sido arrastado para uma profunda ravina pelo alude, foi salvo vivo, 53 horas depois.—(R.).

As comunicações interrompidas

VIENA, 14—Muitas estradas e vias férreas do Oeste da Austria estão hoje ainda bloqueadas a todo o tráfego. O desfiladeiro do Brenner estava obstruido por 12 novas avalanches. Brigadas de trabalho estão a tentar desobstruir esta importante linha internacional de comunicações, mas os aludes arrastaram toneladas de rochedos e milhares de troncos de árvores, que dificultam os trabalhos.

Foi restabelecido o tráfego na via férrea de Salzkammergut. No vale de Enns, muitas estradas que estavam bloqueadas por avalanches foram desobstruidas e foi libertada de novo a estação ferroviária de Selztal.

Na Baixa Austria, onde neve acumulada e aludes bloquearam muitas estradas, entraram em acção 120 limpa-neves a motor e 600 hipomóveis, para limpar as estradas. Muitas estradas dos distritos montanhosos do Sul da Baixa Austria tiveram de ser fechadas ao transito, por causa do perigo de avalanches.—(R.).

Os socorros ás vítimas

BERNE, 14—Aparelhos suiços, respondendo ao apelo das autoridades do Vorarlberg, fizeram reconhecimentos nas regiões onde houve avalanches, principalmente nos Gargellenthal e Walsenthal. Verificaram que neste ultimo vale, completamente isolado do resto do Mundo, havia muitos feridos que necessitam urgentemente de medicamentos e víveres. Consequentemente, duas toneladas de latas de conservas, de plasma sanguíneo, material cirurgico e cobertores, oferecidos pela Cruz Vermelha suiça, foram largadas principalmente nas localidades de Bucchalden, Fontanelle, Garsella, Sonntag, Blons e Maroul.—(F. P.).

Uma avalanche matou duas crianças italianas

MILÃO, 14—Uma avalanche matou duas crianças italianas quando dormiam, ao sepultar uma casa em San António, na provincia de Bolzano, na fronteira com a Austria, na noite passada. Foram as primeiras vitimas dos aludes deste Inverno, nos Alpes italianos.

A avalanche atingiu a casa de campo de Riccardo Lami, motorista, á meia-noite, arrastando-o a ele, sua mulher e três filhos pela encosta da montanha. As brigadas de salvamento encontraram o casal e um filho ainda com vida, depois de escavarem febrilmente durante algumas horas. Duas meninas de 3 e 6 anos, estavam mortas.—(R.).

91 mortos e 47 desaparecidos

VIENA, 14—O balanço actual dos nevões e avalanches, na Austria, é o seguinte: 91 mortos, 47 desaparecidos, 30 feridos graves ou leves. E' de notar que a acção de salvamento e remoção de destroços ainda não terminou.—(F. P.).

40 pessoas continuam soterradas e há poucas esperanças de as salvar

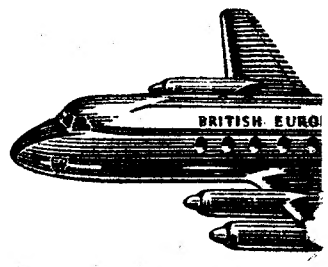
VIENA, 14—As 43 pessoas soterradas pela neve no Grande Walsertal e que puderam ser retiradas ontem, acham-se em estado grave. Por outro lado, não há esperança de salvar as restantes 40 que ainda estão soterradas. Os trabalhos de salvamento foram interrompidos pela manhã de hoje, porque uma subida de temperatura faz recear novas avalanches.—(F. P.).

HÁ 30 ANOS

O FUTEBOL

O «Diário de Lisboa» de 14 de Janeiro de 1924 publicava na primeira página um comentário que começava assim: «Ontem, no Campo Grande, juntaram-se dez mil pessoas para ver um desafio de futebol. A minoria dos detractores do desporto e a maioria dos indiferentes pasmarão com o numero enunciado. Mas se acrescentarmos que essas dez mil pessoas—das quais um milhar de senhoras—suportaram durante duas horas uma chuva persistente, sem arredar pé—onde se deterá o pasmo dos indiferentes e a maledicência dos detractores? O enorme «meeting» desportivo de ontem, teve uma significação que não pode ser deixada passar em claro».

PRATEX
A eternidade das pratas, prateados, etc.

A BEA FAZ
ENTRE LISBOA E
PRIMEIRO TRAN
MUNDO A tur
O CAMINHO MAIS
A BOR
VIS


voe pela BE
Reserve através
tual ou no es
Avenida da Lib
30031/2/3 • Tele
BRITISH EUR

«A bela Otero»

velha e pobre ganhou uma acção no tribunal de Nice

NICE, 14—«A bela Otero», em tempos uma das beldades mais célebres da Europa e agora uma velha empobrecida de 84 anos, ganhou hoje uma acção no tribunal, promovida contra ela por um homem que afirmava tê-la salvo da pobreza com a venda dos direitos das suas memórias.

Esse homem, Jean Gautier, advogado de Paris, exigia 400.000 francos a Caroline Otero, por ter conseguido que lhe fosse concedida uma anuidade de 240.000 francos por «uma personalidade muito conhecida de Cannes», depois de a ter encontrado a passar fome numas águas-furtadas desta cidade, há quatro anos.

Gautier disse que organizara publicidade na Imprensa e cinema para a auxiliar, mas o juiz recusou o seu pedido, argumentando que ele não apresentara provas suficientes.

«A bela Otero» declarou no tribunal que recompensara Gautier com fotografias autografadas de individualidades reais europeias.

A cantora e bailarina, natural de Cadis, que foi, em tempos, a grande sensação dos teatros, clubes e casinos da Europa, vive agora num pequeno quarto, em Nice. Afirma ter apenas 60 anos e, recentemente, esbofeteou um jornalista que disse que ela tinha 87 anos. Porém, os registos indicam que a sua idade é 84 anos.

Depois de 1890 e nos primeiros dias deste século, esta fogosa bailarina espanhola teve a seus pés czares, reis, príncipes e milionários. Entre os seus amigos íntimos contavam-se o rei Eduardo VII da Grã-Bretanha, Afonso XIII da Espanha e o imperador Guilherme II da Alemanha.—(Reuter).

Instituto de Oncologia

O prof. Lima Basto realiza hoje, 14, pelas 21 e 30, na sala de aula do Instituto Português de Oncologia, uma conferência subordinada ao titulo «A excisão abdomino-perineal combinada sincrona no tratamento do cancro do recto».

A LIGAÇÃO
LONDRES COM O
SPORTE AÉREO DO
rbo-propulsores
ÁPIDO PARA LONDRES
O DO NOVO
COUNT

A BEA recomeça as carreiras regulares entre Lisboa e Londres. Para este novo serviço «Asas de Prata», a BEA utiliza o seu melhor transporte aéreo, o VISCOUNT. Primeiro transporte aéreo turbo-propulsor, desenvolve a velocidade de 5 milhas por minuto, de 5 milhas para cima. Chega-se a Londres depois de 4 horas apenas de viagem tranquila e agradável. Partidas regulares de Londres à terça-feira às 9.05 horas e partidas de Lisboa na mesma terça feira às 14.15 horas.

A

le seu agente habi-
tório da B. O. A. C.
lade, 23/27 - Telefs.
«Speedbird»-Lisboa

PEAN AIRWAYS

Descobriu-se

um caso de contrabando de grande valor

com mercadorias vindas de Tânger e da Itália

Pelas diligências efectuadas pela Policia Marítima, ácerca de um importante caso de contrabando de mercadorias, averiguou-se que, de bordo do iate inglês «S. Francesco», desembarcaram durante a noite de 5 para 6 de Novembro do ano findo 140 volumes de artigos diversos, procedentes de Tanger, para o que foi contratada a lancha a motor «Estrela do Rio», tripulada pelos marítimos Carlos de Almeida Costa, natural de S. Domingos de Rana, e seu filho Carlos da Silva Costa, e por José António Cardoso Vespeira o «Grafonola», que era proprietário da lancha «Onze Amigos», afundada em frente do Bugio e cujo sinistro deu motivo a terem nascido suspeitas de um grave caso de homicidio, na pessoa de João da Silva Lázaro. Essas mercadorias — em grande parte tabaco — deviam ser desembarcadas em Alhandra, na noite de 6; mas, como a lancha «Estrela do Rio» tivesse encalhado junto do mouchão daquela localidade, o desembarque só pôde ser feito na noite seguinte, sendo as mercadorias trasbordadas para uma embarcação, tipo bateira, com o registo n.º 1.523, da Brigada Naval, tripulada por Luis Jerónimo do Rio Apolinário, de Alhandra, que declarou ter entregado os referidos volumes, e ainda uma mala contendo mercadorias pertencentes ao Lázaro, a um grupo de individuos tripulantes de uma camioneta enviada ao local, por ordem, segundo declararam, do industrial António Luis Junior. Para não darem nas vistas, a entrega dessas mercadorias efectuou-se nuns terrenos a Oeste da Fábrica Cimento Tejo, em Alhandra.

No decorrer das investigações, a Policia Marítima teve conhecimento de que o transporte ilegal de mercadorias estava a ser feito desde há tempo. O «Grafonola» confessou que, por algumas vezes, foi buscar volumes a bordo do iate de recreio «Santa Lidia», pertencente a António Luís Junior, que fazia viagens mensais a Tanger, para transportar as mercadorias por contrabando. Nessa altura, era o João da Silva Lázaro, que morreu no naufrágio da lancha «Onze Amigos», quem se entendia directamente com o «Grafonola», arrais e proprietário da lancha, sobre a maneira como a mercadoria devia ser desembarcada.

A Policia Marítima, de diligência em diligência (algumas das quais ainda em curso), soube que outra embarcação foi fretada para o transporte de artigos nas mesmas condições, que era uma «enviada», de Setubal, denominada «Peixe do Sado», para esperar o iate a motor «Guida», em frente do Portinho da Arrábida, e descarregar artigos que este ultimo barco trouxe de Tanger, e que desembarcou numa pequena praia próximo de Sesimbra, em local onde não há Guarda Fiscal e propicio a façanhas desta natureza.

A Policia Maritima, que, quanto ao industrial António Luis Junior, nada apurou de positivo, senão pelas afirmações produzidas por vários individuos que depuseram no processo, (afirmações que ele negou e continua a negar) está a averiguar, neste momento, o caso de um embarque, em Itália, de várias partidas de papel celofane, desembarcadas nos entrepostos de Lisboa, em regime de transito e que depois de reembarcadas, com destino a Tanger, não seguiam, finalmente, para ali, para serem novamente desembarcadas em qualquer ponto do Tejo.

A Policia descobriu e apreendeu já algumas das referidas mercadorias, e está a averiguar quem são os individuos que intervieram no transporte do papel celofane.

A Policia Maritima sabe que os valores dessas mercadorias sobem a milhares de contos.

VAGA DE FRIO

DEPOIS das chuvas torrenciais que assolaram os países da Europa Central, a península ibérica também sofreu as consequências funestas e desastrosas dos grandes temporais.

As inundações, não só causaram incalculáveis estragos nos campos, como derruiram pontes, arrasaram povoações; devastaram rebanhos e ceifaram algumas vidas. Após a tempestade, volta a bonança. Apesar da baixa verificada nos termómetros, os dias apresentam-se claros e o Sol brilhante e radioso. Mas eis que o telégrafo nos anuncia novas tempestades e avalanches, não de chuvas, mas de neves e gelos, tendo já causado incalculáveis estragos materiais, novamente por toda a Europa, e a que a constituição humana também não consegue resistir.

Segundo as Agências, por notícias fornecidas pelos observatórios, esta vaga de frio desloca-se para o ocidente tendo já, em Espanha, anunciado a sua presença com o seu séquito de vítimas e estragos. Porém, em Portugal, ou antes, em Lisboa, podem caír gelos e nevões porque a sua população, previdente e avisada, está esgotando o que ainda resta, por preços que todos reconhecerem ser inferiores aos preços de custo das fábricas, todos os artigos de malha para homens, senhoras e crianças, que a Loja das Malhas, na Rua do Carmo, 99, está liquidando, pelo motivo de encerrar as suas portas, no fim do corrente mês, para proceder ás grandes obras de ampliação que projecta executar e que aqui temos apunciado.

Os condenados

do processo Isidoro vão começar a cumprir a pena

O conhecido processo Isidoro, que em Dezembro do ano findo o Supremo Tribunal de Justiça com a sua ultima decisão enviou ao 3.º Juizo Criminal da Boa Hora, a fim de ser dado cumprimento ao acordão, entrou agora na fase executória, isto é, os cinco condenados, que se encontram em liberdade, sob fiança, vão agora cumprir cada um a sua sentença. Terminados os prazos legais para o pagamento das multas e imposto de justiça, importancias bastante elevadas, o corregedor sr. dr. Lucena e Vasconcelos, confirmando o despacho do sr. dr. Alves Pinto, ajudante do procurador da Republica, ordenou que os condenados fossem apresentar-se nas cadeias, Penitenciária, os que vão cumprir prisão maior celular, e Limoeiro, os que têm a cumprir penas correccionais.

O primeiro que se apresentou foi José Mota Pereira, que terá de cumprir 20 meses de prisão correccional, o qual, devidamente autorizado, foi cumprir a sua pena para a cadeia de Torres Vedras; seguindo-se, depois, Horácio Ferreira Soares Pimentel, que recolheu ao Limoeiro para cumprir seis meses de prisão correccional.

Quanto ao comerciante Francisco Silva, cuja pena é de 2 anos de prisão maior celular, expiou já o prazo para a sua apresentação, não comparecendo como lhe competia. A Secretaria do Tribunal vai, por isso, intimar o fiador a apresentá-lo e, caso contrário, perderá a caução de 300 contos e receberá mandados de captura.

Em relação aos outros reus, o negociante Isidoro Sampaio de Oliveira, condenado em 3 anos de prisão maior celular ou 4 e meio de degredo, e José Cupertino Carpinteiro, em 18 meses de prisão correccional, as respectivas intimações foram enviadas, respectivamente para Montemor-o-Novo e Portel, onde os condenados se encontram. As respostas devem chegar hoje a Lisboa, e aqueles dois condenados devem iniciar o cumprimento da pena nos primeiros dias da próxima semana.

E assim ficará encerrada a discussão de um pleito que teve a maior repercussão na opinião publica desde 1951.

Condenado por agressão

No 3.º juizo criminal da Boa-Hora, em audiência colectiva, presidida pelo corregedor sr. dr. Lucena e Vasconcelos, respondeu o canalizador Diamantino da Conceição Casimiro, que, na madrugada de 13 de Agosto findo, em Cascais, numa taberna, se envolveu em desordem com José Pedro Pinto dos Santos, causando-lhe vinte dias de impossibilidade de trabalho. Foi condenado em 18 meses de prisão correccional, 1 ano de multa a 5$00 por dia e 1.200 escudos de indemnização ao ofendido.

A situação no Egipto

(Continuação da 1.ª página)

nava tranquilidade absoluta em todo o país.

O numero de prisões em todo o Egipto elevava-se ao meio dia de hoje a 450 e vão fazer-se mais.

Observadores desta cidade crêem que a Junta Militar de Neguib dominou a Fraternidade, organização religiosa, social e politica militante, com o minimo de perturbação da segurança publica. Foi a maior prova de força do regime, desde que dissolveu todos os partidos politicos, em Outubro de 1952, e impediu uma conspiração do coronel Mehanna, adepto da Fraternidade, em Janeiro passado.

Decorridas 24 horas após as primeiras prisões, o Conselho Revolucionário do presidente Neguib não publicou qualquer declaração sobre a sua decisão de dissolver a Fraternidade.

Campos de tempo de guerra, no deserto ocidental, estão cheios de membros da Fraternidade, mas a emissora do Estado e a Imprensa mantêm-se silenciosas, sob rigorosa censura.

Um informador da embaixada britanica classificou hoje de «disparate absoluto» notícias egípcias de uma conspiração entre a embaixada britanica e a Fraternidade Muçulmana para minar e derrubar o regime. As notícias afirmavam que o ministro britanico, M. J. Creswell, e outros funcionários da embaixada tinham recentemente entrado em contacto com chefes da Fraternidade.—(Reuter).

Um lar feliz

Têm sido para mim verdadeiros talismãs as prendas adquiridas na Solora, R. de S. Nicolau, 42. As suas salvas de prata, as suas joias e os seus relógios muito têm contribuido para a felicidade do meu lar.

A eleição

de Le Troquer e os comentários *que suscitou* na Imprensa parisiense

PARIS, 14.—Vários diários (principalmente da esquerda) insistem ainda na eleição de André Le Troquer para a presidência da Assembleia Nacional e nas consequências politicas que poderá ter. Os comentadores políticos entendem que o facto importante continua a ser o apoio dos comunistas a Le Troquer. O «Figaro», que apontava ontem esta particularidade, observa que, na altura da transmissão dos poderes, «o que parecia mais á-vontade, mais ruidosamente bem disposto, se não cínico, até, era, sem duvida, Duclos. O dirigente comunista, escreve o comentador anónimo, dava a impressão de reconquistar um direito de cidadania nesta presidência, e tinha manifestamente empenho em dar essa impressão a toda a gente».

O «Populaire» não se mostra insensível ás «reflexões» da Imprensa da direita que, diz, «gostaria de fazer batota a pretexto de que os comunistas teriam misturado as cartas. Não há duvidas, acrescenta, de que os estalinianos aplicaram, tornando-a mais maleável ainda, a dupla táctica anti-europeia e de «frente unida». Mas dar á designação de Le Troquer o sentido de uma manifestação anti-C. E. D., é pura e simplesmente deformar a realidade até ao absurdo. Os próprios comunistas não se iludiram e apresentaram a sua votação de maneira negativa contra a candidatura Pflimlin, acrescentando-lhe uma consideração suplementar: o empenho em se agarrarem por qualquer preço aos socialistas. Tirar do acontecimento a conclusão de que se está a formar uma nova «Frente Popular», é não pensar um momento sequer nas preocupações do Partido Socialista. Acontece que a atitude socialista para com o Partido Comunista foi definida há muito tempo em função das provas tão evidentes dadas pelos dirigentes estalinianos da sua «lealdade incondicional a Moscovo» e do seu desprezo absoluto pela democracia interna.

Também o editorialista anónimo do «Franc Tireur» escreve: «Não vale a pena dramatizar. Pode aceitar-se os votos e recusar a mão. Aliás, a confusão é tal, hoje, que já ninguém reconhece os seus: as listas misturam-se a torto e a direito. Há combinações em primeiro lugar e acima de tudo, para votar contra. No entanto, há que proceder a uma união, para se poder trabalhar».

O «Combat» é de opinião de que «não tendo sabido realizar o centro-esquerda, M. R. P., S. F. I. O. e radicais facilitam a evolução para uma coligação de «Frente Popular». Por uma espécie de fatalidade, o M. R. P. é arrastado cada vez mais para a direita, a S. F. I. O. empurrada para os comunistas e os radicais vêem-se incapazes de regressar ás origens do jacobinismo. Para se oporem eficazmente ao movimento desencadeado pelo Partido Comunista, de que seria baldado negar a força, seria preciso que esses três grupos—e outras individualidades—chegassem a acordo. Mas será que o pensam? Que querem? Haverá, sem duvida, que aguardar o fim da Conferência dos Quatro, para verificar a possibilidade desse acordo».—(France Presse).

EM 3 LINHAS

No Posto de Fruticultura de Viana do Alentejo foi, agora, criado um curso de podadores de fruteiras, de que podem beneficiar todos os lavradores da região.

///

Foram nomeados vogais do Conselho Médico-Legal da circunscrição de Lisboa os srs. professores Jorge da Silva Horta e Mário Arsénio Nunes.

///

Lisboa consome, por mês, á volta de três milhões de metros cubicos de água. Abrantes é a cidade do País que consome menos água—entre 8 e 9 mil metros cubicos.

Ficou suspensa dos arames

uma senhora que caíra da janela

Esta manhã, eram umas 9 e 30, a Calçada do Ferregial foi teatro de um lance emocionante que juntou ali uma pequena multidão de curiosos e populares dispostos a prestar o seu auxílio. Tratava-se de salvar a vida a uma senhora, D. Eva Simões Rosa que, sendo hóspede de uma pensão do n.º 23 daquela artéria, caíra de uma janela. Mas, por felicidade fora detida na queda por uns arames de estender roupa, assim ficando suspensa.

Por felicidade, também, ia a passar no local o guarda da P. S. P. em serviço na Camara Municipal, n.º 3.052 que acorreu a salvar a senhora, não sem grandes dificuldades, seguidas com emoção pelo povo que se juntara. Entretanto, tinham sido pedidos socorros aos Sapadores Bombeiros da 2.ª companhia que prontamente ali compareceram com uma ambulancia e outro material.

A protagonista foi, então, conduzida, na ambulancia, ao Hospital de S. José e recolheu a casa, depois de observada.

DR. JOSÉ CONDE

Seguiu hoje, no «Alcantara», para Salisbury, onde vai estagiar durante três meses, no Serviço de Cirurgia Plástica do Odsdock Hospital, sob a orientação do cirurgião inglês dr. J. Barron, o dr. José Conde, assistente do Instituto Português de Oncologia.

VIDA ARTISTICA

Prémios do Salão de Inverno

O juri para atribuição do prémio «Leal da Camara»—caricatura—conferiu-o ao artista António Cruz Caldas, pela caricatura «Os imortais do mar—Dr. Sousa Costa», e os juris para a classificação dos trabalhos apresentados ao Salão de Inverno conferiram os seguintes prémios honorificos aos artistas *Em aguarela:* medalha de honra a José Manuel Felix; 1.as medalhas a José António Marques e Pedro Jorge Pinto; 2.as medalhas a Arnaldo de Almeida Figueiredo, Augusto Rodrigues Bértolo e Eduardo Plácido dos Santos; 3.as medalhas a António Carlos Vila Chã Esteves, José Manuel Soares, Constantino Pereira de Lima e Gouveia Portuense; menções honrosas a Valentim Francisco Malheiro, António Rodrigues Ferreira Colaço, Maria Helena Pacheco Figueiroa Rego e Jorge Marques Pinto.

Em desenho: medalha de honra a Severo Portela Junior; 1.ª medalha a Agostinho da Fonseca; 2.ª medalha a Jardim Portela; 3.as medalhas a Fernando Alves de Sousa e António Marques Perdigão; menções honrosas a João Semedo Correia e Maria Antónia Mariano.

Em gravura: menção honrosa a Hernani Santos Lopes.

Em pastel: 1.as medalhas a Joaquim dos Santos (Joe) e Maria Helena Patricio Leite; 2.as medalhas a Maria de Lourdes Chichorro Rodrigues; 3.as medalhas a Mário Alves Martins e Maria Manuela Vasconcelos e Sousa; menções honrosas a Maria da Piedade Taveira de Carvalho e Maria Ludovina Figueira Sancho.

Em caricatura: 1.ª medalha a António Cruz Caldas e 3.ª medalha a José Inácio da Fonseca.

Em miniatura: 3.ª medalha a Clotilde da Costa Romão de Carvalho.

A Assembleia Nacional

Termina hoje o debate acerca da proposta sobre arborização

O conselheiro Albino dos Reis marcou, para «ordem do dia» da sessão desta tarde, na Assembleia Nacional, a conclusão do debate, na generalidade, acerca da proposta de lei sobre arborização de terrenos cujo revestimento silvícola seja indispensável para garantia da fixação e da conservação do solo, e dos respectivos pareceres, da Camara Corporativa e da Comissão da Economia da Assembleia.

A seguir, começará a discussão na especialidade, que terminará hoje mesmo.

Pensão Monumental

Magnificos aposentos.
Serviço de bom hotel.
Rua da Glória 21 Tel. P. B. X. 29807

TAUROMAQUIA

Boa «faena» do novilheiro «Chiquilin»

CORDOVA, 14—Ao novilheiro «Chiquilin» coube numa caçada parte dum javali, mas, antes de o mandar cozinhar, fê-lo analisar por um veterinário que verificou oferecer a carne o mesmo envenenamento de que nesta cidade foram, há dias, vitimas oito pessoas. «Chiquilin», foi felicitado pela sua prudente «faena». —(Efe.).

Na «Festa Brava»

No almoço do próximo sábado, na «Festa Brava» falará acerca do «tercio» de varas o critico tauromáquico Henrique Rodrigues «Don Imparcial».

Escola «Arena»

A escola de toureio «Arena» tem mais uma lição prática, no próximo domingo, no «tentadero» do sr. Vaz Monteiro, no Carregado. As lições teóricas continuam na praça do Campo Pequeno, e ás terças e sextas-feiras na Rua Camilo Castelo Branco, 33.

Companhia dos Tabacos

A Camara dos Corretores de Fundos Publicos da Bolsa de Lisboa anuncia que foram admitidos á cotação 100.000 acções da Companhia dos Tabacos de Portugal, S. A. R. L., do valor nominal de 135$00 representando o capital de 13.500.000$00, com os numeros de 1 a 100.000, em titulos de uma acção.

AUTOMOVEIS
«SKODA»
1200
Avenida António Augusto de Aguiar 11-B LISBOA

CONDUITE — 4 portas, 6 lugares ... ... 69.800$00
UTILITÁRIA — 4 portas, 6 lugares ... ... 74.600$00
FOURGONETES — 540 quilos... ... ... 58.500$00
AMBULANCIA — 2 macas e 1 sofá ... ... 54.000$00
TODOS IMPOSTOS INCLUÍDOS

Ótimo conforto!...

ESPLÊNDIDOS COLCHÕES DE MOLAS, LÃ, SUMAÚMA
LÃ DE CORTIÇA E PALHA
EXPOSIÇÃO PERMANENTE NOS DEPÓSITOS DA
FÁBRICA PORTUGAL
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 49 A 57 - AV. DA REPÚBLICA
E ELIAS GARCIA - R. FEBO MONIZ, 2 A 20 - R. DA GRAÇA, 82 E 84
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA DENTRO DE LISBOA, LINHAS DE SINTRA, CASCAIS E VILA FRANCA

Policlinica da Rua do Ouro

ENTRADA
Rua do Carmo, 98-2.º

Medicina, coração e pulmões — Dr. Amaro d'Oliveira, 18 horas.
Cirurgia geral e operações — Dr. Amaro d'Almeida, 18 horas.
Rins, vias urinárias — Dr. Miguel de Magalhães, 13 horas.
Pele e sifilis — Dr. Norton Brandão, ás 2.as 4.as e 6.as ás 16 horas.
Doenças nervosas, electroterapia — Dr. R. Loft, 15 horas.
Doenças dos olhos — Dr Mário de Matos. 14 horas.
Estômago, figado, intestinos e doenças anorretais—Dr. Fernando Vasconcelos Dias, todos os dias ás 15 horas.
Garganta, nariz e ouvidos — Dr Afonso Simão, 15 e 30 horas
Doenças das senhoras, operações — Dr C. Afonso, 15 horas.
Doenças das crianças — Dr Gonçalves Coelho, 17 horas.
Boca, dentes, prótese — Dr Pinto Bastos, 10 horas.
Raios X — Dr Aleu Saldanha, 16 horas.
Fisioterapia — Dr. Mário Jacquet, 16 horas.

Leiam
o jornal humorístico
sempre fixe

Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

LOTARIA

AVISO

A Mesa da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa torna publico, por este meio, que as 15.ª e 16.ª extracções da Lotaria, anunciadas para 16 e 24 de Abril próximo, se hão-de realizar em 17 e 23 do mesmo mês, respectivamente, com transposição dos correspondentes «planos», a saber:

a 15.ª—30.000 bilhetes, a 300$00, 1.º prémio 1.500 contos;
a 16.ª—72.000 bilhetes, a 90$00, 1.º prémio 1.000 contos.

Lisboa e Santa Casa da Misericórdia, 13 de Janeiro de 1954.

A MESA

Festas dos Santos Mártires de Marrocos

EM TRAVASSÔ
(no dia 16 de Janeiro de 1954)

A C. P. vende para a estação de Travassô bilhetes especiais a preços reduzidos, das estações e apeadeiros desde Sernada do Vouga até Oliveira de Frades e desde Macinhata até Aveiro.

Por exemplo—preços de bilhetes de ida e volta, em 3.ª classe, de:

Sernada do Vouga	9$60
Oliveira de Frades	24$00
Aveiro	6$00

Os bilhetes vendem-se nos dias 15 e 16 de Janeiro.

O regresso pode efectuar-se nos dias 16 e 17 de Janeiro.

FEIRA ANUAL

EM PONTE DE SOR
(nos dias 15 e 16 de Janeiro de 1954)

A C. P. vende para a estação de Ponte de Sor bilhetes especiais a preços reduzidos, da estação de Lisboa (Rossio) e das estações e apeadeiros desde Entroncamento até Barca da Amieira-Envendos, até Marvão e até Elvas.

O regresso pode efectuar-se nos dias 15 a 17 de Janeiro.

A PRESTAÇÕES
AOS MELHORES PREÇOS

ESQUENTADORES, a gás ou a petróleo—FOGÕES, a gás, nacionais e da afamada marca Suiça «ESKIMO» — FOGÕES, a lenha e carvão — BANHEIRAS—Artigos de Casa de Banho—LOIÇA SANITÁRIA — LAVATÓRIOS — LUSTRES — CANDEEIROS — ASPIRADORES — ENCERADORAS — MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA—FERROS ELÉCTRICOS, automáticos—T. S. F., das marcas mais acreditadas — ARTIGOS DE MÉNAGE—UTILIDADES — CARRINHOS para BÉBÉS, etc.

J. Costa & Silva, Lda.
Rua Arco do Bandeira, 79-1.º
(só no 1.º andar)
Telef. 26713 LISBOA

COMARCA DE V. N. DE FAMALICÃO
(Secretaria Judicial)
ANUNCIO

Faço saber que pelo Juizo de Direito da comarca de Famalicão e primeira secção, correm éditos de trinta dias a contar da segunda e ultima publicação do respectivo anuncio para notificação dos requeridos Elisário Braga Nogueira e mulher Marinha Ferreira de Azevedo, ele empregado comercial e ela doméstica residentes na rua do Loureto, numero cinquenta e seis, segundo, direito, da cidade de Lisboa e actualmente ausente em parte incerta, de que por despacho de dezanove de Maio do corrente ano, proferido nos autos de justificação para arresto que lhes move Manuel Augusto Diniz, casado, chapeleiro, da freguesia de Lousado, desta comarca. Foi ordenado o arresto no prédio adiante mencionado, do qual, e de conformidade com a lei, ficam na posição de depositários, considerando-se feita a sua apreensão e incumbindo-lhes a sua conservação, guarda e administração, e declarando-se-lhes que são obrigados a apresentá-lo quando lhes for judicialmente ordenado, sob penalidade de infiel depositário.

PREDIO

Um prédio rustico situado no lugar da Garrida, freguesia de Lousado, desta comarca, denominado Bouça da Eira, confrontando do nascente com Ana da Rocha, do poente com Joaquim da Costa Reis, do norte com caminho publico e do sul com terreno do Passal, descrito na Conservatória com o numero dez mil oitocentos e oitenta e dois e na matriz rustica sob o numero setecentos e setenta e oito.

Famalicão, 10 de Dezembro de 1953.

Verifiquei—O Juiz de Direito,
João Correia Ramalho

O Chefe da 1.ª Secção, interino,
António Joaquim Gonçalves

Julio Alves Varatojo
FALECEU

Inocêncio Alves Varatojo, Chefe da P. S. P., Julio Simões Varatojo, Enfermeiro dos Hospitais Civis de Lisboa, e mais família participam o falecimento do seu muito chorado pai e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, 15, pelas 15 horas, da Igreja da Pena, para o Cemitério do Lumiar.

AGENCIA MARTINS
TELEFONE 57528

O PRETO NO BRANCO

(Continuação da 6.ª página)

o transportassem de avião para o Senegal e o obrigassem a andar de tanga?

A espécie humana está formidavelmente diferenciada. O esquimó e o negro são homens, como homens são os Chineses e os poucos peles-vermelhas que escaparam. As diferenças dos homens são, mal comparadas, as diferenças existentes entre um «lobo de Alsácia e um perdigueiro ou entre um Castro Laboreiro e um lulu *da Pomerania. E' por isso que eu não acredito na unificação da Humanidade. Há-de sobejar sempre um* reliquat. *A menos que, com base no aproveitamento da energia nuclear para fins pacíficos, se derretam os gelos polares e se submeta o Equador a temperaturas dos frigoríficos. Li nos jornais que numa cidade alemã já se principiou a adoptar o aquecimento colectivo e municipal com fontes de calor nas ruas e praças públicas. Nas vilazitas e cidadezitas por que passei nesta minha digressão profissional ás dez horas da noite não se vê vivalma nas ruas. Os quartos dos hoteis—dos grandes hoteis que como tal querem que os tomemos, os quartos gelam, as roupas de cama ressumam humidade! Como são hoteis do* lá vem um, *no Inverno, a unica coisa realmente* turística *é a conta. Setenta e quatro mil reis em escudos por uma simples* dormida *naquela espécie de estufa fria, é obra! E quase tanto de arrepiar como a temperatura é a conta Eu não digo onde foi porque não gosto de fazer reclame, mas—que me perdoe a Provincia!—viajar em Portugal só no Verão. Porque no Verão é outra coisa. E' certo que, ainda não há muitos anos, num hotel de cidadezinha sertaneja, em pleno mês de Julho, eu tive de mudar de quarto três vezes para escapar á furia desse animal sanguinário e fedorento que se chama em espanhol «chinche» e, em português vernáculo, percevejo. E, como manifestasse a minha contrariedade e nojo, o criado respondeu-me de má sombra:*

—Não vejo motivo de espanto! Percevejos? Pois se agora é o tempo deles!

Eu creio que, no Verão, isso está tudo mudado e hoje tal insecto será uma coisa pre-histórica e rara, só conhecida dos estudiosos. Quero crer que, no surto de progresso que nos ultimos anos se tem verificado na nossa terra, graças aos pós de Keating e a outros específicos modernos, a fauna hoteleira portuguesa terá sofrido sensivel modificação. Mas no Inverno, a coisa está na mesma. Como eu narrasse a coisa a alguém da região, disseram-me: porque não ficou você na «pousada» de S. Joaquim ou de S. Francisco—não sei ao certo. E gabou-me os adelantos modernos, da pousada sobredita. Mas eu fiquei desconfiado. Se num quarto de hotel me levaram por uma noite de utilização dum colchão de suma-corno, *setenta e quatro escudos, com os reclamados luxos de Pousada, teria que esportular duzentos escudos. Ainda não quero morrer sem verificar. O certo é que a impressão que colhe quem compara as* comodidades *turísticas existentes com a doutros países, chega á conclusão de que isto melhora—mas devagar, excessivamente devagar. E meu Deus! — a culpa não é de ninguém. E' do País que é na verdade pobre. E' o País que menor* carga rica*—o passageiro,—por quilómetro, de caminho de ferro, transporta. Quem viaja dentro da nossa linda terra, fá-lo, em regra, por necessidade—como eu. Por divertimento — poucos. O grande mal colectivo tem sido e é a falta de dinheiro. Para tudo —hoteis, comércio, teatros e cinemas.*

Não é imputável a culpa destes factos a ninguém e já foi pior do que é. Esperemos que melhore. Mas há pormenores dum ridiculo profundo. Perdoar-me-ão que eu cite um, discretamente, para não ferir susceptibilidades. E' o seguinte: é raro o hotel, pensão, «café» ou casa de pasto, que tenha naqueles lugares particulares *de que toda a gente se serve—água á vontade nos... nos autoclismos! O patrão do «café», o dono do restaurante regulam a coisa—Para não gastar água! E nem por isso os donos dos «cafés» nos servem melhor café!*

Um desses estabelecimentos que tem uma enorme frequência por vício, hábito, automatismo, serve-nos um café que será feito de uma criteriosa mistura. Mas não é café. Sabe a pontas de cigarro, a pó de carvão, a pernas de barata, a tudo—menos a café. E está sempre cheio, até deitar por fora!

Na verdade, os serviços são maus—mas a mentalidade e a inteligência do freguês não é melhor.

RAMADA CURTO

Quietitude

Oh, esta baça quietude morta,
este charco viscoso—espelho triste—
onde nenhuma imagem se recorta,
A vida não existe!

—Paisagem neutra, lívida, de sal!—
monotonia... calmaria...
nem o mais leve respirar...

Antes o desespero que porfia
em nos dilacerar;
antes a furia do vendaval!

Aquela saudade

Aquela saudade,
pregada no peito,
doeu-me tão fundo
e pesa-me tanto,
que até me parece
o peso do Mundo,
molhado de pranto!
Uma flor de penas,
uma flor tão leve
que mal se descreve;
um sentir, apenas:
mas tanto magoa...
como quem não esquece
e nunca perdoa!
Numa gota de água
toda a imensidade
pode reflectir-se...
nessa flor de mágoa
e desilusão,
quanto mal profundo,
em dor, foi abrir-se
no meu coração!

Remoínho

O remoinho fulvo ergueu-se a prumo,
em nuvem desgrenhada
de poeira e fumo:
Alma da terra, em seca, desvairada!
Ergueu as mãos crispadas num momento
de ansiosa mágoa,
uivando a sua dor na voz do vento,
em louca sede de água!

Na incandescente «calma»
que palpitava,
era da terra em fogo um grito de alma...
da terra em fogo, hostil e brava!

Meu espírito-ansiedade é o ruivo torvelinho,
errante na lonjura, eternamente só,
que se levanta á berma do caminho,
em turbilhões de pó!

MARIA DE SANTA ISABEL

(Do livro a sair: «Solidão Maior»).

Torneio literário

da gente moça de áquem Alentejo

Em virtude de não se realizarem este ano os «Jogos Florais de Evora», a «Revista Transtagana» toma a iniciativa de apresentar um torneio literário para a gente moça de áquem Alentejo, em que podem tomar parte todos os individuos dos dois sexos com produções inéditas, nos seguintes géneros: poesia lírica, soneto, quadra e conto, narrativa histórica sobre assunto do Alentejo ou Algarve e novela radiofónica.

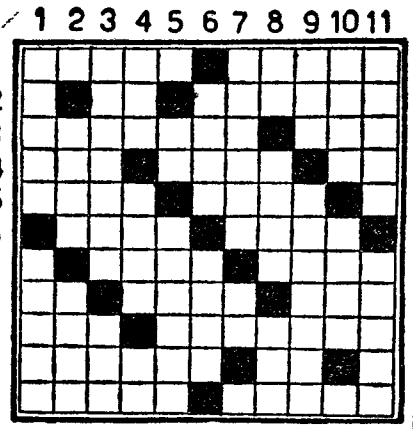
Os concorrentes podem apresentar mais de um género de produções: em triplicado, manuscritas ou á máquina, e assinadas com pseudónimo, ficando o nome contido em sobrescrito que tenha exteriormente o pseudónimo e o titulo da produção.

Os vencedores receberão diplomas de honra e prémios (principalmente livros), não sendo restituidos os originais, que podem ser publicados, quando premiados.

O juri será constituido por professores do Colégio «André de Resende» e «Academia Feminina Eborense», devendo toda a correspondência ser dirigida para a «Revista Transtagana», Evora, que também fornecerá um tema para ser desenvolvido.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 4067



HORIZONTAIS: 1 — Ilha do arquipelago dos Açores. Ilha do arquipelago de Cabo Verde. 2—Preposição e artigo. Prender. 3—Perfume. Pronome pessoal. 4—Sirga. Queime-se. Prefixo de negação. 5—Campo. Terreno endurecido onde se debulha cereais. 6—Metal precioso. Borda. 7—Dolmen. Jacto. 8—Pelo de certos animais. Sera de Portugal. Oxido de cálcio. 9—Nome de mulher. Elmo. 10—Absolve. De. Falsa. 11—Renques de arvores. Homem valoroso.

VERTICAIS: 1 — Ilha do Mediterraneo. Oculta por baixo de alguma coisa. 2—Ilha do arquipelago de Cabo Verde. Aro. 3—Amofinaria. Decametro quadrado. 4—Sigo. Guarnece. Entrega. 5—Caminhe. Medicamentos para os ouvidos. 6—Saque. Canção. 7—Patuscada. Preposição. 8—Batráquio. Apre. Nome de mulher. 9—Passaro. Atrair a si. 10—Socorri. Amarrar. 11—Fio metálico. Nome de homem.

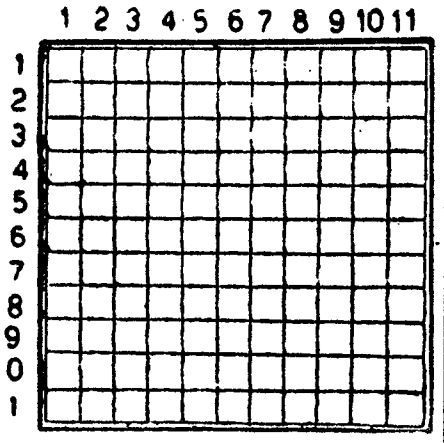
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4066

HORIZONTAIS: 1—Algés. Mós. 2—Airosas. Cá. 3—Malas. Cal. 4—As. Sai. Soba. 5—Lãs. Ratarem. 6—Come. Elam. 7—Famosas. Sol. 8—Arar. Itu. Se. 9—Lar. Apara. 10—Em. Acordam. 11—Pró. Aires.

VERTICAIS: 1—Mal. Falem. 2—Lá. Caçaram. 3—Gim. Somar. 4—Eras. Mór. Ar. 5—Solares. Aço. 6—Saia. Aipo. 7—Mas. Tentara. 8—Os. Sal. Urdi. 9—Coras. Aar. 10—Cabemos. Me. 11—Calam. Lêr.

PROBLEMA N.º 777

NOVA MODALIDADE



HORIZONTAIS: 1—A luz froixa que precede o nascer do Sol (Pl.). 2—Nome de mulher. 3—Símbolo químico do níquel. Apelido. Nota musical. Post scriptum (abrev.). 4—Deixar de pertencer. Navios de guerra. 5—Preposição. Protelei. A mim. 6—Agora. Magnete natural. 7—Falsa. Engodai. Nociva. 8—Porto á entrada do mar Vermelho. Transmitas gratuitamente a outrem. 9—Batráquio. Existe. Utensílio de padeiro. Artigo definido. 10—Aparafusado. 11—Matemos cruelmente.

VERTICAIS: 1—Salvaram. 2—Seguiam. Nome de mulher. 3—Preposição. Reis. 4—Pássaros pequenos. 5—Larva das feridas dos animais. Ofereces. Pega. 6—Nota de musica. Avistei. Aqui. 200 romanos. 7—Oxido de cálcio. Ena. Divisível por dois. 8—Inteira conformidade de voto ou de opinião. 9—Pelo de certos animais. Pedra de amolar (inv.º). 10—Interjeição designativa de estrondo. Domínio. 11—Descansasses.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 776

HORIZONTAIS: 1—Parma. Praga. 2—Acoito. Siam. 3—Mel. Aço. Ovo. 4—Im. Ama. El. 5—Curse. Ala. 6—Lema. Gota. 7—Fim. Prata. 8—Em. Pai. Lá. 9—Ras. Zás. Dom. 10—Idas. Mulata. 11—Ralas. Lares.

VERTICAIS: 1 — Pami. Ferir. 2 — Acem. Limada. 3—Rol. Cem. Sal. 4—Mi. Rum. Sá. 5—Ata. Rapaz. 6—Ocas. Riam. 7—Omega. Sul. 8—Rs. Ota. Lá. 9—Aio. Ata. Dar. 10—Gavela. Lote. 11—Amola. Camas.

NEOFILME

Na Rua da Prata, 94-96, abriu esta tarde ao publico um novo estabelecimento especializado em artigos de fotografia e cinema para amadores, propriedade de Neofilme, Lda.

O interessante e variado «stock» da moderna aparelhagem que apresenta, onde se admiram as ultimas novidades internacionais, e a montagem dos seus laboratórios que funcionam sob a direcção de técnicos competentíssimos, são garantia segura de êxito nos negócios que este novo estabelecimento vai iniciar.

Malaparte

(Continuação da 6.ª página)

panoramas em repouso, antes e depois do cataclismo. Algumas páginas descritivas de «Kaputt» ficam-nos para sempre na memória, punhados do cosmos russo, finlandês, romeno, polaco, italiano, mostrados pela mão trémula do apaixonado: olhem como é bela e sublime e maravilhosa a natureza, *a minha Natureza!*

E ao ser obrigado violentamente a despegar os olhos da paisagem paradisíaca, ao mergulhar de novo nas crateras formigantes da humanidade, Malaparte tem um sentimento de asco. Asco pelos homens—que não reconhece como seus irmãos!—asco pelos homens, miseráveis e torcionários, sofredores e carrascos, fantoches e instrumentos de dôr... Não há nele a minima indulgência e quando a há de longe em longe, é porque o mito ou a utopia estão á vista. Em vez da indulgência, a crueldade, a crueldade, a crueldade... Toda a obra naturalista de Malaparte é um hino. Toda a obra humanista de Malaparte, uma «vendetta».

Malaparte não poupa mestres nem escravos, não poupa vencedores nem vencidos. O seu riso violento, o seu sarcasmo sistemático, a sua ironia feroz, dirigem-se a todos quantos encontra pela sua estrada de espinhos, pois todos são portadores de mal. Os homens são portadores do mal e o mal, como uma lepra, corrói tudo quanto toca, até os bons, os fracos, os pobres de espirito. De quando em quando, Malaparte esboça um movimento de simpatia, por um povo, por uma cidade, por um homem—como aquele soldado tártaro, prisioneiro de um destacamento romeno, de que fala um dos capítulos de «Kaputt». Mas é uma simpatia de idealista, não pelo homem em si, mas pelo que ele representa, não pelo que ele representa, mas pelo que ele poderá ou poderia vir a representar.

Poderão objectar-me que a atitude de Malaparte será no fim de contas uma atitude desesperada, angustiada, cruel, sim, mas uma atitude natural. Os seus livros têm como cenário a guerra e os seus horrores. Os seus personagens são personagens épicos de uma guerra sem honra. Se o não são directamente, são-no indirectamente: fautores ou produtos de guerra e de ódio. Mas o que caracteriza precisamente o espirito de Malaparte é que o autor da «técnica de revolução» reproduz fielmente a sua ancestralidade pagã, romana e renascentista, trazendo-a á superficie por sobre o espirito e a mensagem do Cristianismo que, aliás, nunca encontrou na Itália o terreno mais propício.

A sua Natureza é uma Natureza pagã, mais apolínea que dionisíaca. Andam deuses e mitos nas suas paisagens. São paisagens tão transcendentemente belas que se diria não pertencerem a este mundo; são paisagens que se animam, como se as suas formas encobrissem velhos ídolos da Grécia e de Roma, velhos ídolos renascidos, sem poder já sobre as formas humanas, e refugiando-se nas formas naturais.

A sua humanidade é uma humanidade má e iludida enganada pelos seus chefes e por ela própria, simultaneamente traidora e traída. Malaparte quereria regenerá-la—mas que pode um jornalista, um escritor, senão tratá-la cruelmente e, pelo sarcasmo, mostrar-lhe a sua podridão? Malaparte nasceu fora de tempo. Gostaria de ser um maquievelo—mas que principe se deixaria aconselhar? Gostaria ainda mais de ser um «condottieri», de impôr a paz, a ordem a justiça, mas que exército de idealistas estaria disposto a segui-lo? Uh homem da Renascença perdido no nosso tempo? Sem duvida: com a mão esquerda, ele modela em extase a sua natureza idealizada e sublimada, e no gesto trémulo e amoroso da sua mão renasce a delicada estilização de um Rafael ou de um Leonardo; ao mesmo tempo, com a mão direita, ele dá a beber a sua taça de veneno, e no talento apaixonado da sua pena revive o ideal desviado dos Malatesta, dos Visconti, dos Borgia. Certo que em Malaparte não surge a ambição de glória e de poder dos tiranos da Renascença; mas como eles, Malaparte não dá quartel e não tem escrupulos de estender aos seus leitores a taça de veneno da sua pena, escorreido ódio, desprezo, revolta, crueldade; como eles, Malaparte esqueceu a mensagem cristã, que ao lado do mal sabe descobrir o bem, que no inimigo entrevê um homem dividido e digno de perdão, que á vingança tenta substituir o amor, e que, mesmo no mal que é a guerra, introduz ou procura não esquecer a fé, a esperança e a caridade — ou a esperança e a caridade ou por ultimo só a caridade—para com os vencidos, sim, mas também para com os vencedores, para com os mestres para com os que fazem sofrer...

Este espirito idealista de Malaparte que, sonhando o triunfo absoluto do bem, o faz encontrar apenas o mal em sua volta, não termina nem pode terminar com o fim de uma guerra. E' um pesado fardo que Malaparte terá de carregar em todas as suas viagens, que lhe guiará a pena cada vez que tiver diante de si uma folha viagem de intenções, que lhe devorará pouco a pouco a alma até que—quem sabe?—o inconsciente se lhe liberte de pesadas sombras ou a asa de um anjo o faça contemplar atónito o sentido da condição humana. Este impuro, este complexo, este talentoso. Curzio Malaparte merece que algum dia alguém ou algo o liberte da águia que lhe devora os flancos.

FATOS USADOS

Para homem e rapaz, casacos e calças desirmanados, calçado, máquinas de costura ou só cabeças, etc., pagamos bem e vamos a casa. Rua de S. Bento, 58-60, telefone 63031.

VIDA MUSICAL

Orquestra Sinfónica de Bamberg

Estavamos todos ansiosos pela nova vinda da Orquestra Sinfónica de Bamberg com Joseph Keilberth, para a actual série de concertos do Tivoli. E a primeira reapresentação não iludiu a nossa expectativa, embora com desigualdades que mais acentuaram a vulnerabilidade e a sublimação humanas—e sabendo de antemão que não iamos ouvir um programa de excepção. E' pena que se restrinjam assim os horizontes, por um lado; os nomes de Mendelssohn, de Brahms, mesmo de Mozart, quase se assemelham a nomes de usurpadores... Mas por outro lado a qualidade das interpretações redime quase todas as contingências programáticas, além das que ninguem nos julgue tão cega de modernismo ou de desejo de renovação que fossemos até ao ponto de achar os aludidos nomes não justamente queridos e consagrados!

O concerto abriu com a abertura Hebriden, mais nossa conhecida por «A gruta de Fingal», de Mendelssohn. A impressionante e formosa constituição da Sinfónica de Bamberg evidenciou-se logo, a par da batuta incomparável de Joseph Keilberth. O próprio Keilberth, numa entrevista que nos concedeu no ano passado (para a Gazeta Musical), referiu-se á rapidez com que um chefe de orquestra de profissão se assenhoreia de uma orquestra, também profissional, desconhecida. Não queremos desmentir tão invulgar personalidade e força musical—mas a crescente, a hoje impositiva força de constituição da Orquestra S. de Bamberg, a sua caracteristica forma de disciplina, maleável, ao mesmo tempo afectuosa e feliz, como que autónoma, nada militaresca, nada dogmatizada, nos consolida na nossa opinião de que há enormes vantagens na subordinação não episódica da mesma orquestra á mesma batuta.

A celebérrima Sinfonia de Mozart, conhecida por «Jupiter», teve a interpretação profundamente séria e honesta que era de esperar, lição de sobriedade, de naturalidade na constituição do discurso musical. Faltou-lhe, e estamos convencida de que casualmente, o que é transcendente na pureza de cores e na inflexão dos termos musicais. «Nos vales e nas florestas da Boemia», de Smetana, já nos transportou ao puro gozo de uma interpretação máxima, de verdadeiro espirito popular, singeleza de alma, exuberancia de revestimento. Noutro plano de sentimentos, como interpretação que esgota o conteudo da obra, o mesmo diremos da 11.ª Sinfonia de Brahms, e da Abertura de «Os Mestres Cantores» de Wagner, extra-programa. Não tinhamos por obra-prima, no conjunto, a referida Sinfonia, mas o facto é que subiu a uma altura incalculável, justamente pela naturalidade de todos os pormenores, a infinita ternura bem alemã, e a concatenação da dificil urdidura de Brahms dominada por Keilberth com uma flexibilidade de ritmo de impecável sentido das proporções, acabando por subjugar-nos o generoso final que quis retomar a mensagem da Nona de Beethoven. Quanto aos Mestres Cantores, a maior virtuosidade orquestral—observe-se, como remate, a tremenda dificuldade do final, no andamento tomado por Keilberth—serviu cabalmente o despotismo Wagneriano, ainda superado ele próprio pela orgia sonora. Keilberth não supõe—ou supõe—as conversações que ele, ou a Musica através dele, ope'a!

FRANCINE BENOIT

Pianista francesa Yvonne Lefebure

Chega, amanhã, a Lisboa, no «Sud-Expresso», a grande pianista francesa Yvonne Lefebure, professora do Conservatório de Paris. Aquela artista, que é uma das mais categorizadas representantes da moderna escola francesa de piano, apresentar-se-á numa breve série de recitais, sob o patrocinio da Associação Francesa de Acção Artistica e organizados pelo Instituto Francês em Portugal. Os ultimos concertos de Yvonne Lefebure, tanto em Paris como em Londres, provocaram os mais entusiásticos aplausos da critica.

Na próxima segunda-feira, Yvonne Lefebure interpretará, na sala de concertos do Conservatório Nacional, um programa que inclui obras de Bach, Beethoven (a Sonata op. 110), Debussy, Roussel, Ravel, Poulenc e Bartok. No dia seguinte, no Cinema Império, dará um concerto para a Juventude Musical Portuguesa. Provavelmente, durante a sua estadia no nosso País, far-se-á ouvir aos microfones da Emissora Nacional.

O grande critico musical e musicólogo francês Fred Goldbeck, marido de Yvonne Lefebure, acompanhará sua esposa nesta visita e comentará e apresentará o 2.º recital de sua esposa. No próximo dia 20 pronunciará uma conferência, na sede do Instituto Francês, sobre o tema «Herança de Debussy».

A banda da G. N. R. no Pavilhão dos Desportos

Está marcado para o próximo domingo, das 15 ás 17 horas, no Pavilhão dos Desportos do Parque Eduardo VII, mais um concerto sinfónico, promovido pelo Municipio, apresentando-se a banda do comando da Guarda Nacional Republicana, dirigida pelo maestro capitão Alves Ribeiro. Não serão distribuidos bilhetes, visto a entrada do publico ser absolutamente livre, sendo o programa o seguinte: «Sinfonia em ré menor», de César Franck; «Cenas andaluzas» (suite), de T. Breton; «Concerto para oboé», de Mozart, e «Raymond» (abertura), de A. Thomas.

A descoberta de pilares
da muralha goda de Evora

EVORA, 13—Depois de observadas pelo director dos Monumentos Nacionais do Sul, sr. eng.º Rui Couto, foram suspensas as escavações no local onde, como noticiámos, apareceram pilares da muralha goda, na bifurcação da Praça do Geraldo com a Rua 5 de Outubro, sobre os quais assentava a ponte móvel de uma das antigas portas eborenses, de acesso á velha cidade. Crê-se, segundo elementos que existem na Biblioteca Publica e Arquivo Distrital de Evora, que essa porta existiria ali, há cerca de 1.200 anos.

O arco posto a descoberto é feito totalmente em pedra, e apresenta, como é natural, muitas mutilações.

Vida mundana

HUMBERTO DE SABOIA

Em avião, regressou de Nice o ex-rei Humberto de Itália, que, como noticiámos, foi assistir ao casamento do arquiduque de Habsburgo.

DIPLOMATAS

Em avião, chegou a Lisboa, em viagem para o Rio de Janeiro, vindo de Paris, o sr. ministro Eurico Penteado, encarregado dos Assuntos Económicos junto da embaixada brasileira na capital francesa, que vai tomar parte no I Congresso Internacional do Café, que se realizará em breve no Paraná.

—Vindo de Buenos Aires, em avião, chegou a Lisboa o sr. dr. Carlos Lorena, que vai ocupar as funções de embaixador da Argentina no Egipto.

—Partiu para Tanger monsenhor Humberto Mozzoni, auditor da Nunciatura Apostólica no nosso País, que em breve seguirá para Roma, onde vai desempenhar novas funções na Secretaria de Estado.

—Por via aérea chegou a Lisboa, acompanhado de sua esposa, o sr. dr. Barbosa da Silva, conselheiro e chefe da Divisão Económica do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, que esteve em Londres, em missão oficial, relacionada com as negociações comerciais e financeiras entre o Brasil e a Grã-Bretanha.

CASAMENTOS

Na basílica da Estrela consorciaram-se a sr.ª D. Vera Maria de Castro Granado da Silva Couto, filha da sr.ª D. Maria Virgínia de Castro Granado da Silva Couto e do sr. dr. João Rodrigues da Silva Couto, director do Museu de Arte Antiga, com o pianista José Carlos de Sequeira Costa, filho da sr.ª D. Ema de Sequeira Costa e do sr. António Costa.

Oficiou o prior da Estrela, sr. cónego António Campos, sendo padrinhos, por parte da noiva, o sr. dr. Aurélio de Castro Galhardo e sua esposa, sr.ª D. Maria Teresa Sepulveda de Castro Galhardo e, por parte do noivo, sua mãe e o sr. dr. Miguel Pile. Os noivos receberam a bênção apostólica.

Durante a missa, fez-se ouvir o Grupo Coral Polyphonia, dirigido pelo cantor-mor, Mário de Sampaio Ribeiro, assistindo, entre outros, á cerimónia, os srs. prof. dr. Gustavo Cordeiro Ramos, dr. António Luís Gomes e esposa, marquesa de Cadaval, maestro Pedro de Freitas Branco e esposa, Augusto Cardoso Pinto e esposa, dr. Ivo Cruz e esposa, escultor Diogo de Macedo e esposa, pintor Aires de Carvalho e esposa, D. Adélia Heinz, D. Helena Moreira de Sá e Costa, D. Maria José de Mendonça, padre D. Lucas Teixeira, professor Artur Santos e esposa, dr. Manuel Estevens e esposa, professor Jorge Croner de Vasconcelos, D. Sara Navarro Lopes, D. Maria Joana Mendes Leal e irmã, brigadeiro João José Soares Zilhão e esposa, professor doutor Manuel Gomes da Silva e irmãs, sr. Fernando Mardel e irmã, coronel Manuel Soares Zilhão e esposa, dr. José Craveiro Lopes e esposa, dr. Ferreira Deusdado e filhas, dr. Carlos de Azevedo e esposa, violinista Vasco Barbosa e irmã, dr. Miguel Crespo e esposa, arquitecto José Manuel Soares Zilhão e esposa, etc.

O copo-d'água foi servido em casa dos pais da noiva e, na «corbeille» lindamente enfeitada da noiva e, na «sorbeille», lindamente enfeitada presentes.

Os noivos seguiram para Espanha.

—Na igreja paroquial de Almada, efectuou-se o casamento da sr.ª D. Maria Luisa Quaresma Pinto, filha da sr.ª D. Benvinda Quaresma Pinto e do sr. Fernando Gonçalves Pinto, funcionário da Shell Portuguesa, com o sr. Joaquim de Castro Gonçalves, filho da sr.ª D. Maria Rios de Castro e do sr. Luis Manuel Gonçalves, proprietário. Foi celebrante o tio do noivo, cónego Apolinário Rodrigues Rios, reitor do Seminário de Braga e membro do cabido da Sé da mesma cidade. Serviram de padrinhos, por parte da noiva, seus pais, e do noivo, a sr.ª D. Maria Ondina Pinto e seu primo rev. Afonso Pereira Rios, aluno do Curso de Teologia no Seminário de Braga.

Nas «corbeilles» dos noivos têm-se notado, ultimamente, pelo seu bom gosto, as prendas adquiridas na Relojoaria Solora, da Rua de S. Nicolau, 42, e na sua filial, a Ourivesaria Santa Luzia, da Rua Saraiva de Carvalho, 179-B.

MORADIAS

Vendo, em Cascais, de construção recente c. todas as comodidades, 8, 9, 11 e 13 div., todas com garagens e grandes logradouros. Preços desde 190 contos. Sou o próprio construtor e não trato com intermediários. Telef. Cascais 365.

DIARIO DE LISBOA

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE—O tempo no continente português é influenciado por uma massa de ar tropical marítimo transportado na circulação de um anticiclone centrado perto dos Açores.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ—Céu geralmente nublado, periodos de chuviscos ao Norte do Tejo, durante a noite, vento bonançoso a moderado de Noroeste, e temperatura sem alteração apreciável.

CARTAZ DOS ESPECTACULOS

TEATROS

NACIONAL—A's 21 e 45—«Israel».
MONUMENTAL—Ás 20 e 45 e ás 22 e 45—«Maria da Fonte».
MARIA VITORIA—Ás 20 e 30 e ás 22 e 45—«Saias curtas».

CINEMAS

TIVOLI—«Titanic».
SÃO LUIS—«Aquela loira!...».
EDEN—«Maldita Primavera».
IMPÉRIO—«Caprichos de Carolina».
S. JORGE—«O veleiro da aventura».
MONUMENTAL—«Shane».
POLITEAMA—«O ladrão de Veneza».
ALVALADE—«Canção do «Sheik».
CONDES—«Obcessão».
ODÉON e PALÁCIO—«Violetas imperiais».
CAPITOLIO—«Wanda, a pecadora».
OLIMPIA—«Mensageiros do perigo».
TERRASSE—«A rainha do mar».
JARDIM—«A fortaleza de Jamaica».
PROMOTORA—«O selvagem».

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO I—Sousa—Estrada de Benfica, 429-431—Tel. 58-027; Leal de Matos—Rua de Neves Costa, 33-35—Carnide—Tel. 58-181; Laranjeiras (Das)—Rua de Filipe da Mata, 160-162; Central do Lumiar—Rua do Lumiar, 77—Tel. 79-480; Alentejo—Avenida da Igreja, 28-B—Sítio de Alvalade—Tel. 77282; Campo Pequeno (Do)—Avenida da Republica, 58-B-C—Tel. 71661; Onilda—Avenida de João XXI, 13-A—Tel. 77848; Palma—Avenida do Duque de Ávila, 25-31—Tel. 47088; Império, Ld.ª—Rua de Filipe Folque, 40-A-B—Tel. 48002; Salus—Rua de Luciano Cordeiro, 73—Tel. 42239; Ascenso—Rua 19—Bairro da Encarnação—Telef. 399216; Olivais (Dos)—Rua de Alves Gouveia, 19—Tel. 399237; Conceição — Calçada de D. Gastão, 30-32—Tel. 39279; Pereira, Suc.—Rua do Paraíso, 98-100—Tel. 845124; Silva—Calçada de Santo André, 16—Tel. 26474; Branquinho—Rua dos Sapadores, 87—Telef. 842725; Marluz—Calçada da Picheleira, 140-B-C—Tel. 840703; Nobel—Rua do Actor Vale, 53—Tel. 842152; Oriental de Lisboa—Rua de Arroios, 215—Tel. 45079; Gois, Ld.ª. Suc.—Rua dos Anjos, 12-C.D—Antiga Rua do Registo Civil—Tel. 840101; Ribeiro & Castro, Ld.ª—Rua de Brraancamp, 58—Tel. 43409; Salutar—Rua B, 75-A-B—Bairro da Liberdade; Judice de Oliveira—Rua de Campolide, 54-A—Tel. 44424; Linaida—Rua de Ferreira Borges, 32-34—Tel. 60955; Gouveia—Rua de D. Maria Pia, 514—Tel. 64949; Ocidental—Rua de D. Jerónimo Osório, J. P. M. 3— Tel. 36256; Gomes, Suc. (Gonçalves)—Rua da Junqueira, 326—T. 38193; Costa—Rua dos Lusiadas, 32—Tel. 36474; A. Cesar—Rua do Prior do Crato, 74—T. 60187; Pinheiro—Rua do Presidente Arriaga, 16—Telef. 61867; S. Nunes Simões, Suc.—Rua do Quelhas, 1—Telef. 61275; Africana—Rua de Bernardino Costa, 45—Tel. 29120; Lima Amaro, Suc.—Praça da Alegria, 27-28—Tel. 21149; Morão—Rua da Assunção, 17-19—Tel. 21289; Cortez—Rua de S. Nicolau, 93—Tel. 25378.

Farmácia Formosinho
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 18
Telefone 30927

BIBLIOTECA PUBLICA
da Figueira da Foz

Do sr. professor Vitor Guerra, devotado director da Biblioteca Publica Municipal Pedro Fernandes Tomás, da Figueira da Foz, recebemos um penhorante oficio, que registamos como testemunho de solidariedade com os pontos de vista postos:

«Muito reconhecidamente agradeço a V. o relevo com que se dignou noticiar os ultimos acontecimentos desta Biblioteca—visita da Imprensa e inauguração das novas instalações.

Prestou V., assim, mais um relevante serviço á Figueira da Foz, dado que, mais uma vez, foi dito ao País, por um dos seus melhores jornais, como é o «Diário de Lisboa», qual o lugar que esta Biblioteca ocupa na vida mental portuguesa.

A grande aspiração deste estabelecimento—ser incluido no Depósito Legal—tem encontrado nas colunas do excelente jornal que V. tão distintamente dirige um porta-voz prestigioso, e se esse anseio se tornar realidade, em grande parte ao «Diário de Lisboa» se ficará a dever».

Lâmpadas PHILIPS
Incandescentes e Fluorescentes
RÁDIO LISBOA, L.DA
Rua Serpa Pinto, 13-A — Telef. 23811

PROGRAMAS DA RÁDIO

EMISSORA—Ás 18 e 30, Danças; 19, Noticiário; 19 e 5, Rádio-Mocidade; 19 e 20, Marchas; 19 e 30, O compositor da semana: Wagner, e notas explicativas pelo dr. José Carlos Picoto; 20, O Caso do Dia; 20 e 15, Musica ligeira sinfónica; 20 e 30, Noticiário regional; 20 e 35, Que quer ouvir?; 21, Noticiário e desdobramento.

Programa «A»—Ás 21 e 15, Orquestras típicas; 21 e 30, Variedades em discos; 22, A vida começa hoje, programa de Miguel Trigueiros; 22 e 30, Zarzuela; 23, Rádio-Cinema, revista de actualidade cinematográfica; 23 e 30, Danças; 23 e 50, Resumo noticioso e encerramento.

Programa «B»—Ás 21 e 15, Antologia Sonora; 21 e 30, Crónica Semanal, pelo dr. Vitorino Nemésio; 21 e 45, Musica de tecla; 22, Recital de canto, por Julieta de Brito Dutschka; 22 e 20, Cartas célebres, por Maria de Carvalho; 22 e 30, Recital de violino, por Jean Michel Hubert; 23, Que quer ouvir?; 23 e 50, Junção de programas.

RÁDIO CLUBE—Ás 19, Recital de composições de Cruz e Sousa; 19 e 15, Língua portuguesa; 19 e 30, Aperitivo; 20, Musica portuguesa; 20 e 15, Noticiário; 20 e 20, Conjuntos; 20 e 30, Onda desportiva; 21, Vozes de Portugal; 22 e 30, Companheiros da Alegria; 23 e 45, Musica de baile; 0, Ultimas gravações; 0 e 30, Solos de violino; 0 e 45, Rádio-jornal; 0 e 55, Amanhã; 1, Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE—Ás 19 e 45, Marcha; 19 e 50, Ecos literários; 20, Claro-escuro; 20 e 15, Noticiário; 20 e 20, Concerto da semana; 20 e 35, Revista de cinema; 20 e 50, Anuncio do encerramento; 20 e 54, Marcha; 20 e 55, Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA—Das 19 e 30 ás 0; juntamente com o Porto, das 19 e 30 ás 22 e 30.

VOZ DE LISBOA—Ás 19 e 30, Artistas portugueses; 20, Variedades em disco; 20 e 20, Musica portuguesa; 20 e 50, Quatro igual a um; 22, Fecho.

POSTOS CENTRALIZADOS—Das 17 ás 19 e 30, Rádio Graça; das 19 e 30 ás 22 Voz de Lisboa; das 22 á 1, Clube Radiofónico de Portugal.

BOLSA DE LISBOA

VALORES	Efectuado	Compra	Venda
Fundo do Estado			
Consolidado 2 3/4 T. 10	789$	789$	789$5
Consolidado 3 % T. 10	880$	879$5	880$
Consolidado 3 1/2 T. 10	986$	985$	987$
Centenários 4 %	2.225$	2.224$	2.227$
Obg. Tesouro 2 1/2 1942	1.000$	995$	1.005$
Externas 1.ª série	1.320$	—	—
Externas 1.ª carimbadas	1.320$	1.300$	—
Externas 3.ª série	—	1.370$	—
Externas 3.ª carimbadas	—	1.370$	—
Cautelas 3.ª série s/juro	—	—	159$
Acções			
Lisboa e Açores por ...	1.725$	1.723$	1.730$
Ultramarino cp. T. p...	450$	448$	453$
Portugal port. T. P. ...	1.800$	1.775$	1.800$
Fidelidade	—	—	95.000$
Nacional...	—	2.100$	—
Aguas Lisboa 1934 T.p.	—	216$	220$
Aguas Lisboa 1936 T.p.	—	—	220$
Cimentos Tejo...	—	—	395$
Cimentos Leiria T. p. ..	—	470$	500$
Crédito Predial port. ...	—	24$	25$
Gás e Electricidade cup	187$5	187$	188$
Alto Alentejo cupão. ..	145$5	145$5	146$
Industrial Aliança... ...	405$	400$	407$
Portugal e Colónias ...	—	395$	400$
Nac. de Navegação T.p.	1.370$	1.365$	1.380$
Colonial de Navegação	—	655$	675$
Port.ª de Pesca T. p....	—	1.125$	—
Port.ª Tabacos cupão...	—	465$	468$
Tab. de Portugal, cupão	625$	625$	630$
União Electrica Port.ª..	—	217$	220$
Cassequel..	—	1.482$	1.490$
Agricola das Neves.. ...	1.330$	1.325$	1.340$
Agricultura Colonial ...	940$	935$	950$
Açucar de Angola... ...	—	3.400$	3.430$
Buzi	273$5	273$	274$
Cabinda...	—	223$	226$
Ilha do Principe	—	1.680$	1.700$
Zambézia T. de 25.. ...	126$	126$	126$5
Moçambique..	173$	172$	173$5
Eléctrica das Beiras ...	1.470$	1.468$	1.470$
Obrigações			
Aguas de Lisboa 5 %..	515$	515$	—
Norte de Portugal 5 %	—	106$	109$
União Eléc. Port.ª 4 1/2	—	98$	—

J. BURNAY, LDA. LIBRAS OURO
Ouro em barra
RUA DO OURO, 72 — TELEF. 21273

Interesses da Figueira

FIGUEIRA DA FOZ, 13—Uma comissão constituída pelos srs. presidente da Comissão de Turismo desta cidade, capitão do porto, comandante Carlos Trindade e Manuel Maria Cardoso, vogais daquela Comissão de Turismo, avistou-se, em Coimbra, com os deputados por este círculo, solicitando-lhes o seu interesse na defesa dos principais melhoramentos que fazem parte de uma série de aspirações da população desta cidade.

MUTUALIDADE
Companhia de Seguros
Seguros em todos os Ramos

O novo director
da Arma de Infantaria
visitou dois aquartelamentos

Prosseguindo nas suas visitas oficiais ás unidades da sua Direcção, da guarnição de Lisboa, o general Pinto Ribeiro, director da Arma de Infantaria, esteve hoje de tarde nos quarteis do Regimento de Infantaria 1 e do Batalhão de Engenhos, na Amadora.

Aquele oficial-general, acompanhado dos srs. brigadeiro Botelho Coelho, inspector da Arma, e coronel tirocinado Costa Lopes, seu adjunto, dirigiu-se primeiramente ao quartel de Infantaria 1, onde lhe foi prestada guarda de honra, por uma companhia devidamente armada, á qual passou revista.

A' entrada da unidade foi recebido pelos 1.º e 2.º comandantes do regimento, respectivamente coronel Barbieri Cardoso e tenente-coronel Sande de Lemos, e pelos oficiais ali em serviço. Na parada principal do quartel, encontrava-se formado, na sua máxima força e devidamente armado, o regimento, com banda de musica e terno de corneteiros.

O general Pinto Ribeiro passou-lhe revista, e a formatura desfilou em seguida, em continência. No gabinete do comando, o general Pinto Ribeiro recebeu as saudações do comandante da unidade, que o felicitou pela sua nomeação para aquele cargo e disse da sua satisfação em o ver na sua unidade. Depois daquele oficial-general ter agradecido as palavras que lhe foram dirigidas, recebeu os cumprimentos dos oficiais que lhe foram apresentados pelo respectivo comandante.

Seguiu-se a visita a todas as instalações do aquartelamento. Dali, o general Pinto Ribeiro, acompanhado do inspector da Arma e do seu adjunto, dirigiu-se para o Batalhão de Engenhos, na Amadora, onde igualmente lhe foi prestada guarda de honra, a que também passou revista. A' porta das armas foi recebido pelos srs. tenente-coronel Mateus Cabral e major Soares Pereira, respectivamente 1.º e 2.º comandantes, e por todos os oficiais que o acompanharam na sua visita ás dependências da unidade. O comandante do Batalhão, em seu nome e no dos seus oficiais, saudou o general dizendo da honra que a sua unidade tinha em recebê-lo.

Ao director da Arma foi depois apresentada a oficialidade, bem como a corporação de sargentos.

O general Pinto Ribeiro manifestou, como o fizera em Infantaria 1, as boas impressões colhidas na visita.

Foi hoje comemorado
o aniversário da batalha das Linhas de Elvas

ELVAS, 14. *(Pelo telefone).*—Para comemorar a data da batalha das Linhas de Elvas, travada em 1659, a bandeira nacional foi esta manhã içada em todos os quarteis da guarnição da cidade, com as honras devidas, ao som da marcha de continência, pelas bandas de clarins e de corneteiros.

Realizou-se uma romagem ao cemitério de São Francisco, onde foram depostas flores no tumulo do general André de Albuquerque de Riba Fria, que morreu em combate. Contingentes militares da praça de Elvas, legionários e rapazes da Mocidade Portuguesa, escuteiros e muito povo, concentraram-se na frente do padrão de Santo Amaro, no sitio dos Murtais, próximo da ermida de São Jorge, que D. Afonso VI mandou erguer, para evocar a batalha.

A' hora a que telefonamos, está a celebrar-se, na igreja da Sé, um «Te Deum» solene, com a assistência das autoridades militares, civis e eclesiásticas.

Foram feitas prelecções, alusivas ao acontecimento, nas unidades desta praça.

Esta noite, os edificios militares e publicos estarão iluminados, havendo, na praça D. Sancho II, a cerimónia do «toque de recolher», á maneira antiga, pelos clarins e corneteiros que desfilarão pelas ruas, á frente das forças militares da guarnição.

Devido à geada
caiu ao rio uma camioneta carregada de açucar e batata

OLIVEIRA DE FRADES, 13.—A camioneta B. G. 13—74, que se dirigia do Porto para Mangualde com um carregamento de açucar e batata, ao passar na ponte de Asie, na vizinha freguesia de Souto, devido ao gelo, derrapou e, deitando abaixo as guardas da ponte, caiu ao rio de uma altura de cerca de 10 metros. Felizmente o motorista e o ajudante sofreram apenas escoriações, tendo sido tratados pelo médico do hospital desta vila. Compareceram os bombeiros com o pronto-socorro, que auxiliados pelo pessoal de um lagar de azeite que está a laborar perto do desastre, socorreram os feridos e salvaram parte da carga, que se encontrava na água.

A camioneta ficou muito avariada e está no seguro.

Portugal não carece
de lições na arte
de irmanar os povos

por *Caetano M. Ribeiro*

E' da sabedoria das nações que há homens, verdadeiramente superiores, dotados de invulgares predicados, que, paradoxalmente, resvalam para a megalomania, convencendo-se de que a Providência lhes confiara a missão de libertadores de povos e de salvadores do Mundo.

Surgiu nos ultimos tempos, no confuso tablado internacional, um grande homem, um dos maiores do Mundo, que se arrogou o direito e a missão de batalhar, com ou sem motivo justificado, em prol dos povos que de qualquer modo estejam ligados ou associados a potências europeias, ou melhor, no seu dizer, ao «imperialismo europeu» e ao «colonialismo».

Não curou de saber, esse vulto, se o seu apostolado seria bem recebido por *todos* esses povos que ele considera «oprimidos», sem qualquer distinção, e, por isso, se dispõe a «libertá-los», na ansia de grangear para o seu país, ao mesmo tempo, a hegemonia política no Oriente.

Mereceram a sua especial atenção os habitantes e os territórios do Estado Português da India, em abundantes declarações e veladas ameaças, aquelas rebatidas e estas rejeitadas por quem de direito: o Governo Português, a Nação inteira e, sobretudo, os próprios indo-portugueses.

Esgotados todos os argumentos levianos, as objurgatórias e as encobertas intimidações, resvalou o pandita Nehru, primeiro-ministro da Republica da India, para verdadeiras infantilidades, como seja a sua afirmação de que Goa é, actualmente, fuloro de largas operações de contrabando e seria, em tempo de paz ou de guerra, base militar ou centro de espionagem, de que poderia perigar a segurança do seu país, vastíssimo e populoso. Foge a todos os lances de imaginação tal ingenuidade por parte de um homem aliás tão preclaro e culto.

Surge agora, como que para socorrer um combalido, a «Comissão em prol da libertação dos 700.000 habitantes dos enclaves estrangeiros» que, recentemente se reuniu em Delhi e elaborou um plano de campanha, «tendente a mobilizar a opinião publica mundial a favor da eliminação dos enclaves estrangeiros na India». O fundador da comissão é o pandita Kunzru, membro do Parlamento e presidente da Associação Central dos Indianos do Ultramar.

Tal «libertação», em ultima análise, representaria a absorção pura e simples dos indo-portugueses, especialmente cristãos, pela colosal massa hindu. Perder-se-iam, assim, quatro séculos de civilização cristã portuguesa que admiràvelmente se adoptou aos territórios do Estado da India, sem prejuizo da espiritualidade da civilização indiana, muito mais antiga que a europeia.

Portugal, na sua grandeza moral, na sua arte de irmanar povos, nunca careceu de lições, seja de quem for. No Oriente, «o Grande Albuquerque deixou a todos aliados, e unidos em causa comum de consanguinidades, e interesses».

Compare-se a ocidentalização de Goa, Damão e Diu com o resto da grande peninsula industanica, onde imperou a orgulhosa Albion; compare-se a tranquilidade que reina nessas parcelas integrantes de Portugal com os constantes desassossegos na União Indiana; estabeleça-se confronto entre a conduta de africanos portugueses e a dos indigenas de Quénia, de Tanganica, das Rodésias e da Africa do Sul; examine-se o viver pacifico e feliz dos indianos estrangeiros, em Moçambique, e o aflitivo dos seus compatriotas nas Africas inglesa e boer.

Dessa análise, mesmo superficial, chegar-se-á á conclusão insofismável de que a disparidade é flagrante. Assim se obterá a chave do segredo da politica cristã humanitária e igualitária que, desde tempos recuados, Portugal implantou, com fecundos e perenes resultados, nos territórios ultramarinos, considerando estes suas provincias, e seus habitantes cidadãos com direitos iguais, sob a Bandeira das Quinas.

E não se diga que essa nobre política de Portugal só favoreceu os cristãos.

Há uns quatro séculos, mais de mil familias do Reino de Guzerate fixaram-se nas praças de Damão e Diu, e mandou o Vice-Rei da India, por provisão de 23 de Novembro de 1557, que os «moradores, e povo de Guzerate, e mercadores estrangeiros, sejam favorecidos como sempre foram» e que «nenhuma pessoa de qualquer qualidade que seja assim padres, como quaisquer outros por nenhuma via lhes quebrem os pagodes, nem entrem em tais casas, nem bulam com seus livros, e cerimónias, e lhes deixem fazer, e usar deles como sempre fizeram, sem lhes impedirem, nem lhes porém duvida alguma...»—provisão que foi confirmada pelos vice-reis, em 1559 e 1572, e, também, pelo Arcebispo Primaz, em 17 de Dezembro de 1615.

Por carta régia de 10 de Março de 1608, escrevia El-Rei de Portugal ao seu Governador: «Encomendo e mando que conserveis o povo infiel, mouros e gentios, que vivem na Fortaleza, e a cidade de Diu, com suas liberdades, e com eles se não mova cousa alguma das que lhes têm concedido os vice-reis passados...» Idêntica recomendação fez D. João V ao Governador-Geral do Estado da India, por carta régia de 11 de Abril de 1720.

E não diga a Associação Central dos Indianos do Ultramar que isso só beneficiou os indianos não-cristãos, em tempos muito recuados, e só em Damão e Diu.

Em Moçambique, onde vivem felizes os compatriotas de Nehru e Kunzru e gozam de regalias identicas ás dos europeus, estrangeiros como eles, e até, em muitos casos, iguais aos direitos dos Portugueses, a politica igualitária e humanitária de Portugal foi e é a mesma.

Em portaria n.º 160, de 7 de Novembro de 1838, subscrita por Sá da Bandeira, então ministro dos Negócios da Marinha e do Ultramar, estabelecia-se:

«1.º—Que nenhuma autoridade, qualquer que ela seja, tem poder legal de privar a um Português dos direitos que a Constituição lhe garante... quer ele seja nativo da Europa, quer da Ásia, ou de Africa, e qualquer que seja a sua cor, casta e crença religiosa.

2.º—Que os Banianes, Parses, Mouros e Gentios nascidos e domiciliados em territórios portugueses da Ásia, e Africa, devem gozar de todos os direitos concedidos pela Constituição, podendo, portanto, residir na Capital, nos Portos, e territórios da Provincia de Moçambique, possuir terras, fazer comércio, estabelecer-se, ou retirar-se dali como, e quando quiserem.

3.º—Que igualmente devem gozar de todos os direitos civis e políticos e nomeadamente dos de serem eleitores, e eleger...».

Verificam-se, de vez em quando, queixumes e pequenos atritos ou desentendimentos na grande Familia Portuguesa? Sem duvida, como é natural em todas as familias, especialmente as constituidas por membros de matizes vários. Onde existe harmonia completa e sem mácula? A história de todos os povos regista fraquezas e glórias, virtudes e defeitos, misérias e opulências, e, no dizer de Churchill, suor, sangue e lágrimas.

Mas, para resolvermos queixumes e aplanarmos desinteligências passageiras, sempre em boa paz e numa nítida compreensão dos nossos deveres cívicos, não carecemos de conselhos externos, nem de intervenções de panditas, que não solicitamos e que, por isso mesmo, rejeitamos, repelimos e não admitimos, por impertinentes. Em nossa casa, mandamos nós.

São indestrutiveis os vinculos morais, sociais e políticos que unem o Portugal ultramarino ao Portugal metropolitano, porque eles derivaram do universalismo da alma lusíada e se firmaram, em bases sólidas, no seu humanismo universalista.

Em carta de 4 de Abril de 1755, escrevia o governador-geral e capitão-general de Moçambique, Francisco de Melo de Castro, ao Governador dos Rios de Sena:

«Aonde há em que escolher, bom é que seja do bom o melhor, mas adonde isto falta, é também preciso acomodar do pior com o menos mau».

Os Nehrus e os Kunzrus que acomodem do pior—que, em excessiva abundancia, existe no seu país—com o menos mau, que nós, os Portugueses da India, e, a bem dizer, os de todo o Ultramar, escolhemos do bom o melhor—Portugal—C. M. R.

N. da R.—*«Não nos foi possivel dar publicidade a este artigo, enquanto o seu autor, membro do corpo redactorial do nosso prezado colega «Noticias», de Lourenço Marques, se encontrava de férias em Portugal. O artigo, porém, não perdeu a sua oportunidade, para mais que tem a subscrevê-lo a autoridade de um indo-português.*

O prof. François Perroux
é esperado hoje em Lisboa

Amanhã, pelas 21 e 45, o professor francês François Perroux, esperado hoje em Lisboa, realiza na Faculdade de Direito de Lisboa uma conferência subordinada ao tema: «L'économie du «Don»: sa theórie est-elle un paradoxe dans le capitalisme contemporain?».

François Perroux, antigo professor de Economia Politica na Faculdade de Direito de Lyon e actual professor da mesma disciplina na Faculdade de Direito de Paris e no Institut de Sciences Politiques, é autor de algumas obras do mais alto valor cientifico e da maior projecção na actualidade, nomeadamente «La Valeur», «Le Revenu National» e «Les comptes de la Nation».

Depois de amanhã, o professor Perroux partirá para Coimbra, cuja Universidade vai distingui-lo com o grau de doutor «honoris causa».

DISTINÇÃO NECESSARIA

Tem que fazer a sua apresentação? E quer fazê-la distintamente? Mande executar imediatamente a sua placa de cobre para bilhetes estampados em relevo. E' de rigor e revela a sua posição social. Verá que não o confundem. ANIBAL GRAVADOR — Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA. Casa especializada.

O núncio apostólico
visitou hoje as oficinas de S. José

Monsenhor Fernando Cento, nuncio apostólico de Sua Santidade, visitou hoje as Oficinas de São José, onde foi recebido pelo provincial da Congregação Salesiana, padre Agenor Vieira Fontes, pelo director, padre Armando Monteiro, por outros sacerdotes e por alguns benfeitores, entre os quais as sr.as duquesa de Palmela, D. Antonieta de Sá Carneiro, condessa de Penha Garcia e D. Teresa de Orey Pinto Basto e o sr. D. Pedro Escórcio da Camara, e pelos alunos internos e externos, formando alas, entre as quais passou, no meio de ovações, enquanto a banda tocava uma marcha.

O aluno Fernando Caló saudou o nuncio, pela sua função e pela dedicação á Obra Salesiana, dizendo ser grande a alegria de todos por lhes ser dedicada a sua primeira visita e fazendo votos para que a sua estadia em Lisboa seja duradoura e eficaz, para bem da Igreja e para bem de Portugal.

Monsenhor Fernando Cento disse, em português, estar muito satisfeito por se encontrar entre quem se educa numa casa de Salesianos, afirmando o seu afecto paternal:

—Daqui a poucos dias, celebrareis a festa a D. Bosco, o apóstolo incansável que inteiramente se dedicou ás crianças e aos jovens. Ser aluno dos seus filhos é, para vós, uma graça, uma glória e uma responsabilidade.

Uma graça, pois ali aprenderão a ser bons cristãos e cidadãos integérrimos; uma glória, pois D. Bosco é um dos maiores e mais insignes educadores da História, tendo conseguido formar gerações de herois e de santos, entre os quais Domingos Savio, que este ano será elevado ás honras dos altares; uma responsabilidade, pois a formação que eles recebem, para a vida, naquele colégio, os obriga a ser amanhã como Deus quer e os seus superiores esperam que venham a ser, honrando, assim, a bandeira salesiana.

— Todos, portanto—concluiu—conhecedores desta graça, desta glória e desta responsabilidade, vos esforçareis por ser hoje alunos exemplares e amanhã homens que honram a Pátria e a Igreja.

Em seguida, monsenhor Fernando Cento abençoou todos os presentes, na parada, enquanto os alunos gritavam: «Viva o nuncio!», ao que ele respondeu: «Viva D. Bosco!».

Em seguida, o nuncio de Sua Santidade orou na capela e visitou todas as instalações, com as oficinas a trabalhar, tendo elogiado tudo quanto viu, e escrito, no «Livro de Honra», que se congratulava pela obra realizada, abençoando a Casa, os benfeitores e os alunos.

A' margem da semana

RECREIO

Ao inquérito feito pela revista «Bem Viver» da direcção da poetisa Fernanda de Castro, inquérito submetido á pergunta:

«Qual é para si o recreio ideal?» o pintor Carlos Botelho deu a seguinte resposta:

«O que é para mim recreio, verdadeiramente recreio? Nada que os homens tenham inventado, estou farto das invenções dos homens! O que verdadeiramente me repousa é andar a pé, mexer na terra, tratar das couves, regar as flores... E' assim mesmo... quando estou estafado, pego na enxada e cavo o quintal».

Como vemos, o artista torna as palavras recreio e repouso sinónimos, e cremos que tem razão. No nosso tempo super-civilizado, trepidante, atordoante, o repouso é recreio, o unico recreio salutar. E repousar não é pròpriamente estar quieto, é fugir das invenções dos homens e regressar ao contacto com a terra, isto é, apoiar nela os pés, senti-la sob os nossos passos; cultivá-la nos seus frutos e nas suas flores, com a consciência de que nos alimenta e nos recreia, e nos oferece o que há de mais belo no Mundo e de mais estável e menos artificial.

Nunca precisámos tanto desse regresso á terra, dessa intima comunhão com a Natureza, dessa consciência que lhe pertencemos e que ela nos pertence. Valem mais os passos que damos com os nossos pés, do que os centos de quilómetros que percorremos em estonteantes velocidades, de automóveis e aviões. Precisamos de ver com os nossos olhos os esplendores do dia e da noite, e não através de vidros de cores que nos entristecem a visão. Precisamos de ouvir o mar e o vento, o gorgear das aves e o murmurio do arvoredo, que nos descansem da voz estridente dos altofalantes.

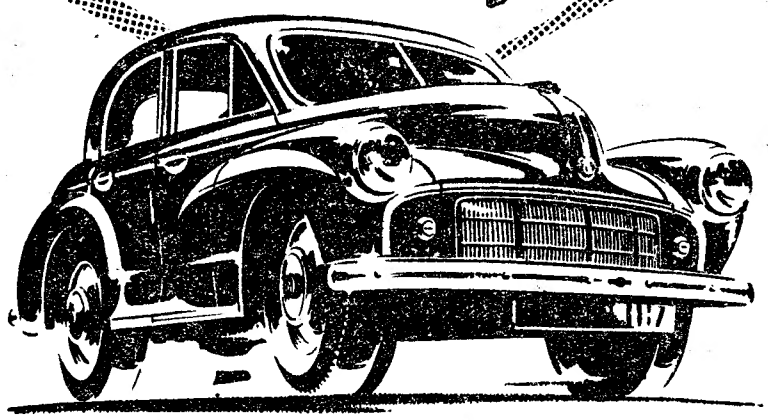
Sim, realmente, estamos cansados das invenções dos homens, posto que algumas se nos tenham tornado indispensáveis. Mas seria bom que deixassem alguns rincões da Natureza tais como Deus os fez, para nosso descanso e nosso recreio, sem que a civilização lhes viesse anular o simples e salutar encanto.

M. C.

A crise italiana

ROMA, 14—Amintore Fanfani, presidente do Conselho designado, terminou esta manhã as consultas políticas de sondagem, com vista á formação do novo ministério, recebendo Enrico de Nicola, ex-chefe de Estado e presidente do grupo misto do Senado.—(F. P.).

Um GRANDE Carro pequeno



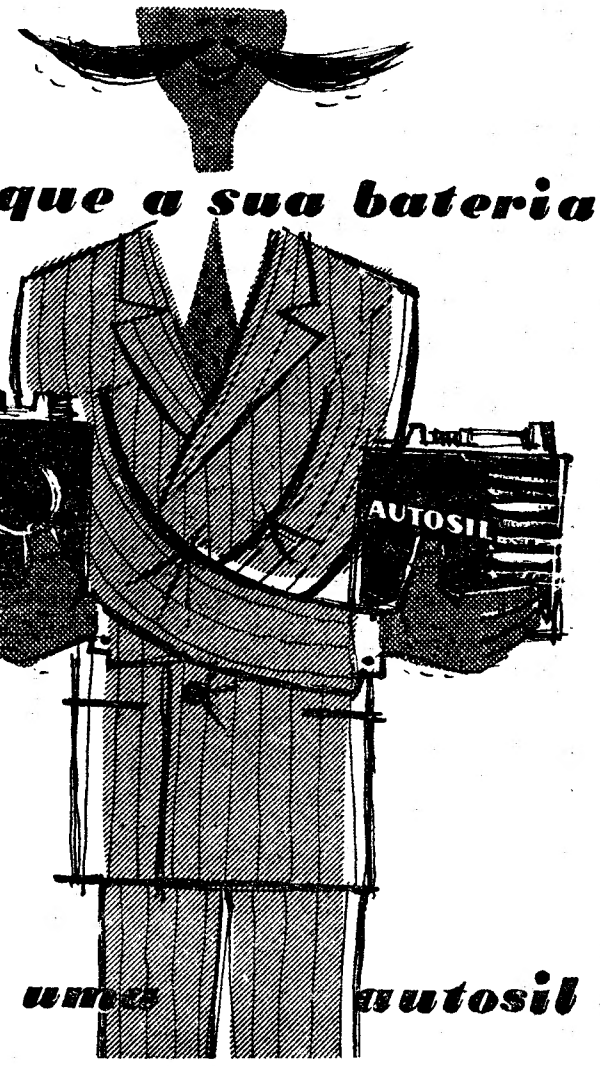
MORRIS Minor

Sim!... Pequeno no tamanho... mas **grande** na qualidade :

CONFORTO — PERFEIÇÃO — ELEGANCIA ECONOMIA

Agora ao conduzir um MORRIS MINOR, com o seu novo motor de válvulas à cabeça, terá, mais do que nunca, a ilusão de conduzir um carro grande.

DISTRIBUIDORES GERAIS :
A. M. ALMEIDA, LDA.
39, RUA DA ESCOLA POLITÉCNICA — **LISBOA**
AGENTES EM TODO O PAIS



troque a sua bateria por uma autosil

NO SEU FORNECEDOR
OU NOS ESTABELECIMENTOS
DA FÁBRICA AUTOSIL
EM LISBOA — Avenida 24 de Julho, 26-B
NO PORTO — R. Firmeza, 502

Aguada de Baixo
(Ligada á estação de caminho de ferro de Oliveira do Bairro

Todas as estações de Caminho de Ferro aceitam a despacho mercadorias para a localidade de Aguada de Baixo

No Despacho Central instalado em Aguada de Baixo aceitam-se a despacho mercadorias para qualquer estação de Caminho de Ferro ou para qualquer localidade servida pela camionagem combinada.

PIANOS
Verticais e de Cauda
ALUGAM-SE
EST. VALENTIM DE CARVALHO, Lda.
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

O «Diário de Lisboa» vende-se, em Agueda, no Café Jardim.

«ASTRAL»

A influência dos astros que rege a criação e evolução de todo o ser ou indivíduo. Horoscopos, p/ informação 1500 em selo. GAVISE, C. de Santos, 3-2.º, D.—LISBOA.

Não receie a viagem

Mande reservar imediatamente o seu lugar no «Foguete» que circula entre Lisboa e Porto e tem ar condicionado.

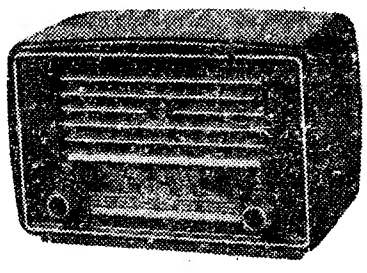
Comodidade — Segurança e Velocidade

O primeiro vinho de mesa nacional

PÉ DA VINHA
CALDEIRA, L.DA

PELES
David KIT
Avenida Sidónio Pais, 24 — LISBOA
Telefone 48089
Rua de Santo António, 99 — PORTO

CONTRA AS FRIEIRAS
USE
APYROL
O PRODUTO PREFERIDO DESDE 1933



Modêlo S-306-U
Esc. 1.850$00
SIERA
para os que apreciam
RÁDIO
Todas as correntes e todas as ondas

SENHORES AUTOMOBILISTAS
Visitem-nos e saberão da vantagem das cintas «PANSER-RINGEN». Evita furos nas camaras e rebentamento das lonas dos pneus
GARAGEM SANTA LUZIA
RUA D. ESTEFANIA, 109-111 — LISBOA
Telef. 45277

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

"SANTA MARIA" * "VERA CRUZ"

LINHA AMERICA DO SUL
Serviço rápido de luxo

PAQUETES	DESTINOS	PARTIDAS (às 12 horas)
«VERA CRUZ»	Rio de Janeiro e Santos	5 de Fevereiro
«SANTA MARIA» com escala por Funchal	Salvador, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires	25 de Fevereiro

LISBOA — R. DE S JULIÃO, 63
Telefones n.os 30131 a 30138
PORTO — RUA INFANTE D. HENRIQUE, 9
Telefone 23342

MILHARES de utensílios de cozinha fabricados por ALMIM com alumínios puros estão transformando o ARDUO TRABALHO DAS DONAS DE CASA num verdadeiro prazer!

COMPRE louças de alumínio em formatos originais e preços excepcionais na
ALMIM
R. do Loreto, 61, sobre-loja
LISBOA

TEMAS ECONOMICOS

Agradar á maior parte

Desde o ano de 1916, pouco mais, pouco menos, os Estados e as classes patronais vêm procurando melhorar a situação económica, por vezes bem difícil, dos seus funcionários, empregados e operários.

Com este intento se têm decretado subvenções e estabelecido aumentos de salários, umas e outros para remediar males de que todos mais ou menos amargamente costumam queixar-se.

Todavia, as providências até agora adoptadas, como tem sucedido quase por todo o Mundo, também entre nós surtiram sòmente razoáveis efeitos num espaço de tempo bem curto. Decorridos breves meses, os males agravam-se e a situação de cada um, que até certo ponto era apenas difícil, passou então a considerar-se verdadeiramente insustentável.

E' que á acção, vinda dum lado, corresponde uma forte reacção provinda de outro e caracterizada mesmo por uma impetuosidade, ou demoníaca furia, que parece querer subverter tudo e todos.

O facto tem-se repetido sempre, quer dentro das nossas portas, quer mesmo para além das nossas fronteiras, e pode, por isso, assentar-se que o aumento de jornas, longe de resolver as questões, mais as complica e está, por isso, absolutamente contra-indicado para que com ele se consiga a verdadeira resolução de assunto de tamanho melindre.

Aumentando os Estados as suas despesas, e maiores salários recebendo os trabalhadores, Estados e patrões procurarão fazer subir as suas receitas: recorrendo aos impostos os primeiros, subindo os preços os segundos.

Assim se cria um ciclo vicioso de onde se não conseguiu sair ainda, nem de que jamais se viria a sair, a continuar-se em tal repetição de insucessos acumulados.

Se o aumento de jornas faliu—e os factos demonstram que assim tem sucedido—se com ele não se atingiram os fins em vista, torna-se necessário, ao que parece, observar o problema pelo lado oposto, na mira de obstar á insuficiência do nível alimentar do povo português, baixo nível que, segundo se escreveu e ficou provado num largo inquérito da Comissão Nacional da F. A. O., não é dos que mais convém.

O problema será de mais fácil solução para os países com grandes domínios coloniais, embora de modesto desenvolvimento agrícola, como Portugal, Bélgica e outros; ou que possuam extensos latifundios; como América, Argentina e Brasil.

Esses Estados poderão, muito mais facilmente do que quaisquer outros, pôr em execução o parecer sensato e oportuno do conceituado prof. Sousa da Camara, que em Maio ultimo afirmou ao «Diário de Lisboa»:

«Para o povo cumprir a sua missão social tem de ser bem alimentado».

Com as ideias assestadas a esse desejo—que imperiosa necessidade é—e fixados ou ajustados ordenados e salários, partindo de determinado índice de valorização, procurar-se-ia a baixa de produtos e de artefactos.

Sabe-se positivamente que há uns géneros bem mais ricos do que outros, isto é, cuja margem de lucros é maior e, nalguns casos, mesmo exagerada.

Começando por abrandar o preço desses, lentamente, decorrido certo tempo, se poderia ir em procura dos menos ricos para, por sua vez, igualmente descerem de preços, embora em percentagens mais modestas.

Lembremo-nos que o prof. Marcelo Caetano, quando ministro das Colónias, afirmou num discurso proferido em Julho de 1945:

«O mal das empresas capitalistas está geralmente em perderem de vista a função social do dinheiro, para se absorverem na conquista do lucro sem contemplação por outros interesses».

Se, por cuidadosos e repetidos inquéritos, feitos por indivíduos honestos e competentes, se verificar que há, na verdade, «absorpções na conquista do lucro sem contemplação por outros interesses», mais fácil se apresentará o problema para uma solução benéfica e rápida. Rápida e benéfica, que a todos agrade ou, pelo menos, que agrade á maior parte...

Não estamos lá muito inclinados a aplaudir inteiramente, nem em concordar, dum modo absoluto, com a afirmação dum «fundista» de «O Século» que, em 26 de Abril de 1947, escreveu:

«Produzir barato e vender caríssimo é a regra a que está sujeita, há uns poucos de anos, a economia nacional».

Mas, mesmo que acreditemos que há um certo exagero em tão audaciosa afirmação, desejariamos que alguns inquéritos fossem determinados para se chegar a uma conclusão certa e, possivelmente, a uma solução que viesse confirmar aquela desejada «alteração profunda da estrutura económica que nos permitisse assegurar o pleno emprego e a melhoria do nível da população», apregoada e ardentemente desejada pelo dr Manuel Belo, que aos estudos económicos tem dedicado o melhor dos seus esforços, empregado a sua magnífica inteligência e fartos conhecimentos.

E podia ser que, assim, se viesse a saír daquele ciclo vicioso em que andamos tristemente metidos vai já para 37 anos seguros.

A verdadeira dificuldade, a maior de todas elas, consiste em dar princípio, em encontrar o fio perdido em meada de linhas profundamente embaraçadas numa confusão diabólica.

JOÃO IVO

A Academia

começou hoje os trabalhos deste ano

Pela primeira vez neste ano, reuniu-se, esta tarde, a Classe de Ciências da Academia de Lisboa, sob a presidência do prof. dr. Egas Moniz, secretariado pelo prof. dr. Pereira Forjaz.

Antes da ordem do dia, por sugestão do prof. Egas Moniz, os académicos da referida classe associaram-se, espiritualmente, ás comemorações do centenário do nascimento do prof. Gama Pinto, que estão a decorrer no Instituto Oftalmológico, de que foi fundador. Os académicos presentes foram, depois, elucidados pelo prof. Pereira Forjaz, acerca do numero de inscrições para concurso á concessão de bolsas de estudo pela Academia das Ciências de Nova York. A Academia—disse—registou 18 inscrições: 7 Agrónomos, 2 Químicos, 3 Físicos, 2 Veterinários, 2 Matemáticos, 1 Biologista e 1 Meteorologista. Destes, a Academia terá de excluir três. Essa escolha será devidamente estudada pelos sócios da classe e dela se terá conhecimento posteriormente.

Por fim, já dentro da ordem do dia, os académicos profs. Celestino da Costa e António de Sousa Camara apresentaram as suas anunciadas comunicações, respectivamente, sobre «Neuro-secreção» e «Rotura de cromossomas».

Após a sessão da classe de Ciências, a Academia reuniu-se em sessão plenária, presidida pelo sr. dr. Julio Dantas, que agradeceu a todos os académicos presentes a prova de confiança que lhe haviam prestado, ao escolherem novamente o seu nome para a presidência daquela academia.

Um representante de cada das classes fez, depois, o elogio do sr. dr. Julio Dantas, enumerando as sobejamente conhecidas qualidades que possui e as quais levaram os académicos a reconduzi-lo no cargo que tem exercido com tão profícua eficiência.

A greve dos electricistas

continua na Grã-Bretanha

LONDRES, 14 — Continua a greve em cadeia dos electricistas—greve de guerrilha. Duzentos empregados nos Estabelecimentos de Pesquisas sobre as Armas Atómicas, de Aldermaston, resolveram cessar o trabalho hoje, como 240 electricistas da refinaria de petróleo de Ellesmere Port.—(F. P.).

OS TERRORISTAS DA MAU-MAU

repelidos durante um assalto deixaram 3 mortos no campo

NAIROBI, 14.—Um lavrador europeu e sua mulher tomaram parte num combate a tiro e repeliram um bando de 60 a 100 homens da Mau-Mau, que hoje atacaram a sua herdade em Kinangop, cerca de 80 quilómetros ao Norte de Nairobi.

Segundo as primeiras notícias aqui recebidas pela Polícia, o sr. e a sr.ª Glimwood mataram 3 terroristas. Os terroristas mataram um africano, pelo menos.—(Reuter).

Um avião filipino despenhou-se quando tentava aterrar no aeroporto de Roma

Morreram 16 pessoas

ROMA, 14 — Morreram 16 pessoas quando um avião comercial quadrimotor se despenhou hoje nos suburbios de Roma. O avião, que pertence á Philippine Airlines, aproximava-se para aterrar no aeroporto de Ciampino, procedente de Manila.

Testemunhas oculares disseram que o avião voara sobre o aeroporto com um motor incendiado, procurando um espaço aberto para aterrar. Passou junto dos telhados de um grande bloco de edifícios em construção e embateu no solo explodindo com grande ruído.

Os destroços espalharam-se por uma vasta área, incluindo neles centenas de cartas provenientes de Hong-Kong, Tóquio, Manila e outros locais do Extremo-Oriente, dirigidos aos países europeus e á América do Norte e África do Sul. A Polícia, que examinou os destroços, disse que não encontrara uma só parte do avião maior que um metro quadrado.

Soube-se que viajavam a bordo do avião algumas autoridades oficiais americanas e certo numero de passageiros britanicos. A agência em Roma da Philippine Airlines disse julgar que o avião tinha a bordo 7 passageiros, mas que estava a tentar confirmar o numero exacto.

Um pedreiro que trabalhava no edifício em construção próximo do local do acidente declarou: «Pensei que era o fim do Mundo. Todo o edifício de 8 andares estremeceu violentamente. Pedaços do avião subiram a grande altura. Quando olhei em volta vi avião, passageiros e carga espalhados em pequenos bocados por uma área superior a um quilómetro quadrado».

A parte da frente da fuzelagem abriu uma trincheira de seis metros de profundidade no terreno. Os motores revolveram o chão, antes de se desintegrarem.

Segundos depois do desastre, caiu forte chuva das nuvens que pairavam sobre Roma e saiu vapor dos destroços em chamas. Toda a área do desastre era uma fogueira com lama, dentro de poucos minutos.—(Reuter).

*

ROMA, 14.—O avião DC6 da «Philippine Air Lines», que se despenhou perto de Ciampino, provocando a morte de todos os ocupantes—9 passageiros e 7 tripulantes—não devia fazer escala em Roma, mas desviou-se do itinerário, que o levaria a Beirute, para tentar uma aterragem de recurso. Era pilotado pelo aviador filipino Feliciano Jones. Crê-se que os aparelhos de rádio de bordo se avariaram, pois não avisou a torre de comando da chegada.

Ás 12 e 40, o aparelho continuava a arder, estando enterrado uns dez metros no solo. Os destroços exalam um calor intenso, impedindo que as brigadas de socorro se aproximem. Os bombeiros tentam dominar o fogo com os seus aparelhos especiais. Grande multidão acorreu ao local do desastre, num arrabalde de Roma, perto de um dos mais populosos bairros desta zona. A Polícia faz barragens e o próprio prefeito dirige o serviço da ordem.—(France Presse).

ALJEZUR

Todas as estações de Caminho de Ferro aceitam a despacho mercadorias para a vila de Aljezur assim como aceitam a despacho pequenos volumes para a localidade de Odeceixe.

No Despacho Central instalado em Aljezur aceitam-se a despacho mercadorias para qualquer estação de Caminho de Ferro ou para qualquer localidade servida pela camionagem combinada.

No Posto de Despacho instalado em Odeceixe aceitam-se a despacho pequenos volumes para qualquer estação de Caminho de Ferro ou para qualquer localidade servida pela camionagem combinada.

No seu próprio interesse, utilize este serviço combinado.

A LUTA NA INDOCHINA

Aguarda-se a terceira fase da batalha por Senô

SAIGÃO, 14.—Está tudo a postos no Médio Laos, e a terceira fase da batalha por Senô começará dentro de 48 horas—é o que se depreende das informações militares recebidas esta manhã. Ainda se não pode prever de que lado partirá a iniciativa do ataque, mas tudo leva a crer que, se o general Giap não resolver lançar até amanhã o seu novo ataque, do Norte de Donghenne em direcção á base aero-terrestre de Senô, o general Henri Navarre desencadeará as operações dentro de três dias, forçando o Vietminh ao combate.

As observações de ontem confirmaram que o Vietminh reagrupou as suas forças a 40 kms. ao Norte de Donghenne. A circunstancia do general Giap parecer querer atacar pela segunda vez no mesmo terreno, na mesma direcção, tende a provar que as suas bases logísticas, os seus depósitos de munições e de abastecimento foram organizados unicamente nesta região com vista a uma batalha que esperava ganhar na primeira volta, enquanto a táctica francesa o obrigou a retirar e a reagrupar-se antes de tentar novo assalto em direcção a Senô.

Entretanto, o Vietminh ainda não lançou o ataque ao campo entrincheirado de Dien Bien Phu ,a uns 300 kms. a Oeste de Hanoi e a noite passada foi tranquila. Os defensores franco-vietnamianos multiplicam as patrulhas de reconhecimento para tentarem fazer prisioneiros e sondar o dispositivo do adversário. Os aviões de caça e de bombardeamento insistem nos seus ataques ás zonas onde o Vietminh concentrou os depósitos de munições e abastecimento.—(F. P.).

Inverno ou Primavera?

Já há ameixas maduras no Bairro da Encarnação

Há fenómenos da Natureza, tão fora do comum, na flora, como na fauna. E, apesar de termos passado, aqui em Lisboa, por uma onda de frio polar—menos de dois graus, por mais do que uma vez—as plantas mantêm o seu comportamento normal ou anormal, consoante lho determina a natureza e independente do próprio clima. Pelo menos, é isso o que se pode concluir de uma carta que nos envia o nosso prezado leitor, o sr. Bento Dias Pontes, morador no Bairro da Encarnação, Rua 6, porta 18. Tem ali um pequeno horto e, neste, uma frondosissima ameixeira-ouro do Japão. Pois segundo nos diz o nosso amável informador, os botanicos podem lá ir ver um belo fruto, já em perfeito estado de maturação e de crescimento normal. Apareceu numa das hastes mais altas da árvore e quase sem apanhar o rijo Sol, doirou-se e amadureceu no unico braço que se encontra entrelaçado noutro. Nenhum outro ramo procurou essa posição, adquirida, aliás, porque, sem querer, o seu proprietário assim o deixou, quando em Agosto findo colhia as ultimas ameixas.

Diz-nos o sr. Dias Pontes e com razão: se não há outra explicação — admitamos que a Natureza tem os seus caprichos bem inesperados!

ASSEMBLEIA GERAL

Esta noite, ás 21 e 30, realiza-se a assembleia geral ordinária da Casa de Lafões, para discutir o relatório do ano findo e eleger os novos corpos gerentes. A segunda convocação está marcada para as 22 horas.

POLICLINICA DE ARROIOS

PRAÇA DO CHILE, 14-1.º — Telefone 42414

Dr. Aires de Sousa—Raios X e Radioterápia, 16 horas.
Dr. Eurico Alves Pereira—Clínica geral, 18 h.
Dr. Cabral Sacadura-Cir. geral e partos, 17 h.
Dr. Dias Amado—Análises clínicas, 14 h.
Dr. João dos Santosss — Doenças nervosas e mentais, 14,30 h.
Dr.ª Laurinda Alambre-Doenç. senhoras, 13 h.
Dr. Luís Andrade—Ouvidos, naris e garganta, 15 e 18,30 h.
Dr. Mário Ruas—Rins e vias urinárias, 17 h.
Dr. Monteiro Grilo—Doenças dos olhos, 16 h.
Dr. Paiva e Costa—Boca e dentes, 15 h.
Dr. Paradela de Oliveira-Doenç. crianças, 12 h.
Dr. Pina Monteiro—Coração e pulmões, 17 h.
Dr. Ramos Chaves—Pele e sífilis, 15 h.
NEBULIZAÇÕES DE PENICILINA

A falta de acordo em Berlim

não significa rompimento de negociações

(Continuação da 1.ª página)

to ao local da conferência. Assim, não lhes foi possivel tratar de vários preparativos técnicos indispensáveis que dependem do local onde a conferência se realizar».—(F. P.).

Não se trata do malogro definitivo das negociações?

BERLIM, 14.—Circulos britanicos informam que o comunicado tornado publico hoje não se deve tomar como malogro definitivo das conversações preparatórias. Um informador americano declarou que as conversações, que duraram mais de quarenta horas, em quatro sessões, tinham sido conduzidas em atmosfera amigável, mas que a parte soviética não tinha manifestado indicios de ceder terreno.

O delegado soviético, Dengin, tinha mencionado dois locais possiveis para as sessões da conferência, no Leste de Berlim—a embaixada soviética e o Q. G. da Alta Comissão Soviética. Dissera que a embaixada era «o edificio mais conveniente e apropriado» e sugerira a sede da Alta Comissão como alternativa, se a embaixada não fosse aceitável, com o argumento de que estava acreditada junto de um Estado não reconhecido pelas nações ocidentais.

Funcionários britanicos e franceses recusaram-se a fazer comentários sobre as possiveis consequências de uma suspensão das conversações preparatórias, onze dias antes da data marcada para o inicio da conferência ministerial. Afirmaram, porém, que a Russia se tinha comprometido muito fortemente no sentido de que a data fosse 25 de Janeiro, para se arriscar a poder ser culpada pelo Ocidente por qualquer atraso.—(Reuter).

Não houve surpresa em Bonn

BONN, 14.—A noticia da interrupção das conversações relativas á fixação do local da Conferência dos Quatro não causou surpresa nos circulos aliados de Bonn. Salienta-se, nesses circulos, que a duração das discussões, representando um total de 45 horas, de forma alguma se justifica, dado o assunto debatido. O acordo deveria realizar-se sem quaisquer dificuldades, partindo de um principio universalmente admitido nas relações internacionais, isto é, que a potência a quem cabe a presidência de uma conferência indica o local da reunião. No caso presente, porém, a presidência da conferência é alternada entre os quatro ministros dos Negócios Estrangeiros, isto é, lógicamente, em cada quatro reuniões, uma realizar-se-ia em sector soviético. Deste forma, afirma-se, a igualdade indispensável entre as quatro potências representadas em Berlim seria inteiramente respeitada. A teimosia dos Sovietes em pretenderem impôr que, em cada duas reuniões uma se realize em sector soviético, é tanto menos compreensivel quanto é certo que desde 1948 todas as conferências quadripartidas que se realizaram em Berlim se reuniram alternadamente em cada um dos sectores. E', além disso, paradoxal ao verificar-se que para esta conferência preparatória, os Sovietes aceitaram o principio de uma reunião em sector soviético sobre quatro, enquanto para a conferência dos Quatro exigem a aplicação de uma proporção de uma sobre duas. —(F. P.).

O que se pensa em Washington

WASHINGTON, 14.—Segundo os circulos que lidam de perto com o Departamento de Estado, convém acolher com certa reserva as informações vindas de Berlim que anunciam uma «rotura de negociações» quanto á escolha do local para a Conferência dos Quatro. Por outro lado, os diplomatas americanos recusam-se a aceitar a ideia de que um acordo acerca do local da conferência se tornou impossivel. «A expressão, «rompimento de negociações» é talvez exagerada»—declarou um alto funcionário do Departamento de Estado, que acrescentou: «Talvez se trate só de uma nova «paragem». Esperemos pelo relatório do representante dos Estados Unidos em Berlim».—(F. P.).

O delegado russo aguarda instruções

PARIS, 14.—Os trabalhos dos delegados dos quatro altos-comissários em Berlim de forma alguma foram interrompidos, mas apenas suspensos—declaram os observadores diplomáticos franceses.

Costa que, se não houve possibilidade de acordo, na reunião de ontem, acerca do local da conferência, foi porque o delegado soviético estava á espera de novas instruções do seu Governo—talvez por isso mesmo, a sessão durou treze horas: á espera de instruções que, afinal, não chegaram. —(France Presse).

Londres não perdeu a esperança

LONDRES, 14—Apesar do compasso de espera verificado nas conversações preliminares de Berlim, os círculos oficiais britanicos continuam esperançados em que a Conferência dos Quatro possa efectuar-se, como está previsto, em 25 do corrente.

No Foreign Office, já se recebeu o relatório do general Coleman, comandante do sector britanico de Berlim, acerca da reunião de ontem. Os especialistas estudam o texto e não fazem comentários.—(F. P.).

A conferência será adiada?

PARIS, 14 — Utilizando os telegramas das agências noticiosas, os dois jornais «Le Figaro» e «L'Aurore», a propósito da conferência de Berlim. crêem saber «que os Russos desejariam que a Conferência dos Quatro fosse adiada para Março».—(F. P.).

Coreia

As negociações preliminares devem prolongar-se durante oito dias

PAN-MUN-JON, 14—Edward Martin, chefe-adjunto da secção dos assuntos chineses no Departamento de Estado, e um delegado norte-coreano, reuniram-se esta manhã na zona neutra a fim de estudarem as dez condições eventuais para um reatamento das conversações preliminares á Conferência Politica da Coreia. O delegado americano começou por insistir na necessidade, antes de se discutir qualquer assunto, de uma retratação pelos comunistas, da acusação de «perfidia» lançada contra a delegação dos Estados Unidos durante a sessão de 12 de Dezembro ultimo, e poder-se assim corrigir a acta que diz respeito a essa sessão.

O representante comunista declarou que as conversações preliminares deveriam recomeçar «imediatamente e incondicionalmente, a fim de se ir ao encontro dos votos das populações pacíficas do Mundo inteiro». Acrescentou que não via qualquer razão para que fosse corrigida a acta referente á sessão de 12 de Dezembro. Depois de duas horas e vinte minutos de discussão, a sessão foi levantada e marcado novo encontro para amanhã.

Ao findar a reunião, Edward Martin declarou á Imprensa que os comunistas se limitam a sugerir uma data para a reabertura das conversações preliminares e certas correcções nas minutas das negociações.

Por outro lado, Kenneth Young, representante do Departamento de Estado, que não participou na reunião de hoje, disse que as conversações actuais poderiam durar uns oito dias e sugeriu que as correcções pedidas possam ser feitas pelo secretariado. Um observador sul-coreano assistiu áquela reunião.—(F. P.).

A questão dos prisioneiros

PAN-MUN-JON, 14—O general Thimaya comunicou hoje á Comissão Neutra de Repatriação a atitude «unilateral» da India no que respeita os prisioneiros a repatriar. Essa atitude será exposta aos correspondentes da Imprensa ás 18 horas locais.

Segundo informações dignas de crédito, as forças indianas preparar-se-iam para entregar, em breve, os prisioneiros que se encontram sob a sua guarda, aos respectivos comandos que os detinham antes de serem confiados á comissão neutra. Estas mesmas informações dizem que esta entrega de prisioneiros poderia efectuar-se no próximo dia 19.—(F. P.).

*

PAN-MUN-JON, 14—A India participou aos comandos aliado e comunista que lhes entregará os cerca de 22.000 prisioneiros a repatriar em 20 do corrente.—(F. P.).

A explicação do general Thimaya

PAN-MUN-JON, 14—Na carta que enviou aos dois comandos adversários, o general Thimaya declara que na qualidade de presidente da Comissão Neutra, chegou á conclusão de que «o unico processo legal, correcto e pacífico praticável, é entregar os prisioneiros á guarda das partes que os detinham antes, imediatamente—até 23 do corrente». Acrescenta que a India toma esta decisão porque as Nações Unidas e os Sino-coreanos não conseguiram chegar a acordo sobre a repatriação dos detidos na zona neutra e os termos do acordo de armistício relativos aos prisioneiros não foram aplicados.

O general Thimaya pede aos comandos aliado e comunista que aceitem começar a encarregar-se dos prisioneiros em 20 do corrente ás 9 horas locais, respectivamente nas fronteiras Norte e Sul da zona desmilitarizada. Pede resposta até 16 do corrente.

Um informador indiano disse a propósito da carta: «E' a decisão final. Não há necessidade de votação pela Comissão Neutra».—(F. P.).

A presença

dos soldados americanos na Europa

LONDRES, 14—Comentando o discurso de politica estrangeira pronunciado ontem pelo secretário de Estado norte-americano, Foster Dulles, o «Daily Telegraph» desta manhã declara que é agora mais necessário do que nunca que os soldados americanos fiquem na Europa, porque «a sua presença tem um efeito considerável no moral dos europeus, além de que estes têm necessidade de manter esse moral para repelirem qualquer avanço russo, em massa, em direcção á Europa ocidental». «Sejamos francos» —escreve aquele jornal—«pois a verdade é que sem a garantia que dá a presença dos soldados americanos, é provável que os Europeus não teriam, nem desejo, nem poder para resistir. A presença de soldados americanos na Europa estimula mais a resistência ao comunismo que o saber-se que existem «stocks» de bombas atómicas acumulados do outro lado do Atlantico». O mesmo jornal acrescenta que «a bomba atómica não chegaria, por si só, para repelir um ataque soviético» e conclui: «Seria primeiro necessário repelir um ataque antes de utilizar a bomba atómica no plano táctico».—(F. P.).

O poderio naval da Russia

WICHITA FALLS (Texas), 14—«Sabeis que a Marinha de guerra soviética, como poderio naval, vem logo a seguir á Marinha de guerra americana!?»—declarou Robert Anderson, secretário de Estado da Marinha, num discurso que pronunciou em Wichita Falls. O ministro, depois de afirmar que a Russia soviética constroi, neste momento, mais cruzadores, contratorpedeiros e outros barcos de guerra de que os Estados Unidos ou qualquer outro pais da N. A. T. O., acrescentou: «Parece que a U. R. S. S. se decidiu a tornar-se uma das primeiras potências marítimas do Mundo. O que isto significa para a segurança dos povos livres é caso para reflectir. abemos e reconhecemos a ameaça que pesa sobre as esquadras da N. A. T. O., pelo facto da U. R. S. S. ter hoje uma frota de 350 submarinos».—(F. P.).

O rearmamento alemão

BONN, 14.—Os projectos de lei tendentes a modificar a Constituição da Republica Federal, a fim de permitir a organização das forças militares alemãs, foram apresentados ao Parlamento, onde a maioria governamental resolveu enviá-los ás comissões competentes.—(F. P.).

CARMEN SEVILLA

no Aquário

A gerência do Restaurante Aquário tem o prazer e a honra de comunicar aos seus Ex.mos Clientes e amigos, a presença no próximo domingo, á hora do jantar á americana da encantadora e simpática artista cinematográfica CARMEN SEVILLA.

A ilustre artista que, depois da sua triunfal viagem a Portugal para assistir á estreia do filme «Violetas Imperiais» se retira para Espanha na próxima segunda-feira, vem por especial deferência para com o Aquário, receber carinhosa recepção dos frequentadores deste categorizado e elegante restaurante, sendo de esperar uma noite cheia de alegria sevilhana, que marcará mais um triunfo na recepção que Lisboa faz a esta ilustre artista que captou inteiramente o coração do publico português.

Marcam-se mesas para este jantar á americana que vai ser o rendez-vous elegante das homenagens prestadas á querida e inolvidável artista, pelo telefone 34782 e 27393.

FRIEIRAS

Trat. eficaz com PIODERMOL. A' venda nas farmácias e boas drogarias. Dep. P. SIDUS—R. S. Paulo. 108-Lisboa

Açôrda de Sável

Um prato regional do «Ribatejano»
SALVATERRA DE MAGOS

LOTARIAS POPULARES

A CASA DA SORTE

avisa os seus estimados clientes de que esgotou a lotaria popular para a extracção desta semana. Tem, porém, já á venda a lotaria da próxima semana, também popular, com um primeiro prémio de 1.000 Contos a que habilitam bilhetes que custam apenas 100$00.

Pelo correio, mais 2$50 para portes do correio e registo.

CASA DA SORTE

Lisboa-Porto-Coimbra-Braga-Luanda